

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Programa de Pós-Graduação em Teologia

DIEGO NASCIMENTO SILVA

PERCURSO HISTÓRICO-TEOLÓGICO DO ECUMENISMO
À LUZ DO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO

MESTRADO EM TEOLOGIA

SÃO PAULO
2022

DIEGO NASCIMENTO SILVA

**PERCURSO HISTÓRICO-TEOLÓGICO DO ECUMENISMO
À LUZ DO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO**

MESTRADO EM TEOLOGIA

Dissertação apresentada à Banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em teologia, sob a orientação do prof. Dr. Ney de Souza.

SÃO PAULO

2022

Banca examinadora

AGRADECIMENTOS

Elevo ao Espírito Santo, autor da comunhão e da Unidade, a minha mais humilde oração de agradecimento, pois Ele que, na fragilidade de minha existência pecadora, fez-me encontrar com o amor de Deus revelado em Jesus Cristo, dando-me a possibilidade de a cada dia responder a esse amor que se entregou por mim na mais pura gratuidade.

Agradeço à minha família, de modo especial, meus pais que me transmitiram a fé e continuam sendo os meus alicerces, oferecendo-me todos os valores que um homem pode desejar para se tornar um ser humano digno.

Agradeço a Igreja, minha mãe, em especial a Diocese de São Miguel Paulista, na pessoa do bispo diocesano Dom Manuel Parrado Carral, que me proporcionou a estrada da formação acadêmica.

Repleto de gratidão, agradeço a PUC-SP, de modo todo especial ao meu orientado professor doutor Ney de Souza que com formidável maestria, atenção e dedicação me conduziu na elaboração desta dissertação.

Agradeço a todos que, mesmo não sendo citados aqui, são importantes na minha vida.

Deus os ilumine e os proteja. Muito obrigado!

DIEGO NASCIMENTO SILVA

**PERCURSO HISTÓRICO-TEOLÓGICO DO ECUMENISMO
À LUZ DO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO**

Esta dissertação buscou traçar o percurso histórico-teológico do Ecumenismo para percorrer a estrada da unidade Cristã, buscando o que há em comum entre o Catolicismo, de modo especial na ótica do magistério do Papa Francisco, e as Igrejas Históricas. Nesse sentido, a presente pesquisa buscou olhar para a estrada dos fatos históricos que marcaram o Cristianismo, Partindo da prece rezada por Jesus no evangelho de João, que já indica claramente que a divisão entre cristãos é um verdadeiro escândalo para o mundo, trago também os principais conflitos no seio do Cristianismo que, conseqüentemente, desembocaram no surgimento de novas igrejas cristãs separadas da Igreja Católica. Os cismas trabalhados no início desta pesquisa, longe de serem os únicos que aconteceram, foram aqui abordados na perspectiva de que, com eles, novas comunidades nasceram. E o choque dessas igrejas com a Igreja que, até então possuía o monopólio foi trágico e extremo, pois ambos os lados, nas controvérsias, usaram de acusações e violência, chegando até ao assassinato de cristãos de ambos os lados. Embora muitos passos já tenham sido dados para um diálogo, o último século (XXI) tem sido marcado por um 'retorno' dos pensamentos religiosos extremos que menospreza todo o caminho realizado até aqui no diálogo ecumênico, colocando assim em descrédito o próprio Evangelho. Diante desse quadro, é urgente resgatar o sentido e o propósito do Ecumenismo, pois a partir dele não apenas o Evangelho será anunciado com mais credibilidade, como também o próprio campo do Ecumenismo se mostrará como o caminho, já iniciado e continuamente trilhado, para abrir mais e mais portas para a compreensão de que o "outro", por professar a fé de modo diferente, não é um inimigo a ser combatido, mas um irmão a ser acolhido. E se o Vaticano II foi um divisor de águas para a Igreja; nos dias atuais, o catolicismo vive, apesar das resistências e oposições, um momento fecundo de renovação gerado a partir da eleição de Francisco, que claramente demonstra pensar e viver uma eclesiologia marcada pelo Concílio. a partir dos gestos e dos ensinamentos de Francisco, reacender a chama dos trabalhos ecumênicos, pois há muito ainda por fazer, pois o ecumenismo não é um adendo da Igreja, mas sim parte fundamental da sua forma de pensar e agir no mundo, principalmente diante do crescente número de grupos radicais e fundamentalistas.

Palavras-chave: Divisão – Caminho – Papa Francisco.

DIEGO NASCIMENTO SILVA

**THE HISTORICAL-THEOLOGICAL COURSE ECUMENISM BY THE
LIGHT OF POPE FRANCIS TEACH POSITION**

This dissertation sought to trace the historical-theological course of the ecumenism down the road of the Christian unity, looking at what is there in common in Catholicism, by the special optics of Pope Francis' teaching position, and the historical churches. In this way, this research looked for the historical events that have marked the Christianity, left of the prayer made by Jesus in the gospel of John, indicates very clearly that a division between Christians is a real scandal to the world, also bringing the major conflicts inside the Christianity, all this led the emergence of new Christian churches separated of the Catholicism. The schisms that worked in the beginning of this research, far from being the only ones, were addressed here in the perspective that with them, new communities have been born. And the shock between churches, that was one someday, was tragic and extreme, because both sides in the dispute used accusations and violence even drawing to homicides in the two sides. Even though big steps were made to take this to a dialogue, the last century (XIX), have been marked by the extremism among the religious thoughts, that despises those steps to get this ecumenic dialogue, putting into discredit the Gospel itself. Given this picture, the urgent need to recover the meaning and the purpose of the Ecumenism, because from it not only the Gospel would be announced with more credibility, as well the Ecumenism field will show itself as the way, started and followed through, to open more doors to the understanding that the other ones faith, professed in a different way, is not an enemy to be fought, but one more brother to be welcomed. The Vatican II was a watershed to the church itself; in the present days, even through oppositions, the Catholicism lives in a time of renewals, caused by the election of Francis that seems to live an ecclesiology marked by the Council. On the basis of Francis gestures and lessons, the flame of the ecumenical works reascend, because there is a lot to be made, the ecumenism isn't an addendum to the Church, but a fundamental part of your way of thinking and acting in the world, specially in front to the increasing number of radical groups and fundamentalists.

KEY-WORDS: Division - Course - Pope Francis

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I: A UNIDADE E OS CONFLITOS DOS PRIMÓDIOS DO CRISTIANISMO ATÉ O SÉCULO XVI	12
1.1 A Unidade quebrada	12
1.2 A Questão Donatista	17
1.3 O Cisma Monofisista	25
1.4 O grande Cisma de 1054	31
1.5 A Reforma Protestante e a Contrarreforma	35
CAPÍTULO II: O ECUMENISMO: CAMINHO DE RECONCILIAÇÃO	41
2.1 Concílio Vaticano II: Marco histórico no diálogo ecumênico	42
2.2 Breve histórico das iniciativas ecumênicas anteriores ao Vaticano II e a posição oficial da Igreja Católica	45
2.3 Os Papas do Concílio Vaticano II: João XXIII e Paulo VI	47
2.4 O Concílio Vaticano II como o mais ecumênico de todos os Concílios	51
2.5 Decreto <i>Unitatis Redintegratio</i> : semente lançada no coração da Igreja e do mundo	54
2.6 O Ecumenismo nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI	60
CAPÍTULO III: PAPA FRANCISCO, BISPO DE ROMA: CORAÇÃO ABERTO PARA ACOLHER, AMAR E DIALOGAR	76
3.1 <i>Urbi et Orbi</i> : para os católicos e para os “não católicos”	77
3.2 O pontificado de Francisco, as novas perspectivas ecumênicas e as oposições ao seu magistério	79
3.3 Somos Um! A consciência para o despertar ecumênico nas pequenas esferas do catolicismo	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	94

“O Ecumenismo foi um crescimento vigoroso de flores: o desejo de conversar, depois de séculos; o desejo de transformar-se em semente, de cair na terra, de deixar de ser o que era para ser outra coisa. Possibilidade de ‘nascer de novo’ – o velho voltando a ser criança”. (Rubem Alves)

INTRODUÇÃO

Existem aqueles que defendem a ideia de que o Ecumenismo está fadado a ser esquecido ou apenas lembrado como um “perto de mãos”, mas sem compromisso autêntico. Será isso mesmo? Se a divisão entre os cristãos mancha o anúncio do Evangelho por ser um contratestemunho, não será então o momento de reavivar os ânimos e as forças para persistir no caminho do diálogo e do respeito pelo outro, trabalhando com abertura e fraternidade os pontos que separam os cristãos?

Por isso, antes de se debruçar sobre tal temática que levanta inúmeras questões, é preciso voltar o olhar para o próprio conceito da palavra Ecumenismo: “Todo universo habitado”. Esse é o significado da palavra grega *OIKOUMENE* que se traduz como Ecumenismo, compreendido hoje como o esforço empenhado na busca pela Unidade Cristã.

Todavia, essa palavra nem sempre foi empregada com esse sentido que envolve todos os cristãos e não apenas os católicos. Nos primeiros séculos do Cristianismo, a Igreja designava, com essa palavra, a assembleia dos seus representantes, na maioria das vezes bispos, vindos das mais diversas partes do mundo.

Os símbolos da fé que foram desenvolvidos nos Concílios Ecumênicos, sobretudo os de Niceia (325) e Constantinopla (381), também carregavam o caráter ecumênico no sentido de transmitirem a fé universal da Igreja. Somente depois de séculos de discórdias, brigas, violência, divisões e acusações mútuas entre os cristãos, gerando novas igrejas, que o conceito passou a ser entendido como um processo de construção da Unidade.

Olhando para a história percebe-se que séculos já se passaram desde aquele evento em 1054, quando o cardeal do ocidente, Humberto da Silva Cândia (1000/1015-1061), e o Patriarca de Constantinopla, Miguel Cerulário (1043-1058) excomungaram-se reciprocamente, criando uma ferida no Cristianismo. Muito tempo já se passou desde aquela posição final do Concílio de Trento (1545-1563) que, diante da Reforma Protestante, afirmou que

qualquer pessoa que pensasse de forma diferente aos ensinamentos católicos deveria ser excomungada (*anathema sit*).

Não se pode apagar os erros do passado, e essas lembranças se tornaram um obstáculo para a relação entre as Igrejas, pois “a dificuldade para curar a memória de perseguição, marginalização e exclusão mútuas explicam, ao menos em parte, porque os costumes e a linguagem das Igrejas frequentemente assumem conotações polêmicas na relação entre elas”¹.

Embora as divisões, que se estenderam por inúmeros anos, não possam ser anuladas em apenas uma ou duas gerações, um bom caminho já foi trilhado na direção de uma maior compreensão de si mesmo e do outro, como também no diálogo com as Igrejas que se separaram da Igreja Católica.

O século XX, mesmo marcado por acontecimentos trágicos e sangrentos, acendeu uma luz na estrada rumo ao respeito e ao diálogo entre as Igrejas: após décadas de brigas, nascia o Movimento Ecumênico, ainda que incompreendido pela Igreja Católica. Foi o desabrochar de iniciativas que levaram as Igrejas, primeiramente, a uma autocrítica e, depois, a uma abertura ao outro que professa doutrinas diferentes.

No ambiente católico romano, tanto o Papa João XXIII, quanto o Concílio Vaticano II com sua carta magna sobre o Ecumenismo, *Unitatis Redintegratio*, lançaram as bases firmes para o diálogo e salientaram que o movimento ecumênico é uma ação do Espírito Santo.

O Concílio Vaticano II continua sendo a fonte de inspiração para os trabalhos e as iniciativas em busca da Unidade, mas, nos tempos hodiernos, todo o esforço ecumênico parecer correr o risco de se tornar apenas uma ideia ou atitudes que foram tomadas no passado, mas que não dizem mais nada na atualidade. Isso porque a finalidade do Ecumenismo ficou um tanto quanto esquecida, relegada apenas a documentos e encontros em dias solenes.

Outro fator que merece atenção é o crescente número daqueles “cristãos” que, em nome da tradição, renegam e até mesmo combatem o Ecumenismo. Esses são, muitas vezes, os que usam da religião como instrumento de alienação, de ideologia e até mesmo como ferramenta que mais exclui do que une; tudo isso ornado de ódio e fundamentalismo.

¹ KASPER, Walter. *Que todas sejam uma: o chamado à unidade hoje*. São Paulo: Loyola, 2008. P. 36.

Por isso, em meio ao perigo de tornar relativo tudo o que já foi feito até aqui no Ecumenismo, desponta a figura do Papa Francisco que, com seu jeito próprio de ser, vem resgando o ideal do caminho ecumênico, principalmente com gestos e atitudes concretas.

Nesse sentido, a presente dissertação, desenvolvida em três capítulos, busca apresentar o fundamento bíblico-teológico do Ecumenismo e as grandes divisões que marcaram a história do Cristianismo; mostrando também que a partir do Concílio Vaticano II foi aberto um caminho de diálogo entre a Igreja Católica e as demais Igrejas nesse empenho ecumênico. Sobretudo, a pesquisa coloca o pontificado do Papa Francisco como o novo impulso do próprio Espírito Santo e, portanto, como fonte para novas iniciativas que contribuam para a construção da Unidade desejada por Jesus de Nazaré.

As páginas escritas desta pesquisa não se colocam na forma de uma simples narrativa de fatos históricos, mas se propõem a um exercício da memória, tecendo fios de reflexão que, olhando para a história, ajudem a construir caminhos que levem ao testemunho de cristãos que se respeitam, que se querem bem e que vivem em concórdia, principalmente diante do espetáculo do mal que se propaga nos discursos de ódio e nas posturas fundamentalistas; afinal há mais em comum entre os cristãos do que aquilo que os separa.

Nos esforços de reavivar os gestos, encontros e iniciativas ecumênicas, como não trazer à memória o Ecumenismo de sangue, ressaltado diversas vezes pelo Papa Francisco nos encontros com líderes de outras Igrejas? O martírio de cristãos não é algo do passado, mas continua acontecendo nos dias hodiernos.

Não são poucos os atuais fratricídios religiosos cometidos contra os irmãos; e neles os carrascos não se interessam em saber qual denominação pertence aquele “infiel”, mas basta ser cristão para sofrer as consequências de sua fidelidade a Jesus Cristo. Não será esse testemunho de católicos, luteranos, ortodoxos, coptas e muitos outros que nos ajuda a caminhar rumo a Unidade? Afinal, a esperança é que um dia todos estejam reunidos na Igreja dos justos (Abel).

O martírio de muitos cristãos coloca em evidência que o Ecumenismo não é uma organização, mas uma abertura da própria forma de pensar e agir das Igrejas, pois, caso não parta de uma sincera conversão a Jesus e aos irmãos, tornar-se-á semelhante à água do mar: tem muita, mas não mata a sede.

E sobre as dificuldades que se apresentam nos trabalhos ecumênicos, basta lembrar e se deixar guiar pelas palavras do profeta Samuel: “Até aqui o Senhor nos socorreu” (Cf. I Sm 7, 12).

Capítulo I

A UNIDADE E OS CONFLITOS DOS PRIMÓRDIOS DO CRISTIANISMO ATÉ O SÉCULO XVI

“Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti: que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste”. (Jo 17, 21)

O presente capítulo percorrerá a estrada dos fatos históricos que marcaram o Cristianismo. Partindo da prece rezada por Jesus no evangelho de João e os pequenos entraves entre os próprios apóstolos, abordar-se-á os principais conflitos no seio da cristandade que, conseqüentemente, desembocaram no surgimento de novas igrejas cristãs separadas da Igreja Católica, quebrando a unidade querida e desejada por Jesus.

Os cismas trabalhados nestas páginas, longe de serem os únicos que aconteceram, foram aqui abordados na perspectiva de que, com eles, novas comunidades nasceram; cada uma com sua doutrina, moral e profissão de fé, levando, mesmo assim, o nome de cristãs. O choque dessas igrejas com a Igreja que, até então possuía o monopólio foi trágico e extremo, pois ambos os lados, nas controvérsias, usaram de acusações e violência, chegando até ao assassinato de cristãos, seja do lado da Igreja Católica, seja das novas igrejas cristãs.

1.1 A Unidade quebrada

A oração de Jesus, conhecida como oração sacerdotal, no capítulo 17 do Evangelho de João, abarca não apenas um pedido ao Pai, para que os discípulos permanecessem na unidade, mas também coloca a própria comunhão como elemento fundamental para que o mundo tenha fé de que Ele é o Messias, o Filho do Deus vivo (Cf. Mt 16, 16).

Entretanto, a unidade, querida por Jesus e ‘sacramento’ daqueles que são discípulos do Senhor – “nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13, 35) –, foi, ao longo da história do Cristianismo, sendo fragilizada por pensamentos, posições e atitudes, gerando

conflitos e rompimentos que persistiram por séculos sob o véu das condenações, da intolerância e do próprio ódio. E hoje, mesmo com caminhos já trilhados e diálogos estabelecidos, a ferida das divisões não foi curada totalmente, deixando o caminho para a unidade uma estrada frágil de se percorrer.

As posições ferrenhas e os desejos de vanglórias não são características apenas dos seres humanos religiosos que se tornaram símbolos das grandes divisões no Cristianismo. Os textos sagrados nos dão testemunhos de que até mesmo entre os apóstolos havia pensamentos que, ainda que não quebrassem a unidade, geravam intrigas e desordens.

No Evangelho de Lucas, capítulo 9, versículo 46, o autor sagrado narra o fato de que entre os apóstolos houve uma discussão sobre quem seria o maior. Em outras palavras, quem seria o mais importante para Jesus e, por consequência, quem sempre teria a “razão” em seus lábios. Esse embate vaidoso foi narrado por Lucas, uma segunda vez, no capítulo 22, dentro da cena da instituição da Eucaristia.

Nessa ocasião, a resposta de Jesus – “os reis das nações as dominam, e os que as tiranizam são chamados Benfeitores. Quanto a vós, não deverá ser assim; pelo contrário, o maior dentre vós torne-se como o mais jovem, e o que governa como aquele que serve” (Lc 22, 24-26) – mostra que os critérios de organização, ministérios e serviços na comunidade do Senhor não são pautados segundo os valores da sociedade e que as relações não podem ser guiadas segundo o pensamento dos reinos deste mundo.

Nas comunidades paulinas, marcadas pelos seus atritos e dificuldades, o Apóstolo Paulo lembra que a unidade precisa ser mantida sempre no espírito da humildade que reconhece a importância do outro – “nada fazendo por competição e vanglória, mas com humildade, julgando cada um os outros superiores a si mesmo [...]” (Fl 2, 3), – pois somente assim a paz seria mantida e a unidade preservada.

Entretanto, o que se viu no decorrer da história cristã foi uma tomada de postura que mais fomentava discórdias e divisões, do que a própria unidade; contrariando o desejo de Jesus expresso na sua oração. Já na época das perseguições com os chamados *Lapsi* (caídos, denominados também de *traditores*, ou seja, traidores) – cristãos que abandonaram a fé durante as perseguições e depois desejavam voltar à Igreja – e, posteriormente com a

expansão do Cristianismo e o advento dos pensamentos que destoavam da fé que se acreditava comumente (as heresias), grandes foram os embates teológicos e eclesiais que, ao mesmo tempo que firmavam a “verdadeira fé”, criavam pequenos cismas no coração do Cristianismo.

Nos três séculos que duraram as perseguições, os cristãos tiveram que enfrentar, além do martírio, algumas crises que se revelariam mais tarde como causas de futuras controvérsias e debates ideológicos, mas levando, por outro lado, à consolidação lenta, mas firme da formulação do dogma cristão².

Nas implacáveis perseguições contra os cristãos, destacam-se as perseguições sistemáticas: Imperador Décio (249-251), Diocleciano (284-305); e as perseguições localizadas: Imperador Nero (54-68), na cidade de Roma, Plínio da Bitínia (62-114) inúmeros foram os cristãos que derramaram o seu sangue como testemunho da fé em Jesus. Porém aconteceu também que outros, diante do sofrimento ou para evitá-lo, abandonaram a fé e a Igreja. Em uma carta datada de 112, dirigida ao Imperador Trajano, Plínio, que era um legado romano na região da Bitínia, descreve sua atitude em relação àqueles que, diante das acusações, renegavam a fé, prestando culto aos deuses romanos:

É meu costume referir todas as minhas dificuldades a ti, *domine*, pois ninguém é mais capaz de resolvê-las e ajudar-me em minha ignorância. Eu nunca estive presente em um “exame” de cristãos. Portanto, eu não sei a natureza nem a extensão dos castigos normalmente infligidos a eles, nem a base para começar uma investigação, nem até onde devem ser pressionados. Eu não sei se deve ser feita uma distinção em relação às idades, ou se os jovens e adultos devem ser tratados semelhantemente; se o perdão deveria ser concedido a qualquer um que negasse suas crenças, ou se ele uma vez professado cristão não ganharia nada em renunciar a sua crença; e se o mero nome de cristãos deve ser punido, mesmo inocente de crimes, ou se os crimes estão associados ao nome. Durante o momento, esta é a linha que eu tomei com todas as pessoas trazidas até a mim na acusação de ser cristão: pergunto para as pessoas se elas são cristãs, e se eles admitem, eu refaço a pergunta em um segundo e terceiro momento, avisando que uma punição estaria os esperando. Se persistem, mando-os serem levados para a execução; devido a natureza de sua admissão, eu fico convencido que a sua inabalável obstinação não deveria deixar de ser punida. Havia outros fanáticos semelhantes que são cidadãos romanos. Coloquei-os na lista de pessoas a serem enviadas a Roma para o julgamento. Agora

² VERDETE, Carlos. *História da Igreja Católica: Das origens até ao Cisma do Oriente (1054)*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 99.

que comecei a lidar com este problema, como tão frequentemente acontece, as acusações tornam-se mais comuns. Um panfleto anônimo circulou com um número de nomes de pessoas acusadas. Entre estes, considerei que não deveria punir aqueles que negaram terem sido cristãos e que repetiram as “orações” para os deuses oferecendo contribuições de vinho e incenso a sua estátua (que eu havia mandado trazer para este propósito, junto com as imagens dos deuses), e além disso haviam ultrajado o nome de Cristo, nenhuma destas coisas, em meu entendimento, seriam feitas por cristãos genuínos. Outros, cujos nomes foram dados a mim por um delator, primeiro admitiram serem cristãos e então o negaram; disseram que tinham deixado de ser cristão a dois ou mais anos, e alguns deles a mais de vinte anos. Fizeram reverência à sua estátua e para as imagens dos deuses da mesma maneira que os outros, e ultrajaram o nome de Cristo. Eles também declararam que o total da soma de sua culpa ou erro elevou-se a não mais que isto: tinham encontros regulares antes da alvorada, em um dia fixo cantavam e recitavam versos alternadamente entre si em honra a Cristo, como se ele fosse um deus, e também tinham um juramento, sem qualquer propósito criminal, mas sim para absterem-se de roubos, saques, adultérios, não cometerem abuso de confiança e não negarem um depósito quando chamados a pagar. Depois desta cerimônia, tinha se difundido o costume de comer alimentos de espécie inofensiva; mas já haviam abandonado estas práticas desde que meu decreto, emitido através de suas instruções, proibiu todas as sociedades políticas. Isto me fez decidir que era necessário extrair a verdade através de torturas de duas escravas, que eles chamavam de diáconos. Eu não encontrei nada mais do que um tipo de seita carregada de cumprimentos extravagantes. Portanto, eu adiei quaisquer outros “exames” e apressei-me em consultá-lo. A pergunta me parece, ser digna de sua consideração, especialmente em vista do número de pessoas ameaçadas; indivíduos de várias idades e classes, tanto homens quanto mulheres estão sendo trazidos a julgamento, e isto é possível continuar. Isto não acontece apenas nos povoados, mas as aldeias e os distritos rurais são infectados por contato com esta seita ordinária, porém me parece possível deter e corrigir. Constatamos, em efeito, que os templos antes desertos estão começando a serem frequentados e que os atos religiosos há muito tempo suspensos são de novo celebrados; já se vendem as carnes para o sacrifício que há pouco tempo tinham poucos compradores. Com isso podemos deduzir facilmente que uma grande quantidade de pessoas pode ser recuperada se lhes for dada a oportunidade do arrependimento³.

O relato trazido por Plínio de que muitos cristãos, interrogados, negaram ou renunciaram a fé, evidencia uma problemática no seio da própria Igreja, pois a forma como os *lapsi* deveriam ser tratados formou opiniões diversas e, conseqüentemente, divisões.

³ STADLER, Thiago David. *Arrependimento e Cristianismo em Plínio, o Jovem*. Disponível em: <https://www.academia.edu/11451504/Arrependimento_e_cristianismo_em_Pl%C3%ADnio_o_Jovem>. Acesso em 01 set. 2020. p. 8-9.

Com o fim das perseguições, muitos que tinham abandonado a fé, desejavam voltar ao seio do Cristianismo; diante dessa realidade, três são as posturas que mais se destacaram: Os condescendentes, os duros e os intermediários. Para os condescendentes, todo cristão (confessor) que sofrera durante as perseguições e que tinha sobrevivido, poderia oferecer a um cristão *lapsos* a oportunidade do retorno sem nenhum tipo de imposição. Para os chamados duros, que tinha como líder um sacerdote romano chamado Novaciano, os *lapsi* jamais poderiam voltar à Igreja, uma vez que, durante a perseguição, negaram a fé. A terceira posição em relação aos *lapsi* era defendida pelo bispo de Cartago, Cipriano. Uma postura mais moderada que, a partir das decisões de um Sínodo, aplicavam penitências para que os caídos pudessem ser readmitidos.

O bispo *Caecilius Cyprianus* de Cartago, num discurso sinodal intitulado *De Lapsis*, ‘sobre os caídos’, após o término da perseguição em 251 d.C., não só louvou os perseverantes, mas tentou apresentar aos caídos ‘um remédio para as feridas’ que seria revelado pela misericórdia divina. Ele interpretou as determinações imperiais não tanto como perseguição (*persecutio*), mas mais como prova divina (*exploratio*) para uma Igreja que havia abandonado sua estrada justa. Consequentemente, todo aquele que houvesse sacrificado (*sacrificati*) não poderia voltar a ser admitido ao sacramento da eucaristia sem prévio reconhecimento público da culpa e a imposição das mãos por um presbítero, não valendo para isso, de modo algum, uma “carta de paz” emitida por algum confessor⁴.

A controvérsia em torno da questão dos cristãos caídos ficou mais acirrada quando, apoiado por Cipriano, o presbítero Cornélio – que tinha uma postura moderada com os *lapsi* – foi eleito como bispo de Roma, (251). Contrariando essa decisão, Novaciano – rigorista em relação aos caídos – apoiado por cristãos que tinham sobrevivido às perseguições, foi eleito antibispo de Roma; “nada mais se sabe dele: o cemitério dito de Novaciano, existente em Roma [...], e a inscrição aí encontrada, dedicada a um ‘Novatiano beatíssimo martyri’, muito provavelmente não se referem à nossa personagem”⁵.

⁴MARKSCHIES, Christoph. De Meados do século II até o Final do século III. In: KAUFMANN, Thomas; KOTTJE, Raymund; MOELLER, Bernd; WOLF, Hubert. *História Ecumênica da Igreja: Dos primórdios até a Idade Média*. São Paulo: Paulus, Sinodal, Loyola, 2010. p. 59-60.

⁵PIERINI, Franco. *A Idade Antiga 1*. Curso de história da Igreja. São Paulo: Paulus, 2018. p. 111.

Entretanto, um sínodo ocorrido em Roma confirmou a eleição de Cornélio, apoiada por Cipriano e excomungou Novaciano. Dessa briga surgiu um movimento cismático novacionista: “os novacianos queriam constituir-se como uma comunidade de puros ou santos. Mais tarde, no Oriente, chamaram-se de cátaros. Os católicos que entravam para a seita eram rebatizados. Perduraram até o século VII, difundindo-se mais pelo Oriente⁶”. Essa divisão no Cristianismo não foi a única nascida por causa da problemática dos *lapsi*, conforme ver-se-á adiante. Embora tenham sido cismas regionais, não deixaram de causar profundas e graves divisões e, conseqüentemente posições e oposições cada vez mais ferrenhas e intolerantes.

1.2 A Questão Donatista

A divisão, conhecida como controvérsia donatista, ocorreu mais fortemente na África, embora o donatismo tenha se espalhado por outras regiões durante os séculos em que se seguiam os embates cristãos, gerando assim uma nova comunidade cristã, que ficará conhecida como os cristãos donatistas.

Na África setentrional romana uma grave sucessão de erros começou no século IV. Os fiéis estavam separados em duas partes que se opunham violentamente. No coração da controvérsia estavam duas atitudes fundamentais em conflito. Ambas tinham sido por muito tempo características do Cristianismo na região, mas no contexto mudado do século IV tornaram-se mutuamente exclusivas⁷.

Durante a perseguição do Imperador Diocleciano, muitos cristãos, leigos e clérigos, obedecendo ao Edito do imperial, entregaram as Sagradas Escrituras para serem destruídas. Tal atitude era vista como uma falta gravíssima contra o próprio Jesus: “No norte da África, entregar as Escrituras às autoridades imperiais era considerado por alguns um pecado hediondo, tão ímpio quanto oferecer sacrifício ou derramar libação aos deuses imperiais”⁸.

Passada a perseguição e com a Igreja já próxima do Estado, aproximação que começou com o Imperador Constantino (285-337), “os chefes da Igreja eram

⁶ MONDONI, Danilo. *O Cristianismo na Antiguidade*. São Paulo: Loyola, 2014. p. 122.

⁷ DALE, T. Irvin; SCOTT, W. Sunquist. *História do movimento cristão mundial: do cristianismo primitivo a 1453*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 213, v. 1.

⁸ DALE, T. Irvin; SCOTT, W. Sunquist. Op. Cit. 2004. p. 215.

convidados a cooperar com as mesmas autoridades que apenas poucos anos antes os mandavam à arena para morrer”⁹, ao mesmo tempo em que tinham que lidar com os cristãos que, durante a perseguição, foram fracos na fé e se tornaram apóstatas, mas que desejavam voltar ao seio da comunidade com o fim das perseguições.

O embate começou a dividir a comunidade quando, de um lado estavam os que eram indulgentes com os ‘traidores’ e, do outro lado, estavam os que eram intransigentes. Os cristãos rigoristas defendiam que os leigos que tivessem traído a fé deviam ser rebatizados e os clérigos traidores tinham perdido o poder de administrar os sacramentos de forma válida. Sendo assim, todos os sacramentos celebrados por um bispo ou padre que tinha sido um *lapsi* eram nulos ou inválidos; isso porque, para os rigoristas, “estava em jogo a santidade da Igreja, pois o Espírito Santo não podia ser transmitido por meio do ministério dos que tinham cometido o pecado de trair Jesus Cristo”¹⁰.

Em 311, morreu Mensúrio, bispo de Cartago, e para o seu lugar fora escolhido o diácono Cecílio. Mas além de não ser bem quisto por supostas acusações, sua consagração aconteceu sem a presença dos bispos da Numídia e, para agravar a situação, um bispo que participou da consagração de Cecílio era considerado como *lapsi*.

Por longo tempo fora tradição no norte da África que os bispos da Numídia participassem da consagração do bispo principal de Cartago, mas Cecílio foi consagrado sem a presença deles. Além disso, no parecer de muitos, ele tinha um passado questionável. Sete anos antes, durante a grande perseguição, quando ainda era diácono, Cecílio impedira que membros da família de um grupo de prisioneiros cristãos levassem alimento a seus parentes (os cárceres romanos não tinham refeições, por isso, sem as refeições vindas de fora, os prisioneiros morriam de fome). A gota d’água para alguns foi que um dos bispos que participaram da ordenação de Cecílio, Félix de Aptunga, fora tido como *traditor*¹¹.

Diante desses fatos, os bispos da Numídia se reuniram em um Sínodo em 312, condenando Cecílio pelos atos de sete anos antes, afirmando que sua ordenação fora inválida elegendo, então Majorino como bispo de Cartago. Pouco

⁹ Ibidem. p. 213.

¹⁰ Ibidem. p. 214.

¹¹ Ibidem. p. 214.

tempo depois, sucedeu o presbítero Donato (personagem cujo nome foi associado ao cisma donatista). Cartago agora estava dividida entre dois bispos, e os cristãos eram convocados a se identificarem com um ou com outro. Esse conflito gerou uma divisão aberta no século IV, formando assim uma nova igreja separada da Igreja Católica, os donatistas.

Preocupado com a paz e a unidade do próprio Império, Constantino acolheu o processo levado pelos donatistas sobre a questão de Cecílio. O imperador decidiu colocar esse julgamento nas mãos do bispo de Roma Miltíades que, em 313, reuniu um Sínodo para que junto com outros bispos decidissem sobre a controvérsia.

Por três dias o sínodo examinou a questão e resolveu em favor de Cecílio, contra os donatistas, oferecendo-lhes e lhes facilitando os meios de se reconciliarem com a Igreja. Mas os donatistas não aceitaram esta decisão e julgando que o sínodo de Roma não atendera suas razões, apelaram de novo ao imperador Constantino¹².

Novamente o Imperador decide atender o pedido e, em 314, convocou um Sínodo em Arles. As questões foram retomadas e analisadas, decidindo-se, pela segunda vez, a favor de Cecílio e, mais ainda, a prática de rebatizar os *lapsi* foi condenada. Mesmo assim, os donatistas não aceitaram, deixando em evidência a separação que existia entre a igreja donatista e a igreja católica.

Destarte, o conflito só aumentava e, graças ao carisma do seu líder, o donatismo crescia mais e mais, deixando a Igreja na África cada vez mais dilacerada pela divisão. A igreja católica, até aquele momento, tinha apenas a “excomunhão” como forma de punir os que se separavam e quebravam a unidade, mas “o que poderá acontecer quando as armas espirituais como a excomunhão não mais forem suficientes para intimidar um pensador [...] ?”¹³ No ano 316, Constantino assumiu para si o embate contra os donatistas, estabelecendo leis que dificultavam a vida dos que eram tidos como os “hereges donatistas”, chegando ao extremo da violência.

¹² FRANGIOTTI, Roque. *História das Heresias: (séculos I-VII)*, conflitos ideológicos dentro do cristianismo. São Paulo: Paulus, 1995. p. 67-68.

¹³ *Ibidem*. p. 61.

Constantino, preocupado em obter a paz religiosa, tenta primeiramente, em 316, a via da coerção, abrindo a brecha para os donatistas considerarem-se “mártires” dos católicos e levando-os a aliarem-se ao movimento de protesto social dos chamados “circunceliões”; não conseguindo nada e estando às portas da luta decisiva contra Licínio, Constantino assina, então, um edito de tolerância, a 5 de janeiro de 321, deixando a pista livre para a propagação do donatismo¹⁴.

Contudo, tais ações imperiais apenas agravaram o problema e aprofundaram o cisma, pois, uma vez perseguidos, aumentava o número de donatistas mártires, levando a igreja donatista a se auto afirmar como verdadeira igreja cristã. Diante do fracasso em combater os donatistas com o uso da força violenta, Constantino, em 321, abandonou essas medidas, estabelecendo, assim, uma frágil coexistência entre católicos e donatistas.

Nenhum dos dois lados renunciou à polêmica contra o outro. Os donatistas foram considerados cismáticos por quebrarem a unidade da Igreja, enquanto dos católicos se dizia que praticavam sacramentos inválidos por causa da presença de *traditores* na sua sucessão episcopal. Por um tempo ambos os lados simplesmente se acomodaram a viver ao lado de um vizinho cristão hostil. De tempos em tempos por todo o resto do século IV a controvérsia donatista degenerava em conflito aberto, recorrendo os dois lados periodicamente à violência¹⁵.

A tolerância concedida pelo império aos donatistas acabou em 347, quando o Filho de Constantino, Constante (337-350), imperador do Ocidente, não reconheceu Donato como bispo, na linha da precedência, que deveria assumir a sede de Cartago. O imperador ordenou que as igrejas se unissem sob a presidência do bispo católico Grato, mas, como os donatistas se recusaram, novamente se desencadeou uma perseguição, sendo que, desta vez, Donato fora exilado, “mas seu sucessor, Parmeniano, conduziu a Igreja donatista com firmeza, segurança e estabilidade”¹⁶.

Com a subida de Juliano (361-363), conhecido como o apóstata, ao trono imperial, uma nova postura em relação aos donatistas se estabeleceu, pois o imperador era não apenas tolerante com o donatismo, mas também o

¹⁴ PIERINI, Franco. Op. Cit. 2018. p. 147-148.

¹⁵ DALE; SCOTT. Op. Cit. 2004, p. 218-219.

¹⁶ FRANGIOTTI, Roque. Op. Cit. 1995, p. 70.

estimulava, devolvendo os templos que haviam sido tomados, anulando a condenação dos bispos donatistas que foram exiliados e as leis que outrora eram contra essa corrente cristã.

Entretanto, essa paz em relação aos que eram considerados pela igreja católica como hereges não durou muito. Após a morte de Juliano, seus sucessores anularam as suas decisões e retomaram as leis que perseguiam os donatistas.

Em 373, Valentiniano (364-375) proibiu a prática do rebatismo; em 376, Graciano, determinou novamente o confisco dos templos donatistas. Sob Teodósio (378-395), a legislação endureceu ainda mais: em 380, condenou todas as heresias e cismas e determinou que a fé católica fosse reconhecida como a única em todo o Império¹⁷.

Junto às investidas imperiais contra o donatismo, uma grande personagem, na Igreja da África, também num determinado momento, elevou a voz para defender e corroborar as atitudes violentas contra os “hereges” donatistas com a intenção de que eles se convertessem. Essa personagem foi Agostinho, bispo de Hipona. Ele, num primeiro momento, tentou convencer os donatistas pelo diálogo, mas, diante da obstinação, Agostinho passou a justificar o uso da força para que os donatistas voltassem a ser católicos. O texto em que ele explica sua posição faz parte da epístola 173 enviada ao bispo Donato. Eis o escrito:

[...] Desagrada-te que sejas arrastado para a salvação, quando tantos dos nossos tendes arrastados à perdição. Mas o que queremos, senão capturá-lo e trazê-lo a nós, para que não pereças? Se tu foste ferido em teu corpo, tu o procuraste, ao recusares a montaria e te jogares gravemente ao chão. Teu colega veio ileso, pois não fez a si mesmo esse mal.

Pensas que isso não deve ser feito, porque acreditas que ninguém deve ser obrigado ao bem. Atenta ao que diz o Apóstolo: “Quem deseja o episcopado, deseja uma boa obra” [1 Timóteo 3.1]. Vede quantos são forçados a vir ao episcopado. São levados, aprisionados, colocados sob guarda. Padecem muitos males involuntários, até que lhes tenham vontade de aceitar a boa obra. Quanto mais se deve

¹⁷ LANGA apud GONÇALVES, José Mário. *Uma questão de poder: a repressão aos donatistas na Epístola 173 de Agostinho de Hipona*. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/750>>. Acesso em: 16 set. 2020. p. 614.

apartar-vos do erro pernicioso, pelo qual sois inimigos de vós mesmos e deve-se levá-los e conduzi-los a conhecer e escolher a verdade, não só para que se preserve saudavelmente vossa honra, mas também para que não pereças da pior forma! Dizes que Deus concede o livre arbítrio e que por isso o homem não deve ser forçado ao bem. E porque então esses de quem falei acima são obrigados a aceitá-lo? Atenta para o que não queres ver: se emprega misericordiosamente a boa vontade para dirigir a má vontade do homem [...]. Se amamos alguém, não devemos permitir que utilize cruel e impunemente sua má vontade. Antes, se podemos, temos de proibir-lhe o mal e obrigar-lhe ao bem.

Se a má vontade deve ser deixada livre, porque os israelitas, que recusavam e murmuravam, foram separados do mal com tão duros flagelos e arrastados até a terra prometida? Se a má vontade deve ser deixada livre, porque Paulo não foi deixado em sua péssima vontade para perseguir a Igreja, mas foi derrubado e caiu cego? [...] Se a má vontade deve ser deixada livre, por que nas Santas Escrituras se adverte aos pais para que não somente corrijam com palavras ao filho obstinado, mas que também deve açoitá-lo, e, assim, por coação, sejam conduzidos à boa disciplina?

Vós sois ovelhas de Cristo, portais a marca do Senhor no sacramento que recebestes, mas vos extraviastes e tens perecido. Não deveis nos detestar porque reconduzimos os errantes e buscamos os perdidos. Melhor é cumprir a vontade do Senhor, que nos exorta que os façamos voltar ao redil, do que consentir na vontade das ovelhas errantes e permitir que elas pereçam. Não digas, pois, o que tantas vezes te ouvimos dizer: “Eu quero errar, eu quero perecer!” Melhor fazermos nós em não permiti-lo, enquanto podemos¹⁸.

No ano de 418, Agostinho foi para Cesareia de Mauritânia e, em setembro, encontrou-se com o bispo donatista Emérito, que tinha sido removido de sua sede episcopal, mas trabalhava na clandestinidade. No sermão realizado por Agostinho nesse encontro, conhecido como sermão aos fiéis da Igreja de Cesareia, o bispo de Hipona novamente defende o uso da força contra aqueles que, segundo o pensamento católico, estão no erro e separados da Igreja.

Pois pelo mal que têm não podemos perseguir neles os bens que conhecemos: o mal da dissensão, do cisma, da heresia, é o mal que eles têm; em troca, os bens que neles reconhecemos não são seus: têm bens do nosso Senhor, têm bens da Igreja. O batismo não é próprio deles, mas de Cristo. A invocação do nome de Deus sobre sua cabeça, quando são consagrados bispos, é de Deus, não de Donato. Quando um soldado vagabundeia ou deserta, possui o crime do desertor, mas a marca [character] que leva, não é do desertor, mas do

¹⁸ AGOSTINHO apud GONÇALVES, José Mário. Op. Cit. p. 615-618.

imperador. [...] E eu, se ao chamar à unidade, me deparasse com a marca do desertor, trataria de suprimi-la, destruí-la, anulá-la, não a aprovaria, a recusaria, a anatematizaria, a condenaria. Nosso Deus e Senhor Jesus Cristo busca o desertor, destrói o crime do erro, mas não suprime a sua própria marca. Assim eu, quando me aproximo de um irmão e recolho a meu irmão errante, o que tenho presente é a fé no nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.

Respondes-me e me dizes: “Mas tenho o sacramento”. Sim, eu reconheço; por isso precisamente te busco. Acrescentaste um importante motivo [magnam causam] para buscar-te com maior diligência. Eras, de fato, uma ovelha do rebanho do meu Senhor; desviaste-te com a marca; por isso te busco com maior empenho, porque tens a mesma marca. Por que não temos a única Igreja? Temos uma só marca. Por que não estamos no único rebanho? Por isso te busco, para que este sacramento te sirva de ajuda para salvação, não de testemunho de perdição. Ignoras que o desertor é condenado precisamente por sua marca, pela qual se honra ao que presta serviço? Por isso precisamente te busco, para que não pereças com tua marca.

Fora da Igreja católica ele pode ter tudo, menos a salvação: pode ter a honra do episcopado, pode ter os sacramentos, pode cantar a “Aleluia”, pode responder “Amém”, pode ter o Evangelho, pode ter e pregar a fé no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; mas nunca poderá encontrar a salvação senão na Igreja católica.

Que perseguição sofre o nosso irmão, que foi trazido perante nós? É uma perseguição bem gloriosa [persecutio gloriosior]; a respeito dela proclamo que a faço. Repreenda-me quem quiser: proclamo que faço semelhante perseguição. Leio no Salmo: “Ao que difama em segredo seu próximo, eu o perseguirei” [Salmo 100:5]. Se persigo justamente ao que difama o seu próximo em segredo, não persigo com mais justiça o que insulta publicamente a Igreja de Deus ao dizer: “Não é esta”; ao dizer: “a autêntica é a do nosso partido”; ao dizer: “Aquela é uma prostituta”? Não vou perseguir a quem blasfema contra a Igreja? Sim, o perseguirei abertamente, porque sou membro da Igreja; o perseguirei abertamente, porque sou filho da Igreja. Sirvo-me da voz da mesma Igreja, a mesma Igreja diz por mim no salmo: “Persequirei aos meus inimigos e lhes alcançarei, e não cessarei até que desfaleçam” [Salmo 17:38]. Desfaleçam em seu mal, progridam até o bem¹⁹.

Enquanto, no campo eclesiástico, grandes eram os embates teológicos entre as personagens católicas e as donatistas; no espaço social, na metade do século IV, apareceu um grupo extremamente radical e violento identificado como *circunceliões*:

Durante a segunda metade do século surgiu um grupo radical chamado circunceliões, que muitas vezes simpatizava com os donatistas. Eram recrutados principalmente entre os trabalhadores rurais e agiam no interior, realizando assaltos a proeminentes

¹⁹ AGOSTINHO apud GONÇALVES, José Mário. Op. Cit. p. 81-85.

proprietários de terra e membros ricos do clero (geralmente católico, mas às vezes clérigos donatistas ricos). Os circunceliões eram fanáticos na sua devoção aos mártires do norte da África, a ponto de morarem dentro ou em torno dos santuários locais²⁰.

Diante desses conflitos violentos que deixava a Igreja na África cada vez mais dividida, os bispos católicos resolveram pedir a intervenção do Imperador, do Ocidente, Honório (395-423). Por sua vez, o imperador teceu leis rígidas contra os donatistas, proibindo qualquer tipo de reunião entre eles. Em 410, Honório encarregou Marcelino, seu representante na África, de organizar e promover uma reunião entre católicos e donatistas, mas as “cartas” já estavam lançadas e, conseqüentemente, os católicos saíram vencedores. Os donatistas, mais uma vez perseguidos, tidos como hereges e suprimidos, deviam entregar suas igrejas aos católicos, pagar multas e não mais se reunirem.

A Igreja da África, rachada por quase 100 anos, viu sua situação piorar quando, em 429 invasores germânicos (seguidores do cristianismo ariano), entraram no país. Conhecido como vândalos, esse exército conquistou Hipona em 431 e Cartago em 439.

No governo dos vândalos as igrejas donatistas e católicas foram igualmente destruídas. Membros do clero de ambos os partidos foram mandados para o exílio e submetidos a trabalhos forçados e o ministério de ambas as igrejas ficou gravemente prejudicado²¹.

Com uma perseguição sofrida por um inimigo em comum, agora tanto católicos como donatistas diminuíram os excessos de um para com o outro, levando, assim, a uma certa tolerância na convivência. Entretanto, essa suposta paz dentro do Cristianismo não o fez resistir aos ataques externos, pois, com a chegada dos mulçumanos à África e a conquista de Cartago em 698, o Cristianismo, católico e donatista, sofreu um golpe profundo, desaparecendo quase que por completo dessas regiões.

²⁰ DALE, T. Irvin, SCOTT, W. Sunquist. Op. Cit. 2004, p. 219.

²¹ Ibidem. p. 219.

1.3 O Cisma Monofisista

Embora as decisões dogmáticas e disciplinares dos Concílios de Niceia I (325), Constantinopla I (381) e Éfeso (431) tenham formado as bases para a compreensão dos mistérios revelados e, ao mesmo tempo, estabelecido limites naquilo que era considerada, na fé comum, a ortodoxia cristã, não foram suficientes para uma total elucidação dos problemas teológicos e nem para conviver com os grupos cristãos que passaram a trilhar caminhos diferentes daquele pré-estabelecido.

Antes de entrar nos pormenores do monofisismo, pensamento teológico que, como outros, causou divisão no Cristianismo; é bom ressaltar que as posições ferrenhas, intolerantes e fechadas de ambos os lados contribuíram para aumentar a separação.

Nas controvérsias Cristológicas, duas correntes teológicas ganharam destaque. De um lado, o pensamento da escola de Alexandria que acentuava, de modo especial, a íntima união das naturezas, humana e divina, de Cristo e que tinha como expoente Cirilo de Alexandria. Do outro lado, a corrente da escola de Antioquia, que contava com a adesão do bispo de Constantinopla Nestório, se debruçava, particularmente, sobre a humanidade de Jesus.

O conflito entre Cirilo e Nestório começou quando o bispo de Constantinopla fez uma pregação defendendo que era mais correto, teologicamente, usar o termo *Chistotókos* para a mãe de Jesus, do que o termo, já conhecido popularmente, *Theotókos*. Na sua visão, as duas naturezas de Jesus eram tão separadas que praticamente eram duas pessoas. A tensão aumentou quando Cirilo entrou na questão, escrevendo aos monges e bispos do Egito uma carta rejeitando a doutrina nestoriana e reafirmando o termo *Theotókos*. Cirilo era conhecido pela sua dureza e intransigência diante dos seus “inimigos”.

Como bispo, Cirilo costumava apoiar táticas políticas questionáveis e até brutais. Um dos mais notórios incidentes ocorreu em 415, quando um bando de monges leigos sob o seu comando perversamente despiu, espancou e matou (nada menos que dentro da igreja) a última

grande e renomada filósofa platônica de Alexandria, uma mulher chamada Hipatia²².

Acrescenta-se à disputa entre os dois bispos também a existência de uma rivalidade entre as sedes episcopais, pois a igreja de Cirilo estava perdendo, na hierarquia das sedes, o status de importância para a igreja de Constantinopla.

Na briga entre Nestório e Cirilo, ambos recorreram ao bispo de Roma, que possuía um status de honra, para que resolvesse a questão. O papa Celestino (422-432), num sínodo romano em 430, condenou a doutrina de Nestório, dando a ele 10 dias para uma retratação. Entretanto, a polêmica só aumentou porque o papa encarregou o próprio Cirilo para aceitar a retratação de Nestório. Por sua vez, Cirilo convocou um sínodo em Alexandria e condenou mais uma vez Nestório, colocando doze anátemas que deveriam ser aceitos pelo bispo de Constantinopla, que obviamente se recusou.

Diante do conflito que só aumentava e rachava mais ainda o Cristianismo, gerando também problemas no campo social, o Imperador Teodósio II (408-450) convocou um Concílio em Éfeso no ano de 431. O Concílio, na presidência de Cirilo, excomungou Nestório, condenando sua doutrina, estabeleceu que o símbolo niceno-constantinopolitano era intocável, reconheceu o termo Theotókos e professou a fé em que Jesus há uma natureza humana e uma natureza divina em uma só pessoa.

Vale ressaltar que, quando a delegação antioquena chegara em Éfeso, não aceitou a decisão da condenação de Nestório e, por isso mesmo, na presença de uns 50 bispos excomungou Cirilo. Isso provocou mais uma divisão na igreja do Oriente que durará até 433. Com as decisões de Éfeso, Nestório foi mandado para o exílio, mas sua doutrina se espalhou por inúmeras regiões, chegando até mesmo do Ocidente. Mesmo com um certo período de tranquilidade, as controvérsias que desencadeavam brigas e divisões não haviam acabado. Pelo contrário, um amigo de Cirilo, chamado Eutíquio, dará início a uma nova controvérsia.

A disputa começou quando um monge, de nome Eutíquio, que era chefe de um mosteiro próximo a Constantinopla e tinha boas relações com a corte imperial, começou a ensinar que a carne de Jesus vinha

²² DALE, T. Irvin; SCOTT, W. Sunquist. Op. Cit. 2004, p. 270-271.

de uma outra fonte, não de Maria. Eutíquio dizia que a carne de Cristo era carne divina enviada do alto e, portanto, era diferente da nossa²³.

Em outras palavras, esse grupo liderado por Eutíquio, defendia que a natureza divina de Jesus sobrepujava e absorvia a natureza humana, ou seja, Jesus teria apenas uma única natureza. “Não demorou muito e foram pejorativamente chamados por seus oponentes de monofisistas (uma natureza), nome que muitos usam ainda hoje”²⁴.

Em oposição ao pensamento monofisista, levantou-se a voz de Teodoreto de Ciro, grande nome na escola antioquena, que defendeu a doutrina das duas naturezas de Jesus.

Em 448, o líder do monofisismo foi acusado e, em um sínodo de Constantinopla, foi excomungado. Todavia, com sua influência na corte imperial conseguiu convencer o imperador a convocar um concílio, mesmo sendo contra o bispo Flaviano da sede de Constantinopla. Para essa assembleia geral, o bispo de Roma Leão Magno (440-461) enviou uma carta dogmática que deveria ser lida no concílio. O evento aconteceu em Éfeso no ano de 449, com a presença de mais ou menos 150 bispos, mas já se desenhava a posição que tomaria a assembleia.

Tudo foi preparado, de antemão, para dar vitória aos monofisistas. Dióscoro, patriarca de Alexandria, assumiu a presidência do concílio. Admitiu-se, nas deliberações, a presença de Barsaumas, chefe de um grupo que se dizia monge e que saqueava templos e incendiava mosteiros a pretexto de pertencer aos nestorianos²⁵.

Além disso, Dióscoro não deixou que a carta (*Tomus*) do bispo de Roma fosse lida em voz alta, gerando “um quase-motim e os soldados tiveram que esvaziar a basílica”²⁶. Após a defesa de Eutíquio, logo foi passada para a fase da votação que, por uma grande maioria, absolveu-o. Também condenou a doutrina das duas naturezas de Cristo, exilando os bispos que se colocaram contra. O embate e a agressividade foram tão profundos que “quase imediatamente os trabalhos ficaram fora do controle. Flaviano de Constantinopla

²³ DALE, T. Irvin; SCOTT, W. Sunquist. Op. Cit. 2004, p. 244.

²⁴ Ibidem. p. 247.

²⁵ FRANGIOTTI, Roque. Op. Cit. 1995, p. 142.

²⁶ BELLITO. Christopher. M. *História dos 21 Concílios da Igreja: De Niceia ao Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2014. p. 43.

foi agredido depois de condenado (ele morreu mais tarde em consequência das agressões)”²⁷.

Ao ficar sabendo das decisões e dos ocorridos nesse concílio, o bispo de Roma o declarou como “Concílio de ladrões” ou, como ficou conhecido, Latrocínio de Éfeso, condenando-o num sínodo romano em 449. Com a morte do imperador Teodósio II, sua irmã Pulquéria casou-se com um general chamado Marciano, fazendo dele o novo imperador. Com as insistências do bispo de Roma Leão Magno, Marciano decidiu convocar um novo concílio em 451, na cidade de Calcedônia.

Embora o início da Assembleia tenha sido difícil devido aos embates violentos entre católicos e monofisistas, com Marciano no poder o prestígio do qual gozavam os monofisistas, agora estava em declínio. “Novos ventos sopraram em Constantinopla: Êutiques foi constrangido a deixar o mosteiro, os restos mortais de Flaviano foram trasladados solenemente a Constantinopla, e os bispos aderiam ao *Tomus*, à exceção de Dióscoro e poucos adeptos”²⁸.

O Concílio confirmou as decisões de Éfeso (431), reafirmou que o Símbolo niceno-constantinopolitano era intocável e, na definição da doutrina cristológica, usou termos precisos que combatiam o monofisismo e também o nestorianismo. Na sua última sessão, o Concílio estabeleceu regras disciplinares, sendo o mais famoso aquele que ficou conhecido como cânone 28.

[...] o cânone 28 teve uma importância especial: atribuía ao primado de honra, após Roma, ao bispo de Constantinopla, pelo fato de esta ser a Nova Roma (atribuição de motivo puramente histórico à origem do primado romano), e concedia-lhe o direito de consagrar metropolitas às dioceses do Porto, da Ásia e da Tácia – o bispo de Constantinopla tornou-se patriarca, e os antigos exarcados de Éfeso, Heracleia e Cesareia foram absorvidos pelo novo patriarcado²⁹.

Entretanto, os delegados papais não aceitaram esse cânone, e o seu protesto constou nas atas do Concílio. O Bispo de Roma, Leão Magno, ao ser reconhecido como chefe da Assembleia, aprovou todos os cânones, exceto o 28. As decisões de Calcedônia em relação à controvérsia monofisista estabeleceu

²⁷ DALE, T. Irvin; SCOTT, W. Sunquist. Op Cit. 2004, p. 245.

²⁸ MONDONI, Danilo. Op. Cit. 2014, p. 164.

²⁹ Ibidem. p. 166.

uma doutrina oficial, mas não restaurou a unidade do Cristianismo e, muito menos, a paz no império. As ações violentas de ambos os lados continuaram.

A paixão e o fanatismo pela causa de Dióscuro se inflamara a tal ponto que, o imperador Marciano, tendo-o desterrado e substituído pelo bispo católico Protério, fez estalar em Alexandria sangrenta revolução, em que foi assassinado o novo bispo, e os soldados do imperador, que tentavam evitar o crime, foram queimados vivos, no templo de Serapis³⁰.

O Cristianismo estava cada vez mais rachado e, embora o monofisismo tenha sido condenado pelo Concílio, isso não o fez acabar, pois muitas igrejas se colocaram contra Calcedônia, estabelecendo, oficialmente, mais um cisma na história da Igreja, de modo especial a Igreja Ortodoxa Copta e a Igreja Ortodoxa Etíope.

[...] no Egito surgiram dois grupos eclesiais, situação semelhante à dos donatistas na África setentrional romana. Uma das igrejas (a calcedoniana ou melquita) era dirigida por um bispo de Alexandria que adotava a definição de Calcedônia e estavam em comunhão com o patriarca de Constantinopla. A outra (a não-calcedoniana ou monofisista) era chefiada por um bispo de Alexandria que não aceitava a definição de Calcedônia e era considerado como líder legítimo (pope) das verdadeiras igrejas ortodoxas do mundo³¹.

No Ocidente de língua latina, a maioria das igrejas permaneceu na comunhão do Concílio de 451, mas a recusa do bispo de Roma em aceitar a autoridade do patriarca de Constantinopla e a ótica dos orientais em que o bispo de Roma começava a destacar um poder absoluto começaram a manifestar tensões entre a Igreja do Ocidente e a Igreja do Oriente. Os conflitos religiosos se mostravam cada vez mais perigosos à paz no império e, por isso mesmo, os imperadores farão muitos esforços na tentativa de trazer os monofisistas de volta para o seio da igreja, mas essas tentativas agravaram mais as divisões.

Em 482, o imperador Zenão (?-491), com a intenção de restituir a unidade religiosa e trazer tranquilidade para o império, propôs uma declaração chamada de *Henoticon*, mas também esse documento não agradou nem os cristãos católicos e nem os cristãos monofisistas. A proposta foi “redigida pelo Patriarca

³⁰ FRANGIOTTI, Roque. Op. Cit. 1995, p. 144.

³¹ DALE, T. Irvin; SCOTT, W. Sunquist. Op. Cit. 2004, p. 271-272.

Acácio. Ela sugeria um compromisso de adotava a posição teológica de Cirilo como modelo de ortodoxia, condenava Nestório e evitava qualquer menção de Calcedônia ou do Tomo de Leão”³².

Diante desse documento, o bispo de Roma, Félix III (483-492), condenou tal documento e, ao mesmo, tempo excomungou o patriarca de Constantinopla Acácio, gerando, assim, uma nova divisão no Cristianismo, conhecida como cisma acaciano.

Esse cisma perdurou até o ano de 519, quando o Imperador Justino (518-527), com a intenção de unificar a Igreja, terminando com os conflitos, decidiu aceitar a exigências da Igreja de Roma. E, para isso, assinou um documento *Regulare Fidei Hormisdæ* que, além de reconhecer a fé de Calcedônia e as cartas do papa Leão, também condevana Nestório, Eutíquio e Dióscoro; e sobretudo “reconhecia explicitamente o primado pontifício, declarando que na sede romana a religião católica conservara-se sem mancha”³³. Isso obviamente não agradou os orientais, deixando cada vez mais fina e frágil a seda da unidade.

Um outro ponto que vale a pena ser ressaltado, ainda de que forma sucinta, é uma controvérsia chamada de cisma Fociano. O papa Nicolau I, sentindo-se no direito de intervir juridicamente nas questões da Igreja do Oriente, envolveu-se numa briga que, não ajudando a resolver, só piorou as relações entre Oriente e Ocidente.

Dois homens, Fócio e Inácio, alegavam ser o legítimo patriarca de Constantinopla. Como o papa Nicolau I havia interferido na disputa, algumas pessoas em Constantinopla interpretaram a sua ação como uma intromissão indevida do Ocidente nos assuntos do Oriente. No entanto, o papa considerava a sua intervenção como manifestação legítima do exercício de sua jurisdição universal³⁴.

Para a Igreja do Ocidente, o verdadeiro patriarca era Inácio, mas no próprio Oriente, Fócio gozava de um grande apoio na Igreja local. As contendas foram tão grandes que, em 867, num sínodo em Constantinopla, o papa, embora não tenha ficado ciente disso, foi deposto e considerado indigno do ministério papal.

³² DALE, T. Irvin; SCOTT, W. Sunquist. Op. Cit. 2004, p. 271.

³³ MONDONI, Danilo. Op. Cit. 2014, p. 168.

³⁴ BELLITO, Christopher. M. Op. Cit. 2014, p. 54.

Embora a questão tenha sido resolvida no IV Concílio de Constantinopla, tendo sido considerado patriarca legítimo Inácio e o exílio de Fócio, a Assembleia Conciliar ainda não é bem acolhida entre as Igrejas orientais e, no Ocidente, séculos se passaram até ele ser aceito e colocado na lista com os outros anteriores.

Tudo que foi descrito até agora contribuiu bastante para o distanciamento entre a Igreja do Oriente e a Igreja do Ocidente, mas a questão do *Filioque* (que falar-se-á mais para frente) e a jurisdição universal pensada e trabalhada pelos bispos que ocuparam a cátedra de Roma foram pontos culminantes para a divisão. Há, na história, uma carta do papa Bonifácio I dirigida aos bispos da Tessália no ano de 422 que deixa evidente não apenas o status de honra que a sede romana possuía, mas também uma primazia que poderia ser entendida de forma jurídica.

A instituição da nascente Igreja universal tomou início no múnus honorífico do bem-aventurado Pedro, no qual está seu governo e ápice da sua fonte fluíu, à medida que crescia a veneração da religião, a disciplina eclesiástica em todas as Igrejas. As disposições do Concílio de Niceia não testemunham outra coisa, a tal ponto que não ousou definir nada sobre ele, vendo que era impossível propor algo acima do seu mérito, pois sabia, afinal, que tudo lhe era concedido pela palavra do Senhor. É certo que esta [Igreja romana] é, para as Igrejas espalhadas pelo orbe inteiro, como a cabeça de seus membros: quem dela se desliga seja banido da religião cristã, já que deixou de estar inserido nela³⁵.

A radicalidade dessa posição, como também as ferrenhas oposições do outro lado, fizeram da unidade algo cada vez mais distante, trocando o diálogo e a reconciliação pelas acusações e condenações recíprocas, deixando, o já frágil ambiente religioso cada vez mais propenso à novas rupturas.

1.4 O grande Cisma de 1054

Desde o século V, inúmeros foram os conflitos e as divergências entre a Igreja do Oriente e a Igreja do Ocidente (Constantinopla e Roma) fazendo com que elas se distanciassem cada vez mais, pois “[...] as relações entre a teologia

³⁵ DENZINGER, Henrici; HÜNERMANN, Petrus. *Compendio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Loyola, 2015, nº 232-234.

oriental e a teologia latina se caracterizaram por um notável matiz apologético e polêmico. Insistia-se especialmente, [...], naquilo que distingue e que cada lado acreditava ter de diferente e de mais correto do que o outro”³⁶.

Muitos desses motivos eram apenas de cunho cultural e de costumes de cada lugar, como também de ordem política. Exemplo disso foi a coroação de Carlos Magno no ano 800 como imperador, mas que não foi reconhecido pelos orientais que tinham Irene como imperatriz.

Todos esses eventos contribuíram para deixar o clima mais tenso e repleto de acusações e ações que visavam, cada um, atingir o outro lado. Nessa postura de intransigência, duas personagens entraram para a história como ícones do caminho que resultará no rompimento entre as duas tradições cristãs: O patriarca de Constantinopla Miguel Cerulário e o cardeal romano Humberto da Silva Cândido.

Em 1051 ele [Miguel Cerulário] mandou fechar as Igrejas latinas no território de sua jurisdição [...]. Por causa das severas determinações acerca do celibato, sob Leão IX, aumentou ainda mais o fosso entre os sacerdotes casados dos gregos e os clérigos obrigados ao celibato dos latinos. Que no Ocidente – ao contrário de no Oriente – se utilizava pão não fermentado na missa levava alguns no Oriente a duvidar mesmo da validade da missão na Igreja ocidental. Também o hábito do clero ocidental de jejuar no sábado foi criticado pelos orientais como sendo um costume judaico. [...]. No escrito de resposta ao patriarca oriental formulado por Humberto da Silva Cândido, por ordem do papa, a refutação dessas acusações constituía apenas um palco secundário. Para Humberto a questão principal era a afirmação do primado do papa [...]³⁷.

As acusações se tornaram mais fortes quando o Oriente tomou conhecimento que no Ocidente haviam feito um acréscimo no símbolo de fé Niceno-constantinopolitano, o *Filioque*³⁸. Essa prática, para os orientais, colocava-se como uma grave ofensa, pois já nos concílios anteriores havia

³⁶ CANTALAMESSA, Raniero. *A Trindade no Oriente e no Ocidente: Reflexões quaresmais*. Disponível em: <<http://fabianomartatobias.com.br/segunda-pregação-da-quaresma-frei-raniero-cantalamessa/>>. Acesso em 10 out. 2020.

³⁷ HARTMAN, Wilfried. *Reforma da Igreja e a questão das investiduras*. In: KAUFMANN, Thomas; KOTTJE, Raymund; MOELLER, Bernd; WOLF, Hubert. Op. Cit. p. 234-235.

³⁸ “Quando os católicos espanhóis que lutavam contra os visigodos arianos, para dar maior relevância ao Filho e para que ficasse mais clara sua divindade comum ao Pai, acrescentaram nos Concílios III (589) e IV de Toledo (633) que o Espírito Santo procede do Pai ‘e do Filho’ (em latim *Filioque*, usando a expressão de Jo 15, 25). Também mais tarde, os francos e Carlos Magno introduziram o *Filioque* em seu creio”. CODINA, Victor. *“Não Extingas o Espírito” (1Ts 5, 19)*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 314.

afirmado que o símbolo de fé era intocável, ou seja, não poderia sofrer qualquer tipo de alteração, mas “em 1014 o papa Bento VIII permitiu pela primeira vez a inclusão do Filioque no credo que era cantado na liturgia em Roma, dando, assim, a bênção papal ao que era uma prática existente há muito tempo entra as igrejas do Ocidente”³⁹.

As páginas desse Cisma continuaram a ser escritas quando o papa Leão IX, temendo o poder dos normandos que haviam invadido a Itália e a Sicília, buscou formar uma aliança com o poder bizantino, tendo, como consequência, sua própria prisão por parte dos normandos. Tentando obter apoio do Imperador, uma delegação romana, chefiada pelo cardeal Humberto, foi enviada ao Oriente. Ao chegarem à cidade de Constantinopla, os representantes papais foram recebidos pelo imperador, mas o patriarca Cerulário, por sua vez, recusou-se a recebê-los, insuflando o povo contra a delegação.

A postura e a ação do cardeal não foram diferentes. “Humberto manda traduzir em grego a sua resposta anterior, polêmica, e entra numa disputa deplorável, tachando de heresia, na própria casa dos gregos, muitos de seus costumes legítimos, embora diferentes dos da tradição latina”⁴⁰; fazendo-a percorrer toda a cidade.

Os debates teológicos entre os orientais e os ocidentais em Constantinopla não estavam dando resultados positivos; pelo contrário, cada vez mais os ânimos ficavam inflados de rivalidades e troca de acusações. Nesse ambiente cheio de hostilidade de ambos os lados, Humberto, embora o papa Leão IX já tivesse falecido, tomou uma iniciativa que marcaria profundamente a distância entre o Oriente e o Ocidente.

Agindo na sua qualidade de enviado do papa, o cardeal redigiu uma bula de excomunhão contra o patriarca Cerulário. Na manhã de 16 de julho de 1054, enquanto membros do clero grego se preparavam para a celebração da eucaristia em Santa Sofia, os três representantes entraram na igreja e depuseram o documento sobre o altar antes de partir da cidade. O patriarca reuniu um sínodo e quatro dias depois

³⁹ DALE, T. Irvin; SCOTT, W. Sunquist. Op. Cit. 2004, p. 486.

⁴⁰ CAPPELLETTI, Lorenzo. *Primado ou hegemonia? A história de uma separação*. Disponível em: <https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/dialogo_ecumenico/primado_ou_hegemonia_a_historia_de_uma_separacao.html>. Acesso em 11 out. 2020.

excomungou os legados papais, que então estavam na estrada de regresso à Itália⁴¹.

Esses dois acontecimentos ficaram conhecidos como “excomunhão mútua” e considerados como ponto marcante do Cisma de 1054, embora muitos outros fatores, de modo especial o primado do Bispo de Roma, tenham sido elementos fortes para o distanciamento.

Essa separação, por um bom tempo, passou despercebida pelo povo, pois “muito mais decisivo na história da divisão entre as duas tradições foi o saque de Constantinopla pelos cruzados ocidentais em 1204”⁴². A história desse ataque sofrido pela cidade tem seu início quando o imperador Aleixo III, com medo de perder o trono, mandou cegar o próprio irmão e prender o sobrinho que também se chamava Aleixo, que, por sua vez, conseguiu fugir, buscando refúgio e aliados em Veneza com a intenção de retornar à Constantinopla para reclamar o trono.

Aproveitando que os exércitos católicos estavam em Veneza com a intenção de ir para Jerusalém retomar a cidade das mãos dos muçulmanos, Aleixo “propôs que os cruzados reconduzissem a ele e seu pai ao trono imperial de Constantinopla; em troca, ele pagaria uma grande soma de dinheiro e também colocaria a Igreja grega sob a autoridade de Roma”⁴³. E assim fizeram! Em 1203, Aleixo III foi destronado, sendo pai e filho entronizados como co-imperadores.

Todavia, os cruzados ficaram no entorno da cidade esperando o pagamento, mas, percebendo que eles não seriam pagos, uma vez mais, Constantinopla fora sitiada. No ano de 1204, na chamada 4ª Cruzada, o exército ocidental invadiu a cidade, matando muitos cristãos orientais e, “por três dias os cruzados pilharam a cidade, carregando tesouros, relíquias e tudo o mais de valor que puderam alcançar”⁴⁴.

[...], é suficiente notar que o saque de Constantinopla passaria à história como um dos mais ignominiosos episódios de um longo e inglório período nas relações Oriente-Occidente. A quarta cruzada não apenas exacerbou ainda mais os ressentimentos que os cristãos de

⁴¹ DALE, T. Irvin; SCOTT, W. Sunquist. Op. Cit. 2004, p. 487.

⁴² Ibidem. p. 488.

⁴³ Ibidem. p. 503.

⁴⁴ Ibidem. p. 503

língua grega nutriam contra o ocidente latino, como enfraqueceu mais o império de Constantinopla [...]”⁴⁵.

A separação entre Oriente e Ocidente e a tentativa de um retorno à unidade foram temas de dois Concílios ecumênicos: Lyon II (1274) e Ferrara – Florença (1439). Embora ambos os lados tenham concordado nas questões que eram motivos de divergência, nos dois concílios “ depois de muita discussão e de muitos impasses, essas questões foram resolvidas por uma série de compromissos que, conforme o futuro revelaria, não seriam duradouros”⁴⁶.

Na prática, Oriente e Ocidente continuavam divididos, e mais, combatendo-se, mutuamente, com brigas, acusações e até mesmo violência, como verdadeiros inimigos. Essa situação de conflito e ressentimentos de ambos os lados de forma oficial durará por mais de 900 anos.

1.5 A Reforma Protestante e a Contrarreforma⁴⁷

Poucos séculos depois da fatídica divisão com as Igrejas orientais, a Igreja Ocidental se viu mais uma vez envolvida em controvérsias, tanto no âmbito religioso, como também no social que teriam como consequência um profundo cisma no cristianismo do Ocidente.

Desde sua separação do Oriente, a cristandade latina evoluiu unilateralmente – respirou, por assim dizer, com apenas um pulmão e assim empobreceu. Esse empobrecimento foi uma causa, entre outras, da séria crise na Igreja na Alta Idade Média, o que levou a trágica divisão ocorrida no século XVI⁴⁸.

A divisão, ocorrida definitivamente no ano de 1555, quando os príncipes obtiveram o direito de livremente abraçar a nova confissão de fé, teve como causa inúmeros fatores sociais (situação de miséria do povo), políticos (brigas entre governantes e o papado), econômicos (vida luxuosa por parte de bispos e

⁴⁵ DALE, T. Irvin; SCOTT, W. Sunquist. Op. Cit. 2004. p. 504.

⁴⁶ BELLITO, Christopher. M. Op. Cit. 2014, p. 127.

⁴⁷ “Uma vertente historiográfica denomina a Reforma Católica de Contrarreforma e outra vertente de Reforma Católica, pois o movimento reformista já existia bem antes da Reforma Protestante”. SOUZA, Ney. *História da Igreja: notas introdutórias*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. p. 204.

⁴⁸ KASPER, Walter. *Que todos sejam uma: O chamado à unidade hoje*. São Paulo: Loyola 2008. p. 36.

padres, cobrança de impostos por parte da Igreja) e também religioso-moral (decadência da escolástica e do comportamento deplorável do clero).

Todavia essa separação terá como expoente principal o padre agostiniano Martinho Lutero (1483-1546), tendo como consequência que “por muitos séculos, os católicos viram Lutero, através do quadro traçado, três anos após a morte do reformador, [...], como um demagogo sem consciência, um hipócrita e um infame”⁴⁹

Nascido numa família alemã de camponeses, estudou para se tornar advogado e, em 1505, entrou para o convento dos eremitas de São Agostinho, sendo ordenado sacerdote dois anos depois. Tornou-se especialista em Agostinho e nas cartas paulinas.

Segundo a tradição luterana, entre 1515 e 1517, o padre alemão teve a “experiência da torre” ao encontrar a resposta para sua indagação sobre a Salvação no texto de Rm 1, 17. Interpretando o escrito do apóstolo Paulo, Lutero chegou à conclusão de que a justificação não dependia das ações da pessoa e, muito menos, do sacramento da Penitência; a Salvação seria, então, um dom livre concedido por Deus. “Mas isso, por sua vez, significou para Lutero que a salvação não dependia da mediação da Igreja ou do mérito que as pessoas poderiam acumular”⁵⁰.

Entretanto, o conflito entre o teólogo agostiniano e a hierarquia da Igreja explodiu em 1517, quando ficaram públicas as suas 95 teses, tendo como ataque principal a questão das indulgências. “Desde 1507, Júlio II, que tinha dado início aos trabalhos para a construção da nova basílica de São Pedro, tinha concedido uma indulgência como jubileu a quem oferecesse esmolas para essa obra: a iniciativa foi repetida em 1514 por Leão X”⁵¹.

Na Alemanha, o bispo Alberto de Brandeburgo, não apenas para arrecadar esmolas para a construção da nova basílica de São Pedro, mas também para pagar um empréstimo feito para obter, por meio de apagamento, a administração de mais uma diocese que daria a ele mais poder econômico como

⁴⁹ MARTINA, Giacomo. *História da Igreja: De Lutero a nossos dias*, I- O período da Reforma. São Paulo: Loyola, 2014. p. 119-120.

⁵⁰ DALE, T. Irvin. SCOTT, W. Sunquist. *História do movimento cristão mundial: O cristianismo moderno de 1454 a 1800*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 112, v. 2.

⁵¹ MARTINA, Giacomo. Op. Cit. 2014, p. 130.

também a oportunidade de votar na escolha de um novo imperador, contratou o dominicano Johannes Tetzel (1465-1519) para realizar as pregações.

Lutero, sabendo dos exageros de Tetzel que “corresponde exatamente às suas ideias, senão às suas próprias palavras a frase: ‘mal a moeda cai na caixa de esmolas, a alma é libertada do Purgatório’”⁵², enviou uma carta ao bispo Alberto e ao seu próprio bispo uma carta contra os abusos e, junto a ela, as 95 teses. Mas ambos os bispos ficaram em silêncio. Diante disso, o teólogo alemão enviou suas teses para outros teólogos amigos, e estes fizeram com que elas se propagassem por todo o país alemão.

Com a Alemanha inflamada pelas ideias de Lutero, o papa Leão X, em 1520, promulgou a bula *Exsurge Domine*, condenando as obras de Lutero à fogueira e convocando-o a uma retratação em até 60 dias, mas em outubro daquele mesmo ano o padre agostiniano, reagindo de forma violenta, queimou em praça pública a bula papal; afirmando que “o papa é o anticristo e a Santa Sé está possuída por Satanás”⁵³. São datadas deste mesmo ano as obras de Martinho Lutero que combatiam a doutrina católica, o papa e a teologia dos sacramentos: “Sobre a liberdade cristã”, “Apelo à nobreza germânica” e “O cativoiro babilônico da Igreja”.

No dia 3 de janeiro de 1521 Lutero foi excomungado por Leão X com a bula *Decet Romanum Pontificem*. Mas para ter validade no império, a bula precisava ser aceita pelo imperador e pelos príncipes. Na Dieta (assembleia) de Worms em 1521, o agostiniano defendeu suas ideias, “mas foi expulso dos territórios imperiais por vontade de Carlos V, seus escritos foram queimados e a divulgação das ideias luteranas foram proibidas”⁵⁴.

Com a bula papal sendo colocada em prática, Lutero podia ser preso a qualquer momento, mas, com ajuda do príncipe Frederico da Saxônia, foi levado em segurança ao castelo de Wartburg, onde se dedicara à tradução da bíblia para o alemão. Nesse tempo em que o teólogo alemão está recluso no castelo, eclodirão as revoltas sociais trajadas de elementos religiosos: revolução dos cavaleiros (1522-1525), revolução dos anabatistas (1522-1524) e a revolução dos camponeses (1524-1525). Nessa última, “Lutero interveio com o escrito em

⁵² MARTINA, Giacomo. Op. Cit. 2014, p. 131.

⁵³ SOUZA, Ney. Op. Cit. 2020, p. 204.

⁵⁴ MARTINA, Giacomo. Op. Cit. 2014, p. 134.

favor dos príncipes ‘contra os bandos de camponeses assassinos e ladrões’, o que diminuiu muito sua popularidade”⁵⁵.

Para tentar solucionar os problemas religiosos, mas também os conflitos sociais e políticos, aconteceram várias Dietas, das quais vale menção a Dieta de Spira em 1526, concedendo aos príncipes o direito de abraçar as novas ideias trazidas por Lutero. Todavia, na mesma cidade em 1529, outra Dieta caminhou na contramão da decisão anterior.

[...], proibiu que outras novidades fossem introduzidas na Alemanha. Em outras palavras, os Estados que se tinham tornado protestantes poderiam continuar como tais, e os outros deveriam continuar fiéis ao catolicismo, até que o concílio tão esperado e desejado por todos estabelecesse diversamente. Seis príncipes e catorze cidades “protestaram” contra essa decisão, recebendo por isso o epíteto de “protestantes”, destinado a ter tanto sucesso⁵⁶.

O impasse entre a Igreja católica e o movimento Reformador deixou um rastro de conflitos, saques e mortes, mas “o desaparecimento de Lutero e sobretudo a derrota sofrida em Muhlberg foram certamente duros golpes para o protestantismo; mas se a sua força política e militar estava enfraquecida, o poder religioso continuava intacto. [...], pois é impossível sufocar ideias pela força”⁵⁷.

Somente em 1555, na Dieta de Augusta, os direitos dos “protestantes” serão reconhecidos, ficando decidido que os príncipes poderiam aderir livremente à nova religião, mas os súditos tinham que seguir a religião adotada pelo príncipe. Todavia, “o próprio Lutero nunca acreditou que ele havia deixado a fé católica, só que ele se tinha oposto ao que considerava autoridade excessiva exercida pelo papa em Roma e às tradições que a apoiavam”⁵⁸.

A decisão de 1555 deixava a Alemanha dividida entre Católicos e Luteranos. Embora os protestantes tivessem agora liberdade, na prática isso não significou o cessar dos conflitos, dos ataques e das mortes de ambos os lados, pois, de 1618 até 1648, haverá o conflito conhecido como “Guerra dos 30 anos”, que terá seu fim com a paz de Westfália.

⁵⁵ MONDONI, Danilo, SJ. *E os cristãos se dividiram*. Das reformas ao Vaticano II. São Paulo: Loyola, 2015. p. 26.

⁵⁶ MARTINA, Giacomo. Op. Cit. 2014. p. 138.

⁵⁷ *Ibidem*. p. 140.

⁵⁸ DALE, T. Irvin; SCOTT, W. Sunquist. Op. Cit. 2015, p. 118.

Em resposta à Teologia dos reformadores que combatia a doutrina católica, depois de inúmeras dificuldades políticas, geográficas e eclesiais, foi convocado, pelo Papa Paulo III, o Concílio de Trento (1545-1563). “O concílio foi convocado por causa dos abalos provocados pela Reforma luterana. Foi efetivamente para responder aos reformadores que muitos textos foram redigidos, discutidos e votados”⁵⁹.

Vale ressaltar também que as mudanças realizadas pelas ordens religiosas e tudo aquilo que foi decidido em Trento, “sem dúvida nenhuma contribuiu para dar à vida eclesial católica um dinamismo e uma coerência que as divisões da cristandade latina havia abalado”⁶⁰.

A reação dos protestantes com o Concílio de Trento não foi boa. Já na primeira fase da Assembleia, Lutero escreveu um pequeno livro contra o Concílio e contra o papa na base dos insultos e das ofensas. Na segunda fase do Concílio, agora com o papa Júlio III, os trabalhos foram retomados com a presença dos protestantes, “mas a essa altura ninguém estava disposto a um verdadeiro diálogo: nem os legados do papa nem os emissários protestantes”⁶¹.

Encerrado em 1563, Trento organizou de forma sistemática a doutrina católica em oposição às ideias protestantes que se disseminavam mundo afora. Todavia, a Assembleia ficou bem longe de uma possível unidade entre as confissões ou mesmo de uma convivência pacífica.

O concílio de Trento não conseguiu restabelecer a unidade, e isto não tanto – como se repete aqui e ali por parte de laicistas e de católicos prontos a acusar o Tridentino – por ter prevalecido nele a corrente intransigente que frustrou qualquer possibilidade de acordo, como, pelo contrário, pela lógica interna dos acontecimentos, isto é, pelo endurecimento dos protestantes, que cada vez melhor iam esclarecendo para si mesmos e para os outros as próprias posições, mostrando a profunda divergência que elas tinham em relação ao ensinamento católico⁶².

Ao clarificar e reafirmar a sua doutrina, Trento também fixou sua atenção em condenar e considerar como heresia todo pensamento que divergisse dos

⁵⁹ SESBOUÉ, Bernard; BOURGEOIS, Henri; TIHON, Paul. *História dos Dogmas: Os sinais da Salvação: séculos XII – XX*. São Paulo: Loyola, 2013. p. 130, t. 3.

⁶⁰ Ibidem. p. 393.

⁶¹ SESBOUÉ, Bernard; LADARIA, L. F.; GROSSI, V. Lécrivain. *História dos Dogmas: O Homem e sua Salvação: séculos V – XVII*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 194, t. 2.

⁶² MARTINA, Giacomo. Op. Cit. 2014, p. 251.

seus. O emprego da sentença “*anathema sit*” nos documentos conciliares, que enfatizava que todo aquele que pensasse de forma diferente deveria ser excomungado, não apenas fechou qualquer possibilidade de diálogo entre ambas as partes, como também deixou os ânimos exaltados, contribuindo para uma relação repleta de brigas, acusações, condenações e violência que durará por décadas.

No alvorecer do Concílio Vaticano II, essas brigas, acusações e distâncias darão lugar a uma bonita, ainda que frágil, estrada de diálogo, compreensão e respeito entre as várias denominações cristãs. Todavia, é importante ressaltar que o próprio Movimento ecumênico, nascido como iniciativa Protestante, e a abertura de João XXIII, com a criação do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, foram um terreno fértil para que a questão do Ecumenismo fosse abraçada e desenvolvida pelos Padres conciliares.

Capítulo II

O ECUMENISMO: CAMINHO DE RECONCILIAÇÃO

“Pois se recebe o Espírito quando se está junto, não é porque há um só corpo que há um só Espírito; é porque há um só Espírito de Cristo que há um só corpo, que é o Corpo de Cristo. É que o Espírito age para fazer entrar no Corpo, mas ele é dado ao Corpo e é neste que se recebe o dom”⁶³.

O intento deste segundo capítulo é, a partir do viés ecumênico, apresentar o Concílio Vaticano II e a sua grande contribuição para o diálogo entre os cristãos, de modo especial com o decreto *Unitatis Redintegratio*.

Para trilhar essa estrada, não apenas olhar-se-á para as figuras de João XXIII e Paulo VI, como também para o próprio Vaticano I e da forma como ele se colocou em relação às outras Igrejas antes mesmo de acontecer. Nos dois Concílios foram feitos convites para os líderes das outras denominações cristãs, porém as respectivas solicitações tinham intenções diferentes e, conseqüentemente, provocaram reações diferentes naqueles que eram os destinatários do convite.

O Movimento Ecumênico, com suas ações e iniciativas locais e até mesmo isoladas, ganhou grande espaço e notoriedade com a Conferência Missionária Mundial de Edimburgo (1910) e o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), fundado em Amsterdã no ano de 1948. E, embora tenha sido rechaçado pela Igreja Católica, não deixou de provocar reflexões e ações ecumênicas, levando a própria Igreja, posteriormente, a uma inclinação diferente da primeira postura. Todavia, somente no Vaticano II, o Movimento Ecumênico será reconhecido e a Igreja, de fato, irá se abrir para a dimensão do diálogo e do respeito e, não mais numa postura de condenação e ofensas.

Ainda na esteira do Concílio, esse capítulo terá a tarefa de abordar os pontificados de João Paulo II e Bento XVI, sempre sob a ótica ecumênica, passando pelas suas iniciativas e seus escritos como práticas e continuação do próprio espírito conciliar.

⁶³ CONGAR, Yves. *Ele é o Senhor e dá a vida*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 30.

2. 1 Concílio Vaticano II: Marco histórico no diálogo ecumênico

A primavera trazida pelo Concílio Ecumênico Vaticano II para o seio da Igreja fez desabrochar no seu interior novos pensamentos, reflexões e, sobretudo, novas perspectivas e ações da própria Igreja em relação a si mesma, a sociedade e para com os outros cristãos.

A Igreja, que estava distante da chamada modernidade e segura de sua posição e verdade, foi capaz de reposicionar-se e elaborar uma nova doutrina sobre o mundo e sobre si mesma. [...]; então definida como poder sagrado, passa a compreender-se como servidora da humanidade⁶⁴.

Quando a futura Assembleia Conciliar passou a ser o assunto e a grande expectativa, seja dentro da Igreja, como também fora dela, surgiu uma grande pergunta: Seria ele a continuação com Vaticano I (1869-1870), que não teve o seu encerramento oficial devido não apenas à guerra Franco-prussiana, mas também à invasão de Roma pelos soldados italianos?

Nessa esteira, vale a pena lembrar, sem entrar numa análise detalhada do Concílio, os pontos marcantes do Vaticano I em relação àqueles que, desde séculos passados, não mais estavam em comunhão com a Igreja Católica.

Com abertura no dia 8 de dezembro, solenidade da Imaculada Conceição, dogma proclamado pelo Papa Pio IX, o Concílio foi presidido pelo mesmo sumo Pontífice, com a participação de mais ou menos 700 padres conciliares, sendo pela primeira vez em toda a história, contada a presença de bispos que não pertenciam à Europa.

Nas suas três sessões, os padres conciliares discutiram e, com Pio IX, aprovaram apenas duas Constituições: *Dei Filius* e *Pastor Aeternus*, sendo a última a proclamação do dogma da Infalibilidade papal. Embora tenha sido curto e com apenas dois documentos, o Vaticano I marcou profundamente a história cristã no âmbito “ecumênico”, mas de uma maneira negativa.

Já na sua preparação houve a decisão de enviar aos cristãos das outras denominações (Ortodoxos, Protestantes e Anglicanos), uma carta convidando-

⁶⁴ PASSOS, João Décio; Sanchez, Wagner Lopes. Coord. WOLFF, Elias. *Vaticano II: 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 07.

os a participar da Assembleia, mas sobretudo para retornarem à unidade romana. Na Carta aos Orientais datada de 08/09/1868, declarou Pio IX:

Por isso, tendo que dirigir todas as nossas preocupações e pensamentos sem deixar de procurar a salvação de quem professa e adora Jesus Cristo, dirigimos o nosso olhar e os nossos sentimentos paternais a estas Igrejas que, outrora intimamente ligados a esta Sé Apostólica pelo vínculo da unidade, brilharam pela grande santidade e magnificência da doutrina celestial e produziram abundantes frutos para a glória de Deus e para a salvação das almas. Agora, por outro lado, devido às artes malignas e às intrigas daquele que primeiro deu origem a um cisma no céu, eles se encontram, com nossas maiores condolências, separados e divididos da comunhão com a Santa Igreja Romana, que está espalhado por toda Terra⁶⁵.

Tal declaração foi recebida com grande pesar devido ao seu tom de superioridade e, por isso, recebeu, da parte dos bispos orientais, como resposta, apenas um silêncio ensurdecedor. Já os Ortodoxos se queixaram e lamentaram que a carta dirigida a eles fora divulgada na imprensa antes mesmo de chegar em suas mãos. No tocante aos Protestantes, a carta (13-09-1868) de Pio IX não foi diferente no seu teor de julgamento e de superioridade.

É por esta razão que aqueles que não compartilham " *a comunhão e a verdade da Igreja Católica* " [St. Agostinho, *Epist.* 61, 223] deve aproveitar a ocasião do Concílio, através do qual a Igreja Católica, que acolheu os seus Ancestrais, propõe uma nova demonstração de unidade profunda e força vital inabalável; ouvindo as necessidades de seu coração, eles devem se esforçar para sair de um estado que não lhes garante a segurança da salvação. Que nunca deixem de elevar fervorosas orações ao misericordioso Senhor, para que derrube o muro da divisão, desfaça a névoa dos erros e os conduza de volta ao seio da Santa Mãe Igreja, onde os seus antepassados encontraram sãs pastagens de vida; onde a doutrina de Jesus Cristo é preservada e transmitida de forma exclusiva e os mistérios da graça celestial são dispensados. É, portanto, em virtude do nosso supremo ministério apostólico zeloso, a nós confiado pelo próprio Cristo Senhor, que, tendo que cumprir com grande empenho todos os deveres do bom pastor e seguir e abraçar com amor paternal todos os homens do mundo, enviamos esta carta a todos os cristãos separados de Nós, com os quais os exortamos calorosamente e imploramos com insistência que voltem rapidamente ao rebanho de Cristo; de fato,

⁶⁵PIO IX, Papa. *Arcano Divinae*. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/litterae-apostolicae-arcano-divinae-8-septembris-1868.html>. Acesso em: 22 Mar 2021.

desejamos do fundo de nossos corações sua salvação em Cristo Jesus, e tememos que um dia teremos que prestar contas a Ele, Nosso Juiz, se, na medida do possível, não indicamos e preparamos o caminho para que eles alcançassem a salvação eterna⁶⁶.

O efeito prático dessas cartas não poderia ser outro, provocou um mal-estar ainda maior da Igreja Católica com os Ortodoxos e com os Protestantes; evidenciando que a própria Igreja não estava aberta ou preparada para abordar a questão das divisões no Cristianismo e a busca da Unidade. A consequência foi uma só: apenas padres católicos romanos participaram do Concílio.

A definição do Dogma da Infallibilidade papal promulgado pelo Vaticano I também “atrapalhou” qualquer iniciativa ou abertura ao Ecumenismo. Ao firmar na Constituição *Pastor Aeternus*, que em *ex cathedra* o Papa não erra em matéria de fé, doutrina e moral; a Igreja colocava-se totalmente centrada na figura do Pontífice que, a partir de “uma verdade de fé”, possuía, agora, o poder absoluto. O que dificultou demasiadamente a relação com os outros cristãos, pois continuava a imperar o pensamento exclusivista da Igreja Católica e da autoridade do Papa sobre todos. Pensamento esse defendido, afirmando e espalhado há séculos, como constata-se numa carta datada do ano 1199, do Papa Inocêncio III.

O primado da Sé Apostólica, que não o homem, mas Deus, ou mais acertadamente, o Deus-homem instituiu, é comprovado decerto por muitos testemunhos evangélicos e apostólicos, dos quais procederam em seguida as constituições canônicas, que afirmam concordemente que a santa Igreja consagrada no beato Pedro, príncipe do Apóstolos, se eleva como mestra e mãe sobre todas as outras. Pois ele ... mereceu ouvir: “Tu es Pedro ... a ti darei as chaves do reino dos céus” [Mt 16, 18s]. [...] [É explicado alegoricamente Jo 21, 7:] Como. De fato, com o mar se designa o mundo [segundo Sl 104, 25] ..., com o seu lançar-se ao mar, Pedro manifestou o privilégio da singular autoridade pontifical, mediante a qual tinha recebido o inteiro universo para governar, enquanto os outros Apóstolos ficaram como que retidos no interior da barca, porque não foi confiado a nenhum deles o universo inteiro, mas antes foram designadas a cada um deles províncias ou Igrejas distintas⁶⁷.

⁶⁶ PIO IX, Papa. *Iam Vos Omnes*. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/litterae-apostolicae-iam-vos-omnes-13-septembris-1868.html>. Acesso em: 22 Mar 2021.

⁶⁷ DENZINGER, Henrici; HÜNERMANN, Petrus. Op. Cit. 2015, nº 774-775.

A definição do Dogma da Infallibilidade distanciou a Igreja Católica das demais Igrejas, pois, firmando-se num patamar de superioridade e de poder em relação às mesmas e à própria sociedade, “a Igreja era apresentada como edificada segundo a vontade de Cristo, diferindo-se de qualquer outra instituição, e sendo única, indicava o desígnio divino de unidade⁶⁸”.

A consciência da necessidade de buscar a Unidade e o próprio diálogo tiveram que esperar mais ou menos 92 anos após o Vaticano I para ser assumido e desenvolvido pela Igreja Católica, no Concílio convocado por João XXIII.

2.2 Breve histórico das iniciativas ecumênicas anteriores ao Vaticano II e a posição oficial da Igreja Católica

Antes mesmo do Vaticano II, movimentos como o bíblico, o litúrgico e o próprio movimento ecumênico lançavam sementes e, ao mesmo tempo, tornavam-se terrenos fecundos para uma renovação eclesial.

O movimento ecumênico nasceu no seio Protestante, quando missionários promoveram uma conferência para discutir e refletir sobre a união dos cristãos, tendo como objetivo uma evangelização cristã que fosse única. A partir desse momento, outros encontros e aberturas foram acontecendo.

No final do século XX e no início do século XXI, nas Igrejas, em outras confissões religiosas e em instituições culturais acentuou-se o diálogo entre as culturas e entre as religiões. Em 1893, a Exposição Mundial Americana surpreendeu ao gerar o “Parlamento das religiões”, uma visão de consenso moral e espiritual que conquistou a imaginação popular em muitos países. Em âmbito cristão, a consolidação do movimento ecumênico levou a uma série de iniciativas institucionais que encontraram sua expressão mais representativa no Conselho Mundial de Igrejas (CMI), fundado em Amsterdã, em 1948. É importante, porém, lembrar que as primeiras estruturas semelhantes aos modernos conselhos de Igrejas foram de natureza local ou nacional. Entre os primeiros conselhos intereclesiais podem ser lembrados: a Federação Protestante Francesa, constituída em 1905; o Conselho de Igrejas de Porto Rico, também em 1905; e o Conselho Feral das Igrejas de Cristo na América, em 1908. [...]. Quando da fundação do CMI, já existiam pelo menos trinta conselhos de Igrejas⁶⁹.

⁶⁸ SOUZA, Ney. Op. Cit. 2020. p. 311.

⁶⁹ CIPRIANI, Gabriele. *Unitatis redintegratio e os conselhos de igrejas*. In: BIZON, José; DRUBI, Rodrigo (orgs.). *A Unidade na Diversidade: coletânea de artigos em comemoração aos 40 anos do decreto Unitatis redintegratio sobre o ecumenismo*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 181-182.

Apegada à certeza de que, para alcançar a Salvação, todos deveriam voltar à comunhão com Roma, reconhecendo seus erros que geraram as divisões e abraçando toda a doutrina católica, a Igreja fez uma forte oposição às iniciativas ecumênicas, chegando até a proibir que católicos participassem dos movimentos ecumênicos.

Em 1896, Leão XIII (1878 -1903), publicou a encíclica *Satis Cognitum*, que combatia o movimento ecumênico, pois via nele uma relativização da fé em que a Igreja Católica é a verdadeira e única Igreja de Jesus Cristo. Nessa mesma esteira, Pio XI (1922-1939), em 1927 publicou a *Mortalium Animos* que em relação aos movimentos ecumênicos, afirmou:

Sem dúvida, estes esforços não podem, de nenhum modo, ser aprovados pelos católicos, pois eles se fundamentam na falsa opinião dos que julgam que quaisquer religiões são, mais ou menos, boas e louváveis, pois, embora não de uma única maneira, elas alargam e significam de modo igual aquele sentido ingênito e nativo em nós, pelo qual somos levados para Deus e reconhecemos obsequiosamente o seu império. Erram e estão enganados, portanto, os que possuem esta opinião: pervertendo o conceito da verdadeira religião, eles repudiam-na e gradualmente inclinam-se para o chamado Naturalismo e para o Ateísmo. Daí segue-se claramente que quem concorda com os que pensam e empreendem tais coisas afasta-se inteiramente da religião divinamente revelada. Assim sendo, é manifestamente claro que a Santa Sé, não pode, de modo algum, participar de suas assembleias e que, aos católicos, de nenhum modo é lícito aprovar ou contribuir para estas iniciativas: se o fizerem concederão autoridade a uma falsa religião cristã, sobremaneira alheia à única Igreja de Cristo⁷⁰.

No pontificado de Pio XII (1939-1958), embora por meio de um documento do Santo Ofício (*Ecclesia Catholica* - 1949) tenha ocorrido uma pequena abertura, reconhecendo as boas intenções daqueles que trabalhavam pelo Ecumenismo, os católicos ainda estavam proibidos de se engajar, e a Igreja continuava fechada em si mesma como detentora da Salvação.

Fazendo um breve adendo, vale ressaltar que a Semana de Oração pela Unidade dos cristãos nascera também no meio Protestante. No ambiente católico, Leão XIII recomendou, a partir do valor da oração, a semana de Pentecostes como uma semana de oração pela Unidade. Pio X (1903-1914), em

⁷⁰ PIO XI, Papa. *Mortalium Animos*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19280106_mortalium-animos.html. Acesso em: 28 Mar 2021. nº 3; 10.

1909 deu a bênção oficial para esse evento. Bento XV (1914-1922), a introduziu na Igreja.

Destarte, o pensamento ainda era de retorno ao seio do catolicismo por parte daqueles que tinham se afastado. E assim ficou até assumir a Cátedra de São Pedro o já idoso, porém cheio de entusiasmo, cardeal Roncalli, que ficará marcado na história da Igreja e do mundo como o grande Papa João XXIII.

2.3 Os Papas do Concílio Vaticano II: João XXIII e Paulo VI

Coube ao papa João XXIII (1958-1963) a missão histórica de encaminhar a solução da questão das relações da Igreja católica romana com a outra numerosa parte da cristandade que se esforçava por percorrer os caminhos da reconciliação do povo cristão. João XXIII voltou a sua atenção para as comunidades cristãs não plenamente unidas a Roma e, desde os primeiros atos de seu pontificado, mostrou a intenção de orientar a Igreja católica para um forte compromisso ecumênico⁷¹.

Nascido no dia 25 de novembro de 1881, numa família de camponeses simples no norte da Itália, Angelo Giuseppe Roncalli ingressou no seminário de *Bérgamo*, onde, em 1896, foi aceito na Ordem Franciscana Secular.

Foi o quarto de treze irmãos, nascidos numa família de camponeses e de tipo patriarcal. Ao seu tio Xavier, ele mesmo atribuirá a sua primeira e fundamental formação religiosa. O clima religioso da família e a fervorosa vida paroquial foram a primeira escola de vida cristã, que marcou a sua fisionomia espiritual⁷².

No dia 10 de agosto de 1904, foi ordenado sacerdote em Roma, tornando-se, já no ano posterior, secretário do recém nomeado bispo de *Bérgamo*. Nessa função, teve oportunidade de redigir documentos, conhecer obras sociais, e atuar diretamente em boletins diocesanos. Ainda na primeira fase de sua vida, vale lembrar que o padre Ângelo foi convocado para a guerra:

[...]; pois, nos anos de seminarista em Roma, havia prestado um ano de serviço militar. Roncalli foi convocado como sargento sanitário e

⁷¹ CIPRIANI, Gabriele. Op. Cit. 2004. p. 184.

⁷² JOÃO PAULO II, Papa. *Biografia de João XXIII*. Disponível em: https://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20000903_john-xxiii_po.html. Acesso em: 09 Mar de 2021.

nomeado capelão militar dos soldados feridos que regressavam da linha de combate, quando a Itália, após o Tratado de Londres (26/04/1915) renunciou ao acordo com a Tríplice Aliança, entrando na guerra⁷³.

Em 1921 foi chamado a Roma e nomeado por Bento XV para a presidência nacional do Conselho das Obras Pontifícias para a Propagação da Fé. Já no pontificado de Pio XI, em 1925, Roncalli foi elevado ao episcopado e tornou-se Visitador Apostólico para a Bulgária.

Quando ainda era visitador apostólico na Bulgária, Angelo Roncalli (futuro João XXIII) teve a oportunidade de se aproximar da comunidade ortodoxa, reconhecendo suas qualidades e, mais ainda, estabelecendo relações fraternas e cordiais com seus membros.

Um ano antes do fim da guerra, em 1944, Pio XII, seguindo o seu pró-secretário de Estado, monsenhor Montini, futuro Paulo VI, nomeou Ângelo para ser núncio apostólico em Paris; tornando-se cardeal aos 53 anos de idade e, depois, enviado como patriarca de Veneza.

Com a morte de Pio XII, o conclave, pensando num pontificado de transição sem muitas mudanças na vida da Igreja, elegeu Ângelo Roncalli, aos 77 anos, como sucessor de Pedro, assumindo o nome de João XXIII.

Ao assumir o ministério petrino, o “papa bom” como ficou conhecido, três meses após sua eleição, comunicou, no dia 25 de janeiro de 1959, a futura realização de um Concílio Ecumênico no Vaticano.

Nesse contexto, o anúncio do Papa João XXIII, a 25 de janeiro de 1959, de que pretendia convocar um concílio, foi um choque. De uma assentada, desfez a crença geral de que *Pastor Aeternus* significaria o fim dos concílios ecumênicos, e assim sugeria que, afinal, os bispos continuavam a ter um papel crucial no governo da Igreja universal. O próprio evento do Vaticano II é, por conseguinte, a melhor interpretação de *Pastor Aeternus*⁷⁴.

Certamente um verdadeiro *aggiornamento* não apenas nas estruturas pastorais, mas também no diálogo ecumênico. “O Concílio Vaticano II

⁷³ SOUZA, Ney. Op. Cit. 2020, p. 360.

⁷⁴ O’MALLEY, John W. *Quando os bispos se reúnem: um ensaio que compara Trento, o Vaticano I e o Vaticano II*. 70, p. 59.

preocupou-se bastante com o ecumenismo. Desse ponto de vista, nos anos que se seguiram houve fases diversas de progressos e de recuos”⁷⁵.

Ainda em 1959, ano em que anunciou o futuro Concílio, João XXII chamou a atenção para um diálogo com os Ortodoxos, desejando, assim, colocar um fim no Cisma do Oriente: “Não faremos um processo histórico. Não procuraremos ver quem tinha razão e quem estava errado. As responsabilidades são partilhadas. Diremos somente: reunamo-nos! Acabemos com as discussões”⁷⁶.

Foi também neste mesmo ano que mandou tirar da liturgia da Sexta-feira Santa o adjetivo “pérfidos” que se encontrava na oração pelos judeus. Tal mudança foi vista como uma grande abertura ao diálogo e aproximação para com os, até então, irmãos separados.

Para fomentar mais ainda a aproximação entre os cristãos e permitir a participação das outras Igrejas nos trabalhos do Concílio, João XXIII criou em 1960 o Secretariado para a União dos Cristãos.

Por isso, para a realização do próprio Concílio, o Papa “emitiu um convite cordial aos fiéis das comunidades separadas para participarem conosco nesta busca da unidade e da graça”⁷⁷. No fim da primeira sessão, em 8 de dezembro de 1962, já muito doente, o “papa bom” continuou a encorajar o prosseguimento do Concílio. Morreu no dia 3 de junho de 1963.

No mesmo ano, no dia 21 de junho, foi eleito para a cátedra de Pedro Paulo VI (Giovanni Battista Montini), que “dissipou qualquer dúvida que poderia existir sobre a continuidade do Concílio, decidindo pela sua continuação”⁷⁸. Anunciou a retomada do Concílio para o dia 29 de setembro. Uma das primeiras novidades introduzidas por Paulo VI no Concílio foi a criação de um secretariado para as religiões não cristãs.

Segundo filho de Giorgio e Giuditta Alghisi, Giovanni Battista Montini nasceu em Concesio, perto de Bréscia, a 26 de setembro de 1897. De 1903 a 1915 frequentou a escola primária, o ginásio e parte do liceu no colégio Cesare Arici, mantido em Bréscia pelos jesuítas, concluindo os estudos secundários no liceu estatal municipal em 1916. [...]. No Outono do mesmo ano entrou no seminário de Bréscia e quatro anos depois, a 29 de maio de 1920, recebeu na catedral a ordenação sacerdotal do bispo Giacinto Gaggia. Depois do Verão transferiu-se

⁷⁵ SESBOUÉ, Bernard; BOURGEOIS, Henri; TIHON, Paul. Op. Cit. 2013, p. 455, t.3.

⁷⁶ MONDONI, Danilo. Op. Cit. 2015, p. 181.

⁷⁷ O'MALLEY, John W. Op. Cit. 2020 p. 111.

⁷⁸ SOUZA, Ney. Op. Cit. 2020, p. 362.

para Roma, onde frequentou os cursos de filosofia da Pontifícia Universidade Gregoriana e de letras na universidade estatal, formando-se mais tarde em direito canônico no ano de 1922 e em direito civil em 1924. Entretanto, depois de um encontro com o substituto da Secretaria de Estado Giuseppe Pizzardo no mês de outubro de 1921, foi destinado ao serviço diplomático e durante alguns meses de 1923 trabalhou como adido na nunciatura apostólica de Varsóvia. [...]. A 1 de Novembro de 1954 foi nomeado arcebispo de Milão. Durante a guia da Igreja ambrosiana comprometeu-se profundamente no plano pastoral, dedicando uma atenção especial aos problemas do mundo do trabalho, da imigração e das periferias, onde promoveu a construção de mais de cem igrejas. Foi o primeiro cardeal a receber a púrpura de João XXIII, a 15 de dezembro de 1958, e participou no concílio Vaticano II, no qual apoiou abertamente a linha reformista. Quando Roncalli faleceu, a 21 de junho de 1963 foi eleito Papa e escolheu o nome Paulo, com uma referência clara ao apóstolo evangelizador⁷⁹.

Em 1964, o Papa fez uma peregrinação à Terra Santa, encontrando-se com o Patriarca grego Atenágoras. Durante a terceira sessão do Vaticano II, foi aprovado o decreto *Unitatis redintegratio*, sobre o Ecumenismo, que, trazendo toda uma espiritualidade e abertura ao diálogo com os outros cristãos, reconheceu também o valor do Movimento Ecumênico que, em tempos anteriores, havia sido condenado: “este Santo Sínodo exorta aos fiéis católicos a que, reconhecendo os sinais dos tempos, solícitamente participem no trabalho ecumênico”⁸⁰. Ainda em 1964, na Basílica de São Paulo Fora dos Muros, Paulo VI realizou uma celebração com os irmãos não católicos.

Em 1965, um dia antes do encerramento oficial do Concílio Vaticano II, foi lida em Roma e, ao mesmo tempo em Istambul, pelo Patriarca Atenágoras, a declaração que colocava o fim nas excomunhões mútuas ocorridas no Cisma do Oriente.

O evento mais palpável e dramático a este respeito ocorreu a 7 de dezembro de 1965, na véspera da conclusão formal do concílio. O bispo Johannes Willebrands, do Secretariado, subiu ao púlpito de São Pedro e leu em francês a declaração conjunta do Papa Paulo VI e do Patriarca Atenágoras de Istambul, levantando as excomunhões de 1054 que tinham dado origem ao Grande Cisma do Oriente. A

⁷⁹ Do jornal L'Osservatore Romano, edição em português, n.43 de 23 de outubro de 2014. *Perfil biográfico de Paulo VI*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/biografia/documents/hf_p-vi_spe_20190722_biografia.html. Acesso em: 09 Mar 2021.

⁸⁰ UR 4.

declaração continha a promessa de trabalharem para restaurar a plena comunhão entre as Igrejas⁸¹.

Vale lembrar também a viagem do Papa Paulo VI à ONU no 4 de outubro de 1965, quando o pontífice expressou sua alegria de encontrar-se com os representantes dos povos e suas diversidades. Faleceu em 6 de agosto de 1978.

Ambos os papas do Concílio Vaticano II deram à Igreja a coragem, o incentivo e os princípios para a reflexão sobre a unidade dos cristãos; uma abertura ao diálogo ecumênico que, ao longo de muitos anos, fora esquecido ou até mesmo combatido. Agora, com João XXIII e Paulo VI, na perspectiva do Vaticano II, os fiéis das outras denominações não são mais vistos como “inimigos” ou “hereges”, mas sim como irmãos.

Os dois Papas do Concílio foram elevados aos altares da Igreja, João XXIII foi canonizado em abril de 2014, e Paulo VI em outubro de 2018, ambos pelo Papa Francisco.

2.4 O Concílio Vaticano II como o mais ecumênico de todos os Concílios

No dia 11 de outubro de 1962 deu-se a abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II, oferecendo para a própria Igreja a oportunidade de se abrir e dialogar com a sociedade, com os não cristãos e, de modo especial com os irmãos e irmãs cristãos que estavam distantes. Nesse sentido, o Vaticano II passou a olhar com otimismo para o mundo e para os outros cristãos, como também para as religiões não cristãs.

No exercício cotidiano do nosso ministério pastoral ferem nossos ouvidos sugestões de almas, ardorosas sem dúvida no zelo, mas não dotadas de grande sentido de discricção e moderação. Nos tempos atuais, elas não veem senão prevaricações e ruínas; vão repetindo que a nossa época, em comparação com as passadas, foi piorando; e portam-se como quem nada aprendeu da história, que é também mestra da vida, e como se no tempo dos Concílios Ecumênicos precedentes tudo fosse triunfo completo da ideia e da vida cristã, e da justa liberdade religiosa. Mas parece-nos que devemos discordar desses profetas da desventura, que anunciam acontecimentos sempre

⁸¹ O'MALLEY, John W. Op. Cit. 2020, p. 112.

infaustos, como se estivesse iminente o fim do mundo. [...]. Infelizmente, a família cristã, não atingiu ainda, plena e perfeitamente, está visível unidade na verdade. A Igreja Católica julga, portanto, dever seu empenhar-se ativamente para que se realize o grande mistério daquela unidade, que Jesus Cristo pediu com oração ardente ao Pai celeste, pouco antes do seu sacrifício. Ela goza de paz suave, bem convicta de estar intimamente unida com aquela oração; e muito se alegra depois, quando vê que essa invocação estende a sua eficácia, com frutos salutares, mesmo àqueles que estão fora do seu seio. Mais ainda, se consideramos bem esta mesma unidade, impetrada por Cristo para a sua Igreja, parece brilhar com tríplice raio de luz sobrenatural e benéfica: a unidade dos católicos entre si, que se deve manter exemplarmente firmíssima; a unidade de orações e desejos ardentes, com os quais os cristãos separados desta Sé Apostólica ambicionam unir-se conosco; por fim, a unidade na estima e no respeito para com a Igreja Católica, por parte daqueles que seguem ainda religiões não-cristãs⁸².

Essa abertura trazida pelo Concílio colocava a Igreja Católica não mais como inimiga da sociedade, mas como serva da humanidade, não mais como um organismo fechado em si mesmo, mas sim como uma mãe e, ao mesmo tempo, irmã das demais Igrejas, capaz de dialogar e encontrar caminhos comuns para a busca da Unidade tão querida e desejada por Jesus.

Por isso mesmo, o caráter ecumênico do Concílio não só ficou claro na participação de mais de 2.200 bispos, mostrando a dimensão Universal da Igreja e não mais europeia, como também a participação de observadores de outras Igrejas; uma participação não decorativa, mas fundamental. Assim expressou o próprio Roncalli: “Quanto a vocês, leiam meu coração, bem. Talvez seja melhor do que se vocês fizerem isso com minhas palavras [...]. A vossa apreciada presença aqui, a emoção que enche o meu coração de sacerdote e bispo [...]”⁸³.

A presença dos delegados de outras Igrejas não fora bem vista para muitos bispos e até mesmo pela Cúria Romana que fazia oposição a ideia de João XXIII de convidar os irmãos de outras confissões cristãs.

⁸² JOÃO XXIII, Papa. *Gaudet Mater Ecclesia*. Discurso de sua santidade Papa João XXIII na abertura solene do SS. Concílio. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html. Acesso em 15 abr. 2021. Tradução nossa.

⁸³ JOÃO XXIII, Papa. *Discurso del santo padre Juan XXIII a los observadores delegados en el Concilio..* Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/es/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621013_osservatori-delegati.html. Acesso em: 16 abr. 2021.

[...]. Muitos bispos não se sentiam confortáveis com os representantes das outras Igrejas. Alguns temiam que os trabalhos e as discussões dos temas em pauta fossem prejudicados, pois, os bispos ficariam constrangidos em tocar nos assuntos delicados da Igreja Católica diante dos observadores⁸⁴.

A verdade é que, mesmo com os pensamentos contrários e as posturas opostas à presença dos observadores não católicos romanos, o Concílio não poderia se isentar dessa abertura, pois, para propor um diálogo com o mundo e com os todos os cristãos, deveria o Concílio mesmo ser uma escola de diálogo e escuta.

Destarte, os observadores não foram relegados aos últimos lugares, nas sombras ou escondidos. Pelo contrário, ocuparam os primeiros lugares nas primeiras fileiras, olhando nos olhos dos padres conciliares. Tiveram ajuda para entenderem o latim e receberam em mãos os mesmos documentos que os padres conciliares receberam.

Ortodoxos, luteranos, anglicanos, evangélicos, coptas, metodistas e, até mesmo dois observadores da Igreja de Moscou. É o primeiro encontro desde séculos de cismas. A Basílica de São Pedro jamais havia hospedado coisa semelhante. É um sinal tangível de um Igreja que deseja realmente superar antigas hostilidades, divisões e incompreensões⁸⁵.

Naquele magnífico encontro, não mais para brigas, acusações e condenações, representantes do cristianismo não católico se encontraram com a Igreja Católica para que juntos pudessem trilhar a estrada da comunhão e da unidade.

Todavia, o Ecumenismo não foi um tema tão facilmente abordado e trabalhado no Concílio, como também não foram os documentos sobre os judeus e a liberdade religiosa. Textos no esquema sobre o ecumenismo que procuravam afirmar a presença e a ação do Espírito Santo também nas demais Igrejas não católicas, foram vistos com maus olhos e duramente combatidos pelos opositores das iniciativas de abertura da Igreja.

⁸⁴ WOLFF, Elias. *Vaticano II: 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 36.

⁸⁵ PONTÍFICO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Ut Unum Sint: 40 anos de ecumenismo*. Centro televisivo Vaticano. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f5NJ6qXyqbg&t=13s>. Acesso em 17 abr. 2021.

[...], uma pequena minoria – 10% a 15% – opunha-se inexoravelmente às tendências e fazia sua influência ser sentida de várias maneiras. Os ânimos se inflamavam. Trocavam-se palavras ásperas, faziam-se acusações. Logo surgiram os líderes da minoria e permaneceram constantes⁸⁶.

Por vezes esses embates saíram das sessões do Concílio e se manifestaram em formas de textos que foram circulados nas comissões e entre os padres da Assembleia, chegando até a se tornarem ataques pessoais, na tentativa de tirar a credibilidade do padre conciliar, como também do documento trabalhado e debatido.

Vocês sabem, é um fato histórico publicado na ocasião pelos jornais de Nova York, que o cardeal Bea, na véspera do Concílio, foi visitar os B'nai B'rith, os 'filhos da aliança', uma seita maçônica reservada aos judeus de grande influência no mundo ocidental. Na sua qualidade de secretário do Secretariado para a União do Cristãos, fundado por João XXIII, ele lhes perguntou: - mações o que vocês querem? Eles lhe responderam: - A liberdade religiosa, proclamem a liberdade religiosa e cessará as hostilidades entre maçonaria e a Igreja Católica! E eles ganharam a liberdade religiosa; ela é pois uma vitória maçônica!⁸⁷.

Mesmo com o conservadorismo lutando contra os temas, que na sua essência estavam ligados com o ecumenismo e a liberdade religiosa, no final do Terceiro Período do Concílio Vaticano II, mais precisamente em 21 de novembro de 1964, foi aprovado o Decreto sobre o ecumenismo com 2.137 votos *placet* e apenas 11 votos *non placet*.

2.5 Decreto *Unitatis Redintegratio*: semente lançada no coração da Igreja e do mundo.

O Ecumenismo no Concílio não pode ser resumido apenas ao decreto que nele foi aprovado, pois não apenas a própria Assembleia, com o passar das Sessões, foi ganhar uma profundidade ecumênica cada vez maior, como

⁸⁶ O'MALLEY, John W. *O que aconteceu no Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2014, p. 19.

⁸⁷ LEFEBVRE, Mons. Marcel. *Do liberalismo à apostasia: uma tragédia conciliar*. Rio de Janeiro: Permanência, 1991, p. 181.

também todos os documentos que foram aprovados podem ser lidos numa perspectiva de abertura, diálogo, respeito e comunhão.

O Decreto sobre o Ecumenismo deixou claro que a Igreja Católica, a partir daquele momento, se colocaria numa postura de cooperação e abertura para com os outros cristãos não católicos. Ele mostrou que a busca pela Unidade seria a estrada percorrida agora também pela Igreja Católica, fazendo do Ecumenismo um dos seus objetivos.

O Decreto *Unitatis Redintegratio* (UR) apresenta o ecumenismo como “um dos principais objetivos” do Vaticano II. E afirma que os esforços pela busca da unidade dos cristãos acontecem sob o impulso do Espírito Santo, para realizar a vontade de Cristo para sua Igreja. Por essa razão, “a solicitude ecumênica diz respeito a todos”, dela ninguém está excluído, sob pena de não manter a fidelidade ao Evangelho⁸⁸.

Já no início do Concílio, o Ecumenismo aparece como um dos temas que serão abordados, estudados e discutidos. Ainda no Primeiro Período (11/10/1962-08/12/1962), o tema foi discutido, mas sua visão era exclusivamente sobre a relação da Igreja Católica e as Igrejas Ortodoxas.

Todavia, o espírito ecumênico crescia cada vez mais, tomando espaço não apenas nas reflexões, mas também no coração dos padres conciliares, já que o próprio decreto afirmou posteriormente que “não há verdadeiro ecumenismo sem conversão interior”⁸⁹. Nomes como Yves Congar, Karl Rahner, Balthasar, J. Daniélou e outros que foram colocados como teólogos suspeitos, sendo uns até perseguidos e silenciados durante o pontificado de Pio XII, no Concílio Vaticano II puderam oferecer uma grande contribuição para uma teologia verdadeiramente ecumênica.

No Segundo Período do Concílio (29/10/1963-04/12/1963), o esquema sobre essa temática retornou para os debates, mas junto dele estavam os esquemas sobre a liberdade religiosa e a relação da Igreja com os judeus, o que acarretou uma discussão acalorada e uma forte oposição. Por isso, o debate não

⁸⁸ WOLFF, Elias. *Unitatis Redintegratio, Dignitatis Humanae, Nostra Aetate: Textos e comentários*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 08.

⁸⁹ UR 7.

caminhou para uma conclusão e o segundo período terminou sem a aprovação do documento.

No intervalo do Concílio a comissão responsável reelaborou o esquema, devolvendo-o para a Coordenação do Concílio. O tema sobre os judeus foi transformado em um apêndice e a temática sobre a liberdade religiosa foi melhorada e mantida; todavia, “mais tarde, decidiu-se que os esquemas sobre judeus e sobre liberdade religiosa seriam transformados em declarações próprias, e não mais como capítulos do De Oecumenismo”⁹⁰.

Nos primeiros dias do Terceiro Período conciliar (14/09/1964-21/11/1964), depois de sofrer algumas modificações, o Decreto foi apresentado para votação, sofrendo, a partir da totalidade dos votantes, poucos votos contrários. Entretanto, o Decreto que sofrera com a oposição da ala mais conservadora, estava ainda distante de uma aprovação.

Como se não bastasse, sempre a 19 de novembro, os padres foram informados de que no esquema sobre o ecumenismo tinham sido introduzidas (“pela via da autoridade”) cerca de vinte modificações. Isso, dado que se estava na véspera da sessão solene, punha a assembleia na condição de rejeitar todo o esquema ou de aceitar as modificações, renunciando ao direito de discuti-las; as alterações – enviadas por Paulo VI – tendiam a enfraquecer o texto reduzindo seu alcance ecumênico, com inevitável desilusão não só de muitos bispos, mas sobretudo dos observadores⁹¹.

Embora as intervenções do Papa Paulo VI tenham sido recebidas com certa desconfiança e entendidas como um cerceamento do avanço ecumênico, de modo especial pelos representantes não católicos, o Decreto sobre o Ecumenismo aprovado no final deste Período, como foi dito no final do tópico anterior, foi e ainda é uma grande luz a iluminar os trabalhos e as ações na busca pela tão desejada Unidade, assim também como as próprias atitudes de Paulo VI mostraram, por si só, os avanços do pensamento ecumênico do Vaticano II.

[...] no andar da discussão o documento se desenvolve e acaba por sinalizar um novo espírito na mentalidade, na espiritualidade, na ação pastoral, na autoconsciência católica. Trata-se de um novo modo de compreender o cristianismo como um todo. Não mais se afirma a unidade pelo retorno⁹².

⁹⁰ WOLFF, Elias. Op. Cit. 2012, p. 27.

⁹¹ ALBERIGO, Giuseppe. *História dos Concílios Ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 2020, p. 428.

⁹² WOLFF, Elias. Op. Cit. 2012, p. 30.

Os Documentos do Concílio, de modo especial o *Unitatis Redintegratio* aqui abordado, mostram a posição da Igreja Católica em uma contínua busca pela renovação, não apenas nas suas ações, mas sobretudo na auto compreensão que tem de si mesma. Uma bela demonstração disso temos na *Lumen Gentium*:

Esta é a única Igreja de Cristo que no Símbolo confessamos uma, santa, católica e apostólica; que nosso Salvador depois de Sua ressurreição entregou a Pedro para apascentar (Jo 21, 17) e confiou a ele e aos demais apóstolos para propagar a reger (cf. Mt 28, 18), levantando-a para sempre como “coluna e fundamento da verdade” (1Tim 3, 15). Esta Igreja, constituída e organizada neste mundo como uma sociedade, subsiste na Igreja Católica governada pelo sucessor de Pedro e pelos Bispos em comunhão com ele, embora fora de uma visível estrutura se encontrem vários elementos de santificação e verdade. Estes elementos, como dons próprios à Igreja de Cristo, impelem à unidade católica⁹³.

Com essa afirmação, a Igreja continua a professar na identificação da Igreja de Cristo com a Igreja Católica, mas agora não mais numa postura de isolamento e fechada em si mesma, pois reconhece que fora de suas estruturas há também elementos da Igreja de Cristo. Assim, a Igreja Católica se percebe não mais como centro da Salvação, mas como sinal do Reino de Deus.

A “revolução copernicana” realizada pelo Vaticano II, a partir da abertura para o mundo, do diálogo com as outras religiões e da busca pela unidade dos cristãos jogou por terra todas as visões que, até então, usavam do axioma “*extra ecclesiam nulla salus*” para colocar o catolicismo como único caminho para a Salvação, colocando a Igreja Católica como “dona” do Reino e não mais como sua serva.

Na estrada ecumênica é preciso baixar as “armas”, quebrar muros, reconstruir pontes e fazer um profundo e sincero exame de consciência, reconhecendo que cada lado, dos cristãos divididos, tem sua parcela de intolerância, acusações e brigas. E com isso, ter a humildade de pedir perdão.

Nesta uma e única Igreja de Deus, já desde os primórdios, surgiram algumas cisões, que o Apóstolo censura como gravemente

⁹³ LG 8.

condenáveis. Dissensões mais amplas, porém, nasceram nos séculos posteriores. Comunidades não pequenas separaram-se da plena comunhão da Igreja católica. Algumas vezes não sem culpa dos homens de ambas as partes. [...]. Por isso pedimos humildemente perdão a Deus e aos irmãos separados, assim como também nós perdoamos aos que nos têm ofendido⁹⁴.

A abertura ao outro, numa perspectiva ecumênica, não é apenas uma atitude externa como um “aceno” ou um “aperto de mãos”, é preciso substituir palavras, preconceitos e atitudes, construídos por décadas, de rejeição, apologia e confrontos. E para isso, o Decreto ecumênico insiste que:

É preciso conhecer a mente dos irmãos separados. Para isso necessariamente se requer um estudo a ser feito segundo, a verdade e com animo benévolo. Os católicos, devidamente preparados, devem adquirir um melhor conhecimento da doutrina e da história, da vida espiritual e litúrgica, da psicologia religiosa e da cultura que são próprias aos irmãos. [...]. Ao mesmo tempo a fé católica deve ser explicada mais profunda e corretamente, de tal modo e com tais termos que possa de fato ser compreendida também pelos irmãos separados⁹⁵.

É importante ressaltar, nesta altura da reflexão, em que todo trabalho ecumênico que visa ao diálogo e, conseqüentemente, ao respeito e à abertura para com os outros cristãos, não significa relativizar o Evangelho ou as verdades de fé professadas pela Igreja Católica. Todavia, elas agora não são mais vistas de modo exclusivista, fazendo da Igreja a detentora do próprio Jesus Cristo.

No esforço ecumênico é preciso reconhecer a presença viva e atuante de Cristo também nos irmãos não católicos, assim também como a beleza e a riqueza das suas tradições, doutrinas e ritos, seja com os Orientais, como também com os Protestantes.

Conhecer, venerar, conservar e fomentar o riquíssimo patrimônio litúrgico e espiritual dos Orientais é de máxima importância para guardar fielmente a plenitude da tradição cristã e realizar a reconciliação dos Cristãos orientais e ocidentais. [...]. No próprio diálogo as Sagradas Letras são exímios instrumentos na poderosa mão de Deus para a consecução daquela unidade que o Salvador apresenta a todos os homens⁹⁶.

⁹⁴ UR 4, 7.

⁹⁵ UR 9, 11.

⁹⁶ UR 15, 20.

Obviamente, o ecumenismo deve ser marcado por posturas, ações e palavras que ajudam na aproximação, no acolhimento e na busca, juntos, pela unidade. Mas o Decreto *Unitatis Redintegratio* lembra também que “não existe verdadeiro ecumenismo sem conversão interior”⁹⁷. Conversão essa que não apenas levará os cristãos a trabalharem pela unidade, mas também a se esforçarem por viver uma vida de acordo com o Evangelho.

Esta conversão do coração e santidade de vida, juntamente com as preces particulares e públicas pela unidade dos Cristãos, devem ser tidas como a alma de todo o movimento ecumênico e, com razão, podem ser chamadas de ecumenismo espiritual⁹⁸.

Não obstante todos os apelos feitos pelo Concílio Vaticano II, de modo especial no Decreto sobre o ecumenismo, para uma verdadeira busca pela comunhão e unidade dos cristãos, não faltam, ainda hoje, posições de ambos os lados que são contrários ao Ecumenismo, fomentado cada vez mais discursos e ações de intolerância, ódio e violência.

Destarte, reconhece-se também que, além das ações humanas, o ecumenismo é um sopro do Espírito Santo e que a unidade é obra da Trindade Divina, que exorta os cristãos e não perderem a esperança e a trabalharem sempre mais pela unidade.

Embora o movimento ecumênico e o desejo de paz com as Igreja católica ainda não sejam em toda parte fortes, temos a esperança de que no futuro cresçam pouco a pouco em todos o sentido ecumênico e a estima mútua⁹⁹.

Por isso, ainda na conclusão do Decreto, os padres conciliares não deixaram de incentivar e insistir com os fiéis católicos para que se abram a essa dimensão profundamente eclesial, pois, assim, de forma melhor, podem manifestar a mensagem evangélica de Jesus.

⁹⁷ UR 7.

⁹⁸ UR 8.

⁹⁹ UR 19.

Este Sacrossanto Sínodo deseja com insistência que as iniciativas dos filhos da Igreja católica se desenvolvam unidas às dos irmãos separados; que não se ponham obstáculos aos caminhos da Providência; e que não se prejudiquem os futuros impulsos do Espírito Santo¹⁰⁰.

Com essas palavras o próprio Vaticano II não encerra o tema sobre o ecumenismo no seu Decreto *Unitatis Redintegratio*, mas indica a estrada a ser percorrida para uma sã e produtiva convivência, comunhão, fraternidade e, principalmente, cooperação entre os cristãos; colocando que o empenho ecumênico, por parte da Igreja Católica, é dever de todos: sejam os fiéis leigos que atuam as mais diversas pastorais e na própria sociedade, como também dos religiosos e dos pastores.

2.6 O Ecumenismo nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI

O brevíssimo pontificado de João Paulo I foi marcado, no campo do Ecumenismo, pelo encontro realizado em 5 de setembro de 1978 com o metropolitano da Igreja Ortodoxa russa, Nikodin de Petersburgo, evento esse que ficou na história não apenas pelo cordial encontro, mas também pela repentina morte do metropolitano russo nos braços do Papa Albino Luciani.

Voltava para junto de Deus, naquele encontro ecumênico, Nikodin de Petersburgo, grande personalidade no mundo ortodoxo e de uma belíssima sensibilidade ecumênica. Não muito tempo após esse triste acontecimento, depois de 33 dias de pontificado, a Igreja Católica se despedia do seu sucessor de Pedro, o Papa do sorriso, como ficou conhecido.

No dia 16 de outubro de 1978, o Conclave elegeu o cardeal polonês Karol Josef Wojtyła que passou a ser chamado de João Paulo II, tendo um dos mais longos pontificados, fazendo mais de 80 viagens, deixando mais de 50 escritos como cartas apostólicas, encíclicas, exortações e discursos.

Karol Wojtyła nasceu a 18 de maio de 1920 em Wadowice, na Polónia meridional, onde viveu até 1938, quando se inscreveu na faculdade de filosofia da Universidade Jagelónica e se transferiu para Cracóvia. No

¹⁰⁰ UR 24.

Outono de 1940 trabalhou como operário nas minas de pedra e depois numa fábrica química. Em outubro de 1942 entrou no seminário clandestino de Cracóvia e a 1 de novembro de 1946 foi ordenado sacerdote. A 4 de Julho de 1958, Pio XII nomeou-o bispo auxiliar de Cracóvia. Recebeu a ordenação episcopal a 28 de setembro seguinte. Como lema episcopal escolheu a expressão mariana *Totus tuus* de São Luís Maria Grignon de Montfort. Primeiro como auxiliar e depois, a partir de 13 de janeiro de 1964, como arcebispo de Cracóvia, participou em todas as sessões do concílio Vaticano II. A 26 de Junho de 1967 foi criado cardeal por Paulo VI. Em 1978 participou no conclave convocado depois da morte de Montini e no sucessivo após o inesperado falecimento de Luciani. Na tarde de 16 de outubro, depois de oito escrutínios, foi eleito Papa. Primeiro Pontífice eslavo da história e primeiro não italiano depois de quase meio milénio, desde o tempo de Adriano VI (1522-1523)¹⁰¹.

O pontificado de Wojtyła, embora seja visto também como um momento que freou a recepção e a aplicação do Concílio Vaticano II: “sob ordens verticais e precisas de um novo papa, João Paulo II, em nome da defesa da tradicional ‘espiritualidade’, quebrou-se a generosa vocação para o serviço do povo”¹⁰², foi marcado por um forte apelo pela paz, voz essa que não apenas ecoou nos países, como também nas religiões.

Em relação às outras religiões, João Paulo II realizou por três vezes (1886, 1993 e 2002) um encontro inter-religioso na cidade de Assis. A própria escolha da cidade por si mesma já dava sinais de abertura e diálogo, já que Roma era vista como a cidade do Papa e Assis lembrava a figura de São Francisco que, sendo um promotor da paz, é admirado por muitos cristãos não católicos e de outras religiões.

Não obstante as inúmeras críticas ao evento e ao próprio Papa que foi acusado de ser um apóstata por se aproximar das outras religiões, o encontro de Assis foi um marco simbólico que movimentou a própria Igreja Católica em relação às demais religiões num futuro próximo.

O padre Dell'Olio recorda o período anterior ao 'Assis '86', naquela época as religiões ou estavam umas contra as outras, ou eram indiferentes, ou se confrontavam no nível das próprias profissões de fé. Hoje, ao contrário, vemos que as religiões, fortes pelas suas

¹⁰¹ *Perfil biográfico de João Paulo II (1920 – 2005)*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf_jp-ii_spe_20190722_biografia.html. Acesso em 20 maio 2021.

¹⁰² REIS, Daniel Aarão, prefácio. MONTENEGRO, Antonio Torres. *Travessias: Padres europeus no Nordeste do Brasil (1950 – 1990)*. Recife: Cepe, 2019, p. 20.

diferenças, são colocadas a serviço de um projeto para a humanidade¹⁰³.

Diante do mundo, naquele ano, líderes de diversas religiões cristãs e não cristãs rezavam junto pela paz no mundo, colocando-se também como abertas para o diálogo e o respeito que constroem atitudes de justiça e fraternidade. Vale lembrar que ainda em 1986 Wojtyła visitou uma sinagoga em Roma, estabelecendo relações e diálogos com os judeus.

Em 2001 o mundo se viu perplexo diante dos atentados sofridos pelos Estados Unidos, sobretudo nos aviões que atingiram o coração da cidade de Nova York, as duas Torres Gêmeas, que faziam parte do complexo do World Trade Center.

Os atentados foram assumidos pela organização islâmica extremista Al-Qaeda, tendo como líder Osama Bin Laden que evocava a ideia de guerra santa (*Jihad*). Tais acontecimentos não apenas provocaram uma “Cruzada” contra o terrorismo islâmico, mas também levantou uma nuvem de desconfiança e insegurança entre as religiões.

Nesse sentido, poucos meses depois desses trágicos eventos, novamente em Assis (24 de janeiro de 2002), os líderes das diversas religiões se encontravam para orar pela paz mundial. Na ocasião afirmou o Papa João Paulo II:

Vimos a Assis *em peregrinação de paz*. Encontramo-nos aqui como representantes das várias religiões, para nos interrogarmos diante de Deus, sobre o nosso compromisso pela paz, para lhe pedir perdão, para dar testemunho do nosso anseio conjunto por um mundo mais justo e solidário.

Queremos oferecer a nossa contribuição para afastar as nuvens do terrorismo, do ódio, dos conflitos armados, nuvens que nestes últimos meses se adensaram de modo particular no horizonte da humanidade. Por isso, queremos *ouvir-nos uns aos outros*: já isto sentimo-lo é *um sinal de paz*. Nele há já *uma resposta* às inquietadoras interrogações que nos preocupam. Já isto serve para *dissipar o nevoeiro da suspeita e da incompreensão*. [...].

Por conseguinte, é urgente que *as pessoas e as comunidades religiosas manifestem a mais clarividente e radical rejeição da violência*, de toda a violência, a partir daquela que pretende disfarçar-se como religiosidade, fazendo apelo até mesmo ao sacrossanto

¹⁰³ SATINELLI, Francesca. *A fraternidade entre as religiões, a grande herança de Assis 1986*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-10/fratelli-tutti-assis-padre-dello-fraternidade.html>. Acesso em 21 maio 2021.

nome de Deus para ofender o homem. Em última análise, a *ofensa contra o homem é ofensa a Deus*. Não existe finalidade religiosa que possa justificar a prática da violência do homem sobre o homem¹⁰⁴.

No que tange ao campo do Ecumenismo, o Papa polonês seguiu a direção do Concílio Vaticano II, “apoiando a participação católica no movimento ecumênico, estabelecendo relação com líderes de Igrejas e de organismos ecumênicos, fortalecendo os diálogos bilaterais”¹⁰⁵; tendo também gestos que ajudavam na estrada do diálogo e da aproximação.

Nas suas inúmeras viagens e visitas oficiais que recebera, vale destacar a ida do Papa à Sede do Conselho Mundial das Igrejas em 1984, em Genebra. Recebeu a visita do Patriarca Bartolomeu I, como também o visitou em Istambul pela ocasião da festa de São Jorge.

Pela primeira vez na história, em 1982, um Papa foi à Inglaterra onde se encontrou, numa cerimônia ecumênica, com o arcebispo e primaz anglicano *Runcie*. Também recebeu, em Roma, o arcebispo anglicano em visitas oficiais. No que se refere aos luteranos, vale ressaltar que foi no pontificado de Wojtyła que, em 1999, foi assinada a declaração conjunta sobre a doutrina da Justificação.

Um dos pontos mais marcantes, na estrada ecumênica, de João Paulo II foi sua visita em 9 de maio de 1999 à Romênia, país de maioria ortodoxa. Naquela ocasião, encontrando-se com o Patriarca *Teoctisto*, o papa proferiu as seguintes palavras:

Beatitude, vim aqui como peregrino para dizer quanto toda a Igreja católica vos está próxima com afeto, no esforço dos Bispos, do clero e dos fiéis da Igreja Católica Romana, no momento em que um milênio está a terminar e outro se apresenta no horizonte. Estou próximo de vós, e é com estima e admiração que vos apoio no programa de renovação eclesial, que o Santo Sínodo empreendeu nos sectores tão essenciais, como a formação teológica e catequética, para fazer desenvolver de novo a alma cristã, que forma um todo com a vossa história. Nesta obra de renovação abençoada por Deus, saiba, Beatitude, que os católicos estão ao lado dos seus irmãos ortodoxos,

¹⁰⁴ JOÃO PAULO II, Papa. *Discurso do Santo padre João Paulo II aos participantes no “dia de oração pela paz” em Assis*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2002/january/documents/hf_jp-ii_spe_20020124_discorso-assisi.html. Acesso em 21 maio 2021.

¹⁰⁵ WOLFF, Elias. Op. Cit. 2014, p. 30.

através da oração e da sua disponibilidade a qualquer colaboração útil. O único Evangelho espera ser anunciado por todos, no amor e na estima recíproca. Muitos sectores se abrem diante de nós para uma tarefa que envolve todos nós, no respeito mútuo e no desejo partilhado de sermos úteis à humanidade, pela qual o Filho de Deus ofereceu a própria vida! O testemunho comum é um poderoso meio de evangelização. A divisão, ao contrário, marca a vitória das trevas sobre a luz¹⁰⁶.

Esse grandioso encontro gerou uma comoção enorme nos participantes e nos devotos que lá estavam, provocando assim um grande grito da multidão que pedia: “Unidade, Unidade”.

Na virada do século, ano 2000, precisamente na Basílica de São Paulo fora dos muros, a porta santa era aberta, na presença de católicos e representantes de mais de 22 Igrejas e comunidades eclesiais, com 6 mãos: o Papa João Paulo II, o metropolitano ortodoxo Atanásio e o arcebispo anglicano George Carey. No mesmo ano, Wojtyła, na missa que deu início à Quaresma, expressou de forma comovente um pedido de perdão:

Perdoemos e peçamos perdão! Enquanto louvamos a Deus que, no seu amor misericordioso, suscitou na Igreja uma maravilhosa messe de santidade, de ardor missionário, de total dedicação a Cristo e ao próximo, não podemos deixar de reconhecer *as infidelidades ao Evangelho, nas quais incorreram alguns dos nossos irmãos, especialmente durante o segundo milénio*. Pedimos perdão pelas divisões que surgiram entre os cristãos, pelo uso da violência que alguns deles fizeram no serviço à verdade, e pelas atitudes de desconfiança e de hostilidade às vezes assumidas em relação aos seguidores de outras religiões¹⁰⁷.

Um momento delicado com os irmãos não católicos se deu na viagem do Papa para a Ucrânia em 2001, onde, mesmo pedindo perdão pelos erros do passado por parte dos católicos, a visita papal sofreu uma oposição forte por parte dos ortodoxos que chegaram até usar bandeiras com frases contra o pontífice.

¹⁰⁶ JOÃO PAULO II, Papa. *Encontro do Santo padre com sua Beatitude Teoctisto e com os membros do Santo Sínodo*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1999/may/documents/hf_jp-ii_spe_19990508_romania-patriarc.html. Acesso em: 24 maio 2021.

¹⁰⁷ JOÃO PAULO II, Papa. *Santa missa no dia do perdão do ano santo de 2000: Homilia do Papa João Paulo II*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2000/documents/hf_jp-ii_hom_20000312_pardon.html. Acesso em 26 maio de 2021.

Todavia, essa pequena e triste página na história ecumênica não encerrou as iniciativas e os esforços das Igrejas na busca do diálogo e da comunhão. Nesse sentido, vale muito lembrar que em, ainda em 1987, João Paulo II se encontrou com o Patriarca *Dimítrios* I e naquela ocasião, juntos rezaram a profissão de fé constantinopolitana no texto grego, ou seja, omitindo o *Filioque* que é um tema muito delicado entre os católicos e ortodoxos.

O ápice da estrada ecumênica no pontificado do Papa polonês foi a publicação da Encíclica sobre o empenho ecumênico *Ut Unum Sint*, datada de 25 de maio de 1995. Nela o João Paulo II lembra que “Com o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica empenhou-se, de modo irreversível, a percorrer o caminho da busca ecumênica, colocando-se assim à escuta do Espírito do Senhor [...]”¹⁰⁸.

Reconhecendo, como fizera Paulo VI, que a força como se exerce o ministério petrino também é causa de divergência e polêmicas entre as Igrejas, sobretudo com os ortodoxos, Wojtyla afirmou que, não abrindo mão daquilo que é essencial, as Igrejas e os teólogos poderiam ajudar, assistidos pelo Espírito Santo, a encontrar novas formas de realizar e exercer o ministério papal.

[..]. Quando a Igreja Católica afirma que a função do Bispo de Roma corresponde à vontade de Cristo, ela não separa esta função da missão confiada ao conjunto dos Bispos, também eles « vicários e legados de Cristo. O Bispo de Roma pertence ao seu colégio, e eles são os seus irmãos no ministério.

Aquilo que diz respeito à unidade de todas as Comunidades cristãs, entra obviamente no âmbito das preocupações do primado. Como Bispo de Roma, sei bem — e confirmei-o na presente Carta encíclica — que a comunhão plena e visível de todas as Comunidades, nas quais em virtude da fidelidade de Deus habita o seu Espírito, é o desejo ardente de Cristo. Estou convicto de ter a este propósito uma responsabilidade particular, sobretudo quando constato a aspiração ecumênica da maior parte das Comunidades cristãs, e quando ouço a solicitação que me é dirigida para encontrar uma forma de exercício do primado que, sem renunciar de modo algum ao que é essencial da sua missão, se abra a uma situação nova. Durante um milénio, os cristãos estiveram unidos pela « fraterna comunhão da fé e da vida sacramental. Quando entre eles surgiam dissensões acerca da fé ou da disciplina, era a Sé de Roma quem, de comum acordo, as resolvia. Desse modo, o primado exercia a sua função de unidade. Dirigindo-me ao Patriarca Ecumênico, Sua Santidade Dimítrios I, disse estar consciente de que, por razões muito diferentes, e contra a vontade de uns e outros, o que era um serviço pôde manifestar-se sob uma luz

¹⁰⁸ JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica *Ut Unum Sint*: sobre o empenho ecumênico (UUS). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25051995_ut-unum-sint.html. Acesso em 27 maio 2021, nº 03.

bastante diversa. Mas (...) é com o desejo de obedecer verdadeiramente à vontade de Cristo que eu me reconheço chamado, como Bispo de Roma, a exercer este ministério (...). O Espírito Santo nos dê a sua luz, e ilumine todos os pastores e os teólogos das nossas Igrejas, para que possamos procurar, evidentemente juntos, as formas mediante as quais este ministério possa realizar um serviço de amor, reconhecido por uns e por outros¹⁰⁹.

O pontífice também lembra que, para a eficácia do ecumenismo que busca a Unidade, é preciso superar as divisões que ainda existem e que atrapalham o próprio anúncio do Evangelho.

Obviamente a superação das divisões se coloca como um desafio para ambos os lados, pois, além dos obstáculos que surgem na caminhada, ainda há as amargas lembranças e rancores de eventos passados. Por isso, afirma o Papa:

Mas, além das divergências doutrinárias a resolver, os cristãos não podem ignorar o peso das *atávicas incompreensões* que herdaram do passado, dos *equivocos* e *preconceitos* de uns relativamente aos outros. Não raro, depois, a *inércia*, a *indiferença* e um *conhecimento recíproco insuficiente* agravam tal situação. Por este motivo, o empenho ecumênico deve fundar-se na conversão dos corações e na oração, ambas induzindo depois à *necessária purificação da memória histórica*¹¹⁰.

Para um maior diálogo e aproximação, faz-se necessário derrubar os muros da prepotência que ambos os lados levantaram. E o instrumento para isso é a consciência do valor que o outro possui e de que nenhum dos lados tem a exclusividade de Deus, “que sopra onde quer” (Cf. Jo 3, 8). Imbuído dessa consciência, *Wojtyła*, ainda na encíclica, afirmou:

Para além dos limites da Comunidade Católica, não existe o vazio eclesial. Muitos elementos de grande valor (*eximia*), que estão integrados na Igreja Católica na plenitude dos meios de salvação e dos dons de graça que a edificam, acham-se também nas outras Comunidades cristãs¹¹¹.

¹⁰⁹ UUS 95.

¹¹⁰ UUS 02.

¹¹¹ UUS 13.

Mas, infelizmente, na frágil estrada ecumênica, não poucas vezes, há mal-entendidos ou até mesmo retrocessos. Isso aconteceu, ainda no Pontificado do Papa polonês, quando, no dia 6 de agosto de 2000, a Congregação para Doutrina da Fé, que tinha como prefeito o Cardeal alemão *Joseph Ratzinger*, publicou uma declaração controversa. A declaração intitulada *Dominus Iesus*, sobre a unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja, afirmou:

Existe, portanto, uma única Igreja de Cristo, que subsiste na Igreja Católica, governada pelo Sucessor de Pedro e pelos Bispos em comunhão com ele. As Igrejas que, embora não estando em perfeita comunhão com a Igreja Católica, se mantêm unidas a esta por vínculos estreitíssimos, como são a sucessão apostólica e uma válida Eucaristia, são verdadeiras Igrejas particulares. Por isso, também nestas Igrejas está presente e atua a Igreja de Cristo, embora lhes falte a plena comunhão com a Igreja católica, enquanto não aceitam a doutrina católica do Primado que, por vontade de Deus, o Bispo de Roma objetivamente tem e exerce sobre toda a Igreja. As Comunidades eclesiais, invés, que não conservaram um válido episcopado e a genuína e íntegra substância do mistério eucarístico, não são Igrejas em sentido próprio¹¹².

Essa afirmação da Congregação para Doutrina da fé não ressoou bem junto às comunidades não católicas, gerando muitas polêmicas e a volta de vários ressentimentos do passado.

O conteúdo do documento não me surpreendeu porque ele simplesmente reafirma um posicionamento claro da Igreja Católica Romana que é o de julgar-se “a” Igreja. O Concílio Vaticano II somente havia amenizado o tom do discurso. O Concílio maquiou um pouco a presunção romana, admitindo que os membros de outras igrejas cristãs são “irmãos separados” e ao dizer que, embora “as igrejas tenham deficiências... o Espírito Santo não recusa emprega-las como meios de salvação”¹¹³.

Embora as comunidades separadas não buscassem esse reconhecimento por parte da Igreja Católica, o documento foi recebido como

¹¹² CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. *Declaração Dominus Iesus*. Sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000806_dominus-iesus_po.html. Acesso em 29 maio 2021, n 17.

¹¹³ CALVANI, Carlos Eduardo B. Reflexões de um anglicano sobre o Ecumenismo. *Via Teológica*. Vol 2, n 2 Dez 2000. Disponível em: <http://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/56>. Acesso em: 25 jul 2021.

cheio de arrogância de prepotência, condutas que não coadunam com quem deseja dialogar e estabelecer uma comunhão.

Para o conjunto das afirmações da *Dominus Iesus*, não existe uma evolução teológica entre o tempo antes e depois do Vaticano II, embora essas se apresentem como leitura autêntica do Vaticano II. Continuam os ressentimentos contra o *aggiornamento*, pensado por João XXIII e os padres conciliares, como princípio estruturante de uma leitura teológica inserida no tempo e no espaço, marcados pela presença de Deus, e de uma nova ética missionária no mundo. [...]. Os autores da *Dominus Iesus* sabem do risco da violência inerente ao anúncio militante dos fundamentalistas. Não incentivam a violência, mas tampouco promovem a paz, ao apontar, basicamente, só para aquilo que separa a Igreja Católica das religiões, numa perspectiva inversa à *Nostra Aetate*, que considera “o que é comum aos homens e os move a viver juntos o seu destino” (NA 1ª)¹¹⁴.

O documento não foi na contramão do espírito ecumênico católico e não representou mudança no engajamento católico, pois não era uma afirmação de monopólio de Deus e do seu Reino.

Contudo, o estilo altamente compacto e abstrato do documento levantou dúvidas sobre o compromisso ecumênico da Igreja católica. Muitos se sentiram desapontados, golpeados e feridos por seu tom e seu estilo¹¹⁵.

Mesmo com a declaração sendo entendida como um certo retrocesso em relação ao Ecumenismo e ao próprio diálogo inter-religioso, uma vez que a Igreja aparentemente se posicionava novamente como detentora absoluta da verdade, tal suposto posicionamento e interpretação não acabaram com o diálogo ou com todo o caminho ecumênico construído até aqui.

No dia 02 de abril de 2005, os sinos de Roma pararam de repicar. Era o sinal de que se encerrava, naquele momento com sua morte, o pontificado de João Paulo II. Depois de dias de velório, houve a missa de corpo presente, na Praça São Pedro, presidida pelo cardeal alemão *Joseph Ratzinger*, na presença de milhares de fiéis. No funeral daquele que governou a Igreja católica por mais

¹¹⁴ SUESS, Paulo. *A propósito da Evangelização explícita: A declaração Dominus Iesus revisitada. Perspectiva Teológica*, ano XXXVIII, n 103. Set/Dez 2005. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/381/724>. Acesso em: 19 jul 2021.

¹¹⁵ KASPER, Walter. *Op. Cit.* 2008, p. 27.

de 20 anos, estavam reunidos e dividiam, até os mesmos bancos, líderes de diversas Igrejas cristãs e de outras denominações religiosas.

Ainda em 2005, precisamente no dia 19 de abril, no quarto escrutínio do Conclave, foi eleito como novo bispo de Roma e sucessor de Pedro para a Igreja Universal, aquele que foi um colaborador direto do Papa João Paulo II, *Joseph Ratzinger*, que assumiu o nome de Bento XVI.

Por ocasião da audiência geral, quarta-feira, 27 de abril de 2005, Bento XVI explicou aos fiéis os motivos que o levaram a escolha do nome, citando assim algumas características que são muito caras ao caminho ecumênico, como paz, diálogo e reconciliação.

Neste primeiro encontro, gostaria antes de tudo de falar sobre o nome que escolhi ao tornar-me Bispo de Roma e Pastor da Universal da Igreja. Quis chamar-me Bento XVI para me relacionar idealmente com o venerado Pontífice Bento XV, que guiou a Igreja num período atormentado devido ao primeiro conflito mundial. Ele foi corajoso e um autêntico profeta da paz, e comprometeu-se com coragem infatigável, primeiro para evitar o drama da guerra, e depois para conter as consequências nefastas. Nas suas pegadas, desejo colocar o meu ministério ao serviço da reconciliação e da harmonia entre os homens e os povos, profundamente convencido de que o grande bem da paz é, antes de tudo, dom de Deus, dom frágil e precioso que deve ser invocado, tutelado e construído dia após dia com tributo de todos¹¹⁶.

Deste modo, o Papa alemão – perito no Concílio Vaticano II, braço direito de João Paulo II e um grande teólogo – assumiu a responsabilidade e colocou-se como instrumento no caminho do Ecumenismo, pois não apenas entendia a riqueza e a importância da Unidade cristã, como também era testemunha das trágicas consequências da divisão entre os cristãos.

Nesse sentido, em um dos seus primeiros compromissos mundiais, Bento XVI viajou para a Alemanha, sua terra natal e também a pátria do teólogo e fundador do Protestantismo Martinho Lutero. Sua visita se deu por ocasião da Jornada Mundial da Juventude. No dia 19 de agosto do mesmo ano, em um encontro ecumênico em Colônia, diante dos representantes das Igrejas e comunidades eclesiais, proferiu as seguintes palavras:

¹¹⁶ BENTO XVI, Papa. *As razões do nome Bento XVI*. Audiência Geral, quarta-feira, 27 de abril de 2005. Oração e Santidade – Catequeses ao Povo de Deus. Volume I. São Paulo: Molokai, 2018, p. 20.

Sendo eu mesmo proveniente deste País, conheço bem a situação dolorosa que a ruptura da unidade na profissão da fé causou a tantas pessoas e famílias. Também por este motivo, imediatamente após a minha eleição para Bispo de Roma, como Sucessor do Apóstolo Pedro, manifestei o firme propósito de assumir a recuperação da unidade plena e visível dos cristãos como uma prioridade do meu Pontificado. Com isto quis prosseguir conscientemente os passos dos meus grandes Predecessores: de Paulo VI que, há já mais de quarenta anos, assinou o Decreto conciliar sobre o ecumenismo *Unitatis Redintegratio*, e de João Paulo II, que fez depois deste documento o critério inspirador do seu agir¹¹⁷.

Durante o seu pontificado continuaram acontecendo os encontros entre líderes religiosos em Assis. Como sucessor de Pedro, Bento XVI não se subtraiu a esse dever. Todavia é preciso lembrar que, quando ainda era um colaborador do Papa Polonês, “*Ratzinger* não queria participar do encontro inter-religioso em Assis que João Paulo II havia celebrado em 1986”¹¹⁸.

Sua intenção não era ser uma oposição ao evento, mas apenas evitar mal-entendidos. Por isso mesmo, depois do pedido feito pelo Papa, o prefeito da Congregação para Doutrina da Fé, participou do encontro que aconteceu em 2002.

Assumindo, agora como Papa, a missão de dialogar e promover a paz entre as religiões, entre os cristãos e entre os povos, em 2011, numa Audiência Geral, que antecedeu o encontro em Assis, o Papa alemão terminou sua catequese com o seguinte pedido:

Caros irmãos e irmãs, como cristãos queremos invocar de Deus o dom da paz, desejamos pedir-lhe que nos torne instrumentos da sua paz num mundo ainda dilacerado pelo ódio, por divisões, egoísmos e guerras, queremos pedir-lhe que o encontro de amanhã em Assis favoreça o diálogo entre pessoas de diferentes pertencas religiosas e traga um raio de luz capaz de iluminar a mente e o coração de todos os homens, para que o rancor ceda o lugar ao perdão, a divisão à reconciliação, o ódio ao amor e a violência à mansidão, e para que no mundo reine a paz¹¹⁹.

¹¹⁷ BENTO XVI, Papa. *Discurso do Papa Bento XVI por ocasião do encontro ecumênico no palácio episcopal de Colônia*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/august/documents/hf_ben-xvi_spe_20050819_ecumenical-meeting.html. Acesso em: 11 Jun 2021.

¹¹⁸ SARTO, Pablo Blanco. *Bento XVI: O Papa Alemão*. Volume I. São Paulo: Molokai, 2019, p. 502.

¹¹⁹ BENTO XVI, Papa. *Oração para preparação do Encontro de Assis: Peregrinos da verdade, peregrinos da paz*. Audiência Geral, quarta-feira, 26 de outubro de 2011. Oração e Santidade – Catequeses ao Povo de Deus. Volume IV. São Paulo: Molokai, 2018, p. 122.

Em relação à promoção da paz que envolve todas as religiões, por ocasião de sua visita à Turquia em 2006, no encontro com o Presidente dos assuntos religiosos, Bento XVI falando sobre a relação entre cristãos e muçulmanos, lembrou que, cada um, na sua religião, “chamam a atenção sobre a verdade do carácter sagrado e da dignidade da pessoa. Esta é a base do nosso respeito e estima recíprocos, esta é a base para a colaboração ao serviço da paz”¹²⁰.

Nessa mesma viagem, o bispo de Roma se encontrou e firmou ainda mais as relações com a Igreja Ortodoxa de Constantinopla, na pessoa do Patriarca ecumênico Bartolomeu I. Vale ressaltar também que, durante essa visita, Bento XVI se encontrou, em Istambul, no dia 30 de novembro, com o Patriarca Arménio, sua Beatitude *Mesrob II Mutafian*, onde expressou: “O nosso encontro é muito mais que um simples gesto de gentileza ecumênica e de amizade. É um sinal da nossa esperança partilhada nas promessas de Deus” [...] ¹²¹.

Seguindo suas viagens, sempre no tocante ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso, destaca-se a sua ida a Chipre, onde se encontrou com sua Beatitude, arcebispo Ortodoxo de Chipre, *Chrysostomos II*. Nessa ocasião também pode se encontrar com um representante do mundo muçulmano, encontro esse que ficou marcado pela verdadeira e bonita cordialidade de ambos.

Quando Bento XVI aproximou-se dele, o representante muçulmano pediu desculpas por estar sentado. “É que eu sou muito velho”, disse-lhe. “Eu também sou velho”, respondeu o papa. O sheik deu ao papa um bastão e uma placa na qual estava escrita a palavra “paz” em árabe. “Por favor, reze por mim”, pediu-lhe. “Rezarei por você, mas, por favor, reze por mim também”, respondeu Bento XVI, que lhe entregou uma medalha de seu pontificado¹²².

¹²⁰ BENTO XVI, Papa. *Discurso do Santo Padre durante o encontro com o presidente dos assuntos religiosos da Turquia*. Disponível: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20061128_pres-religious-affairs.html. Acesso em 14 junh 2021.

¹²¹ BENTO XVI, Papa. *Encontro de oração do Santo Padre com o Patriarca Arménio, sua Beatitude Mesrob II Mutafian*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20061130_patriarch-mesrob-ii.html. Acesso em: 14 junh 2021.

¹²² SARTO, Pablo Blanco. *Bento XVI: O Papa Alemão*. Volume II. São Paulo: Molokai, 2019, p. 426.

No caminho irreversível do ecumenismo que possui, para a construção de uma sociedade de paz, um elo profundo com o diálogo inter-religioso; o Papa alemão fez, em 2009, uma peregrinação de 8 a 15 de maio à Terra Santa, onde não apenas encontrou a pequena comunidade católica latina, mas com a presença e nos encontros renovar laços e diálogos com ortodoxos e muçulmanos e judeus.

Na ocasião da peregrinação, Bento XVI teve a oportunidade de visitar vários lugares que são caros para as três religiões monoteístas. E nesses lugares, com reverência e abertura, expressou o desejo de juntos contribuírem para a promoção da paz e da justiça.

Na Esplanada das Mesquitas, em Jerusalém, diante do Grão-Mufti, *Muhammad Ahmad Hussein* e de outros irmãos muçulmanos, o Papa disse: “num mundo tristemente dilacerado por divisões, este lugar sagrado serve de estímulo e constitui inclusive um desafio para os homens e mulheres de boa vontade a empenharem-se a fim de superar incompreensões e conflitos[...]”¹²³.

O encontro de Bento XVI com os ortodoxos foi especial, pois foi uma oportunidade de recordar dois outros grandes encontros ocorridos entre Paulo VI e o Patriarca *Atenágoras I* e depois o encontro do Papa João Paulo II com Sua Beatitude o Patriarca *Diodoros*. Nesse evento cheio de significado, disse o Pontífice:

Nós temos que encontrar a força para duplicar o nosso compromisso a fim de aperfeiçoar a nossa comunhão, para a tornar completa, e dar um testemunho conjunto do amor do Pai, que envia o Filho a fim de que mundo conheça o seu amor por nós (cf. *Jo 17, 23*)¹²⁴.

Estando de volta, em Roma, na Audiência Geral, 20 de maio do mesmo mês, o Papa alemão, depois de expressar seu agradecimento pela oportunidade de ter encontrado irmãos judeus, muçulmanos e católicos, ressaltou que todos

¹²³ BENTO XVI, Papa. *Visita de cortesia ao Grão-Mufti*: Discurso do Papa Bento XVI. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090512_gran-mufti.html. Acesso em: 14 junh 2021.

¹²⁴ BENTO XVI, Papa. *Encontro Ecumênico*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090515_incontro-ecumenico.html. Acesso em 16 junh 2021.

são chamados a praticar o bem, a paz e o amor ao próximo, como forma de verdadeiramente anunciar o Deus que todos servem e adoram.

Portanto, todos os crentes devem pôr de lado os preconceitos e a vontade de domínio, e praticar concordes o mandamento fundamental: isto é, amar a Deus com todo o seu ser e amar o próximo como a si mesmo. É isto que judeus, cristãos e muçulmanos são chamados a testemunhar, a fim de honrar com fatos aquele Deus que anunciam com os lábios¹²⁵.

Como um peregrino da paz, Bento XVI, viajou também ao Líbano em setembro de 2012, uma visita que sofreu protestos por parte daqueles que não aceitavam a presença do Papa, mas que se tornou uma oportunidade de diálogo num país marcado por divisões e conflitos políticos, sociais e religiosos.

Nessa viagem, o Papa entregou também para os católicos médio-orientais a Exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Medio Oriente*. Também encontrou-se com ortodoxos e muçulmanos em visitas cordiais e cheias de entusiasmos.

Ao lembrar dessa viagem, na sua catequese semanal, o Pontífice disse que “num contexto caracterizado por conflitos duros, chamei a atenção para a necessidade de servir a paz e a justiça, tornando-se instrumentos de reconciliação e construtores de comunhão”¹²⁶.

Nos anos seguintes, a vida da Igreja em relação ao Ecumenismo parecia caminhar com estabilidade, apesar de muitos problemas terem surgido no interior da Igreja. Todavia, em 2013, Bento XVI tomou uma decisão que não apenas traria surpresa para o catolicismo, mas também para o mundo.

No dia 11 de fevereiro daquele ano, no consistório convocado para tratar o tema das canonizações de novos santos, o Papa Alemão aproveitou a oportunidade para apresentar a sua renúncia do ministério pretino.

Convoquei-vos para este Consistório não só por causa das três canonizações, mas também para vos comunicar uma decisão de grande importância para a vida da Igreja. Depois de ter examinado repetidamente a minha consciência diante de Deus, cheguei à certeza

¹²⁵ BENTO XVI, Papa. *Peregrinação à Terra Santa*. Audiência Geral, quarta-feira, 20 de maio de 2009. Oração e Santidade – Catequese ao Povo de Deus. Volume III. São Paulo: Molokai, 2018, p. 74.

¹²⁶ BENTO XVI, Papa. *Viagem Apostólica ao Líbano*. Audiência Geral, quarta-feira, 26 de outubro de 2012. Op. Cit. 2018, p. 357.

de que as minhas forças, devido à idade avançada, já não são idóneas para exercer adequadamente o ministério petrino. [...]. Por isso, bem consciente da gravidade deste ato, com plena liberdade, declaro que renuncio ao ministério de Bispo de Roma, Sucessor de São Pedro, que me foi confiado pela mão dos Cardeais em 19 de Abril de 2005, pelo que, a partir de 28 de Fevereiro de 2013, às 20,00 horas, a sede de Roma, a sede de São Pedro, ficará vacante e deverá ser convocado, por aqueles a quem tal compete, o Conclave para a eleição do novo Sumo Pontífice¹²⁷.

A decisão de Bento XVI provocou as mais diversas reações e uma pluralidade de suposições sobre os reais motivos que o levaram a renunciar. Mas a verdade é que “a renúncia do papa não deixou indiferentes nem cristãos, nem agnósticos, nem ateus”¹²⁸, e pode-se acrescentar que nem ortodoxos, muçulmanos ou judeus.

Como testemunho da contribuição do pontificado de Bento XVI, o rabino-chefe *asquenaze* de Israel, *Yona Metzger* afirmou que sentia grande gratidão ao Papa, “por sua grande atividade na promoção do diálogo inter-religioso, que contribuiu grandemente para reduzir o antissemitismo em todo mundo”¹²⁹.

Contudo, o pontificado do Papa *Ratzinger*, embora tenha continuado a estrada do Ecumenismo, não apresentou grandes novidades. Visto sempre como um conservador implacável, seu governo foi entendido como “freio” nos impulsos ecumênicos e inter-religiosos.

Assim, os pronunciamentos e gestos ecumênicos de Bento XVI perdem força e visibilidade para atitudes resistentes ao diálogo, sobretudo de setores da cúria romana e de alguns movimentos eclesiais católicos¹³⁰.

No dia 28 de fevereiro de 2013, a Igreja Católica virava mais uma página de 8 anos da sua história, terminada assim, não pela morte, mas pela renúncia do Papa Bento XVI. E então começava o clima de expectativa sobre quem seria o próximo Papa. Qual escolha os cardeais fariam? Sempre contando com a intervenção do Espírito Santo. A verdade é que essa expectativa e a futura

¹²⁷ BENTO XVI, Papa. *Declaratio*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130211_declaratio.html. Acesso em 15 junh 2021.

¹²⁸ SARTO, Pablo Blanco. Op. Cit. 2019, p. 730.

¹²⁹ Ibidem. p. 731.

¹³⁰ WOLFF, Elias. Op. Cit. 2014, p. 30.

escolha impactaria não apenas a vida interna da Igreja, mas também sua relação com o Ecumenismo. Certamente Deus reservou uma grande novidade para a Igreja e para o mundo!

CAPÍTULO III

PAPA FRANCISCO, BISPO DE ROMA: CORAÇÃO ABERTO PARA ACOLHER, AMAR E DIALOGAR

“Os olhos e ouvidos do mundo inteiro – através dos meios de comunicação – voltaram-se para Roma quando do anúncio de que o conclave chegara a uma decisão: fora eleito o arcebispo de Buenos Aires, Jorge Bergoglio. Uma grande surpresa. A surpresa aumenta quando se anuncia que ele tomará como papa o nome de Francisco. E para quem esperava que as surpresas terminariam ali e a cúria romana voltaria ao seu funcionamento cotidiano, enganara-se redondamente. As boas surpresas começariam na verdade ali.”¹³¹

O terceiro capítulo se presta à missão de olhar para o Ecumenismo a partir do magistério do Papa Francisco, percebendo nele uma mudança prática em relação ao diálogo e à convivência com os irmãos cristãos de outras doutrinas.

No pontificado de Francisco, embora este ainda esteja acontecendo, com suas colocações e, de modo especial, com seus gestos, percebe-se uma nova postura, um novo jeito de olhar para a sociedade, para os outros e, sobretudo para dentro da própria Igreja Católica.

A partir dessa nova estrada, o Bispo de Roma propõe uma Igreja que esteja em saída, que não tenha medo de se envolver com a sociedade, que vá ao encontro das pessoas e de seus sofrimentos e que sabia dialogar, não como detentora da Verdade, mas como mãe que acolhe, cuida e sabe curar as feridas.

A dimensão do diálogo é uma marca fundamental deste papado, um diálogo que se faz não olhando de cima para baixo, mas olho no olho entre iguais. Essa coragem de Francisco em não se prender à mentalidade triunfalista de tempos passados, mas de viver de uma forma mais plena o Evangelho de Jesus, gerou muitas críticas infundadas e enlouquecidas por parte de grupos que, vivendo no saudosismo de uma era em que não vivera, não sabem colocar os pés, o coração e a mente no chão da atual realidade.

Não obstante a isso, o Papa continua sua missão, oferecendo caminhos e exemplos para que o Ecumenismo possa também acontecer nas pequenas

¹³¹ BERKENBROCK. Volney José. *Renovando o sonho ecumênico*. Papa Francisco, Perspectivas e expectativas de um papado. José Maria da Silva (org.). Petrópolis, Rj. Vozes, 2014, p. 184.

esferas da Igreja Católica. Com Francisco, dentro do catolicismo, nasce um novo sonho mais próximo de Jesus, sonho este que, somente com a ajuda de muitos cristãos, pode tornar-se realidade.

3.1 *Urbi et Orbi*: para os católicos e para os “não católicos”

Após a surpreendente renúncia de Bento XVI, passados os dias e as interrogações que tomaram conta da mídia e dos círculos de discussão e reflexão católicos ou não, os olhos voltaram-se para o Conclave que teria a missão de escolher, para a Igreja Universal, o sucessor de Pedro.

Em março de 2013, um mês após a renúncia, os cardeais no Conclave chegavam à escolha do novo Papa. Eis que, depois da fumaça branca anunciando a escolha, do badalar dos sinos e de um tempo, aparecia na sacada do Palácio Apostólico o jesuíta, de nacionalidade argentina, Jorge Mario Bergoglio, que passaria, a partir de então, a ser chamado de Francisco. Já na sua primeira aparição, o Papa latino-americano deu sinais de um pontificado diferente e de uma nova estrada que a Igreja iria percorrer.

Ele aparecera usando a mesma cruz peitoral que havia levado de Buenos Aires e que o acompanhara durante todo o conclave; e não chegara usando nem a tradicional mozeta e nem a estola, esta última colocada apenas na hora de dar a bênção¹³².

Filho do Concílio Vaticano II, Bergoglio, desde o início e até agora, trouxe à luz a vontade e a coragem de caminhar pelas estradas que foram abertas pela própria Assembleia Conciliar. Em Francisco vê-se um homem simples, acolhedor, aberto ao diálogo, que procura incessantemente indicar o Evangelho como proposta de reconciliação, de unidade e de fraternidade. É o novo rosto da Igreja Católica para si mesma, para o mundo e para as outras Igrejas cristãs.

¹³² SOUZA, Ney. DIAS, Tiago Cosmo S. *Por uma reforma do Papado: história, apelos e caminhos à luz do Pontificado do Papa Francisco*. Revista de Cultura Teológica, ano XXIX, nº 98 – Jan – Abr 2021. Disponível em: 52195-Texto do artigo-161071-1-10-20210416.pdf. Acesso em 20 Out 2021, p. 111.

Os primeiros gestos vão pouco a pouco revelando seu perfil, como a inclinação diante da Praça de São Pedro e o pedido de uma oração abençoante dos fiéis sobre sua pessoa. Ou a recusa dos carros oficiais, do luxo dos mantos de arminho, mitras enfeitadas e casulas bordadas a ouro. Ou, ainda, o descer do altar para beijar e acariciar um enfermo na cerimônia de entronização. Ou o sorriso, não forçado, não congelado na face, mas espontâneo e constante.¹³³

Com o novo Bispo de Roma, inauguram-se novos tempos para o catolicismo, nos quais a convicção da primazia da Verdade não é mais entendida como grau de superioridade em relação às demais Igrejas, mas sim vista e revisitada diariamente como um serviço. Por isso, ao receber, numa audiência, líderes de outras Igrejas no dia da missa de início de seu pontificado, Bergoglio mostrou sua total vontade e apoio na estrada do diálogo ecumênico,

Desde 2013, como pouco se viu na história, de fato a Igreja de Roma, na pessoa de Francisco, tomava declaradamente a postura de quem preside na caridade e somente na caridade; como fora declarado por Santo Inácio de Antioquia nos primeiros séculos do Cristianismo.

Para alegria de muitos, o Papa Francisco vai se revelando um homem de gestos proféticos que há muito tempo não se viam no papado: marca sua ação pela simplicidade, pela busca do contato com todos, não vai morar no palácio pontifício, pois diz que lá se sentiria sozinho e gosta de viver em comunidade¹³⁴.

As palavras do Bispo de Roma ganham cada vez mais peso e importância porque são acompanhadas de verdadeiros gestos e ações que fazem do caminho agora trilhado uma bonita história de simplicidade, humildade e a consciência de que a Unidade é a melhor forma de se praticar o Evangelho.

Por isso, naquela histórica sacada, no Vaticano, quando o líder máximo da Igreja Católica se inclina pedindo que rezem por ele, revela, a partir de então, uma Igreja não mais centrada em si mesma, superiora de tudo e de todos, mas uma humilde serva dos irmãos, inclusive dos não-católicos. Nesse sentido, a

¹³³ BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Esperança de Futuro Para a Igreja*. In: PASSOS, J. D. et SOARES, Afonso M. L. *Francisco: renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013, pp. 238-250

¹³⁴ BERKENBROCK. Volney José. Op. Cit. 2014, p. 184.

bênção *Urbi et Orbi* proferida pelo Papa não apenas chega aos corações de todos os católicos, mas também aos outros cristãos.

3.2 O Pontificado de Francisco, as novas perspectivas ecumênicas e as oposições ao seu magistério

A “Igreja em saída”¹³⁵, desejada por Francisco não apenas revoluciona o interior da própria Igreja Católica, mas a coloca aberta, sem reservas, para o diálogo com a sociedade, com os cristãos e também com os não cristãos.

Nesse sentido, a dimensão do “Diálogo” é uma característica fundamental do atual pontificado, buscando estabelecer relações que sejam verdadeiras e, sobretudo de irmãos que se olham nos olhos, numa bonita e evangélica igualdade, e não de um olhar que observa os outros de cima para baixo, pois “o diálogo é, assim, a condição privilegiada para a Igreja ampliar aprofundar sempre mais tanto a sua autoconsciência quanto o conhecimento das realidades que a interpelam na missão”¹³⁶.

Na estrada do Concílio, Francisco busca não apenas retomar os ideais conciliares, mas também dá novo impulso para a missão da Igreja e, especialmente, sua relação com as outras Igrejas e comunidades.

Amplitude mental, para não se encerrar obsessivamente em umas poucas ideias, e flexibilidade para poder modificar ou completar as próprias opiniões. É possível que, do meu pensamento e do pensamento do outro, possa surgir uma nova síntese que enriqueça a ambos. A unidade, a que temos de aspirar, não é uniformidade, mas uma ‘unidade na diversidade’ ou uma ‘diversidade reconciliada’. Neste estilo enriquecedor de comunhão fraterna, seres diferentes encontram-se, respeitam-se e apreciam-se, mas mantêm distintos matizes e acentos que enriquecem o bem comum. Temos de nos libertar da obrigação de sermos iguais. Também é necessária sagacidade para advertir eventuais ‘interferências’ a tempo, a fim de que não destruam um processo de diálogo¹³⁷.

¹³⁵ FRANCISCO, papa. Exortação Apostólica: *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013, nº 20.

¹³⁶ WOLFF, Elias. Igreja em Diálogo. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 10.

¹³⁷ FRANCISCO, papa. Exortação Apostólica Pós-Sinodal: *Amoris Laetitia*. São Paulo: Loyola, 2016, nº 139.

Pelos gestos e discursos do Papa, fica evidente que o Ecumenismo é uma dimensão muito cara a seu coração e que, por isso mesmo, empenha-se profundamente para avançar em posturas e ações católicas que contribuam cada vez mais para uma fraternidade e uma comunhão que superem as divisões e os conflitos.

Esse caminho, agora aberto, incentiva os católicos a acolherem contribuições de outros cristãos que podem ajudar também na própria compreensão de sua doutrina e fé. Mas para isso é preciso reconhecer a beleza, a importância e a santidade que existem também nas outras tradições, Igrejas e comunidades.

As diferentes tradições teológicas, litúrgicas, espirituais e canônicas, que se desenvolveram no mundo cristão, quando estão genuinamente radicadas na tradição apostólica, são uma riqueza e não uma ameaça para a unidade da Igreja... Tarefa ecumênica é respeitar as diversidades legítimas e fazer com que se superem as divergências inconciliáveis com a unidade que Deus pede¹³⁸.

Ao impulsionar o catolicismo para uma saída de si mesmo ao encontro dos outros, Francisco é o primeiro a dar o exemplo, pois como já foi dito nas páginas deste trabalho, seu magistério é marcado por gestos proféticos e revolucionários.

Em fevereiro de 2020, o Papa doou para a Igreja Ortodoxa da Bulgária as relíquias dos santos mártires Clemente e Potito, muito venerados pelos ortodoxos. Tal atitude, foi reconhecido pelo Patriarca *Neofit* como sendo um gesto de fraternidade e amizade. Vale ressaltar que, nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI, atitudes como essa também foram praticadas.

Diante dessa abertura, como não lembrar das palavras do cardeal Bea na ocasião da repatriação das relíquias de Santo André em 1964:

Durante séculos, vivemos como estranhos uns aos outros, enquanto um batismo comum nos tornava filhos de Deus em Cristo, irmãos uns dos outros. Durante séculos encontramos-nos muitas vezes, infelizmente demasiadas vezes, em oposição uns aos outros,

¹³⁸ FRANCISCO, papa. *Discurso aos participantes da plenária do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos*, 10/11/2016. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco_20161110_plenaria-unita-cristiani.html. Acesso em 18 novembro de 2021.

enquanto pelo dom de um mesmo sacerdócio celebrávamos a mesma Eucaristia, comíamos o mesmo pão da vida, comungávamos o corpo do mesmo e único Senhor, que veio dar a sua vida para reunir os filhos de Deus, que andavam dispersos¹³⁹.

A postura do Papa Latino americano no âmbito do Ecumenismo não se fixa numa ação de cortesia ou de protocolos de boa convivência, mas interpela toda a Igreja a reconhecer os irmãos na mesma fé, mesmo que existam diferenças doutrinárias e disciplinares.

Com Francisco, e depois dele, não é mais admissível uma postura de retorno a uma mentalidade cristã fechada e exclusivista, pois, se assim acontecesse, a Instituição católica estaria fadada ao total fracasso. No caminho ecumênico não há mais volta, é preciso caminhar para frente, buscando novas estradas, novas formas de compreensão, diálogo, convivência e respeito mútuo entre não apenas os cristãos, mas todos os homens e mulheres que habitam o planeta.

Devemos sempre lembrar-nos de que somos peregrinos, e peregrinamos juntos. Para isso, devemos abrir o coração ao companheiro de estrada sem medos nem desconfianças, e olhar primariamente para o que procuramos: a paz no rosto do único Deus¹⁴⁰.

Não mais com a imagem de um monarca absoluto, o Bispo de Roma não tem receio de afirmar que se sente inspirado pelo testemunho de muitos outros que não são católicos, como quando reconheceu, na *Laudato Sí*, a dedicação do Patriarca Bartolomeu no cuidado com o meio ambiente. Também na *Fratelli Tutti* colocou o seu encontro com o grande Imã *Ahmad Al-Tayyeb* em Abu Dhabi como um forte estímulo na busca da paz e da dignidade da vida humana.

Aliás, essa tem sido a grande voz profética de Bergoglio, chamando não apenas os cristãos a uma convivência harmoniosa, mas todos os filhos de Deus, que se disponham também a cuidar e preservar a própria criação, pois “o urgente

¹³⁹ BEA, apud FESQUET, H. *O diário do Concílio*. Publicações Europa-América, 1967, p. 122, v.1.

¹⁴⁰ FRANCISCO. Op. Cit. 2013, Nº 244.

desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral”¹⁴¹.

Ainda no atual pontificado, três fatos da história merecem ser lembrados:

1 O Papa Francisco foi a Genebra, em 2018, por ocasião do 70º aniversário da fundação do Conselho Ecumênico de Igrejas, lembrando que, na raiz de toda divisão, está sempre um olhar para si mesmo e não mais para Deus;

2 A Igreja católica celebrou e recordou os 25 anos da Encíclica do Papa João Paulo II *Ut unum sint*, sobre o empenho ecumênico. Tal recordação não se fixa apenas numa lembrança, mas, animada pelo seu Bispo Universal, a Igreja cada vez mais se sente impelida a caminhar em Busca da Unidade e a construir pontes e não mais muros.

3 Em 2016, na Catedral Luterana de *Lund*, na Suécia, católicos e luteranos se encontravam, não mais para se acusarem e se ofenderem como em séculos passados, mas para celebrarem juntos os 500 anos da Reforma Protestante, num espírito de fraternidade, amizade e abertura.

Profético e profundo foi também o encontro do Papa Francisco, em Cuba, com o Patriarca de Moscou e de toda Rússia, *Kiril*. Ambos, não em terras europeias onde as lembranças das brigas e contendas ainda estão vivas, assinaram uma Declaração Conjunta que reconhece a tradição espiritual que orna a vida das Igrejas, como também o martírio que une, em Cristo, irmãos e irmãs das mais diversas tradições.

Desejo ardentemente que, neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade. Entre todos: Aqui está um ótimo segredo para sonhar e tornar a nossa vida uma bela aventura. Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente [...]; precisamos duma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos! [...]. Sozinho, corres o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é junto que se constroem os sonhos. Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos¹⁴².

¹⁴¹ FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Sí*, sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015, nº 13.

¹⁴² FRANCISCO. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulinas, 2020, nº 8.

Em seu magistério, até o presente momento, o Papa Francisco vem sofrendo uma resistência muito forte. Não apenas por parte da Cúria Romana, que na história, sempre teve um alto poder, mas também nas pequenas esferas e organismos, pois grupos de cunho tradicionalista veem em Bergoglio um herege e, conseqüentemente, um falso Papa.

Na carta, publicada na terça-feira (30/4) no site católico conservador LifeSiteNews, que comumente tece críticas ao papa, os 19 signatários alegam que o conjunto dos bispos católicos deve investigar Francisco pelo "delito canônico da heresia" e pregam que outros sacerdotes critiquem Francisco publicamente. Os motivos da "heresia", dizem os signatários, é que o papa teria suavizado posições que, na opinião deles, vão contra os mandamentos da igreja em diferentes assuntos: os acusadores afirmam que Francisco não tem se oposto veementemente o bastante ao aborto, tem dado sinais de abertura do Vaticano a homossexuais e divorciados, e tem se aproximado de protestantes e muçulmanos¹⁴³.

Toda ação profética de Francisco vem sendo vista, pelos grupos ultraconservadores, como uma desconstrução da Tradição da Igreja, um abandono das leis e da doutrina, pois tais grupos apenas se fixam nisso e se esquecem da mensagem do Evangelho.

São grupos que proliferam charges difamatórias do Papa, usam as redes sociais para seus ferozes ataques, disseminam divisão, ódio e uma má interpretação da própria doutrina católica.

O que leva os agressores a ofender o Papa Francisco não é a fé. É a política. São católicos radicais, liberais e ultraconservadores contra a esquerda e o comunismo, que não tendo lido os documentos sociais da Igreja pensam mais politicamente e do que catolicamente!¹⁴⁴

As ofensas e os ataques se tornam piores ainda quando o Bispo de Roma demonstra e age mais como um cristão do que como um líder religioso com mentalidade medieval, quando se abre para dialogar e invocar a misericórdia do

¹⁴³ BBC Brasil. *Por que 19 sacerdotes e teólogos acusam o Papa Francisco de heresia*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48125473>. Acesso em: 20 dez 2021.

¹⁴⁴ ZEZINHO. Padre. *As ofensas contra o Papa atestam ódio e polarização*. Diálogo e fé seguem outro caminho, o de Francisco. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-02/ofensas-papa-francisco-brasil-defesa-odilo-scherer.html>. Acesso em: 20 dez 2021.

que julgar e condenar. No tocante ao Ecumenismo, incentivado e promovido pelo Papa, esses grupos continuam a trabalhar contra e, pior ainda, são incentivados por padres, bispos e até cardeais.

Atualmente, há um grupo forte opondo-se à Igreja de Francisco: leigos, teólogos, bispos e cardeais que gostariam que ele se demitisse ou desaparecesse prontamente da cena, enquanto esperavam que um novo conclave mudasse a direção atual da Igreja. [...].

Eu não quero conduzir uma investigação sócio histórica aqui, nem um programa de televisão ocidentalizado que coloque o bem contra o mal, então prefiro não citar os nomes dos oponentes que atualmente esfolam Francisco vivo. [...]

O que realmente incomoda seus detratores é que sua teologia deriva da realidade: da realidade da injustiça, da pobreza e da destruição da natureza, e da realidade do clericalismo eclesial. [...]

Tudo bem o papa abraçar crianças e doentes, mas é definitivamente perturbador quando visita Lampedusa e os campos de refugiados e migrantes como o de Lesbos. Incomoda as pessoas quando ele diz que não devemos construir muros contra os refugiados, mas pontes de diálogo e hospitalidade. É irritante quando, seguindo os passos do papa João XXIII, diz que a Igreja deve ser pobre e existir para os pobres, que os pastores têm que cheirar a ovelhas, que deve ser uma Igreja de saída que alcança periferias e que os pobres são um *locus*, tópico ou fonte teológica. [...]

Francisco incomoda as pessoas quando diz que o clericalismo é a lepra da Igreja e quando enumera as 14 tentações da Cúria do Vaticano, que vão desde o sentimento de ser indispensável e necessário, ao desejo de riquezas, passando por uma vida dupla e até chegando ao sofrimento por problemas espirituais. Ele aumenta o incômodo quando acrescenta que essas também são tentações de dioceses, paróquias e comunidades religiosas. É irritante ouvir que a Igreja deve ser concebida como uma pirâmide invertida, com os leigos acima e o papa e os bispos abaixo, assim como causa espanto ouvi-lo dizer que a Igreja é poliédrica e acima de tudo sinodal. Isso significa que todos precisamos percorrer juntos o mesmo caminho, que precisamos ouvir e dialogar uns com os outros¹⁴⁵.

É importante ressaltar que os grupos ultraconservadores que criticam Francisco são os mesmos que abominam o Concílio Vaticano II, chegando até a afirmar que foi um Concílio satânico e herético. Mas Francisco, em sua consciência de cristão e de Pastor Universal, vem trabalhando para que a Igreja, de modo especial em relação às outras igrejas e comunidades, não seja mais

¹⁴⁵ CODINA, Victor. *Por que alguns católicos se opõem ao Papa Francisco?* Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1388590/2019/09/por-que-alguns-catolicos-se-opoem-ao-papa-francisco/>. Acesso em: 20 dez 2021.

uma Instituição triunfalista e exclusivista, mas uma mãe humilde que acolhe, abraça e que caminha junto.

O Papa insiste na dimensão do diálogo que se faz abrindo-se ao outro, reconhecendo a beleza e a riqueza do outro, e isso é fundamental no caminho ecumênico. É a atitude clara de um Pontífice que rasga o véu das mútuas desconfianças, que deseja sentar e conversar, de buscar mais o que une do que aquilo que divide. Todavia, há uma força que se opõe a Francisco, utilizando-se de várias armas para difamá-lo.

O magistério de Francisco é questionado por posturas tradicionalistas que se entendem acima de qualquer suspeita na ortodoxia da fé, mas confundem Tradição com tradicionalismo, ortodoxia com literalismo e as posturas de julgamento desconsideram o primado da caridade na vida cristã e eclesial¹⁴⁶.

Diante de tais ataques, o Papa responde apenas com o silêncio, sem dar atenção; é um homem sereno e de oração, que prefere trabalhar e agir do que ficar caçando os que o criticam principalmente de forma velada usando terceiros.

3.3 Somos Um! A consciência para o despertar ecumênico nas pequenas esferas do catolicismo.

“Entre as religiões, é possível um caminho de paz”¹⁴⁷. O Papa Francisco, em seus discursos, documentos e até nas suas ações, busca uma retomada da consciência de que somos todos irmãos, mesmo que haja diferentes doutrinas e modos de professar a fé.

Mas sua ação não se limita a trabalhar unicamente em prol da Unidade Cristã, pelo contrário, na Encíclica *Fratelli Tutti*, chama todos os homens e mulheres a desempenharem um papel ativo e fundamental na construção de uma sociedade mais justa, tolerante e fraterna, isso pelo meio da “amizade social”, ressaltada pelo Bispo de Roma.

¹⁴⁶ WOLFF, Elias. Op. Cit. 2018, p. 09.

¹⁴⁷ FRANCISCO. Op. Cit. 2020, nº281.

As várias religiões, ao partir do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filho ou filha de Deus, oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade¹⁴⁸.

Embora nas pequenas instâncias e nos grupos radicais o diálogo ecumênico e o inter-religioso sejam vistos como um abandonar a própria verdade doutrinal e de fé, com uma falsa ideia de respeito e tolerância, Francisco insiste em mostrar que a abertura ao outro em nada faz o cristão perder a sua fé ou identidade.

É imprescindível que, na convivência e no diálogo com os cristãos das diferentes tradições e também com os não-cristãos, a identidade esteja alicerçada e bem orientada, mas sem ser usada como ferramenta de exclusão, agressão e divisão, pois “quanto mais profunda, sólida e rica for uma identidade, mais enriquecerá os outros com a sua contribuição específica¹⁴⁹.

A cultura do encontro tão pregada por Francisco é um clamor urgente em um tempo de duras e fortes provações. Com a pandemia do novo Corona vírus (COVID 19), a humanidade clama por empatia e compaixão. Nunca foi tão atual pensar um tema que pudesse invadir e fazer sentir a dor do mundo que sofre, em especial, os mais pobres. Por isso, pensar uma cultura do encontro dentro do plano da fraternidade universal torna-se atual, pertinente e necessária “voz que clama no deserto da vida”, exigindo de todos verdadeira ação e transformação; uma insistência solidária que ultrapasse uma visão utilitarista e que alcance, verdadeiramente, o cuidado das pessoas¹⁵⁰.

O grande desafio para a Igreja católica é transformar as palavras e ações do Papa Francisco em práticas concretas também nas pequenas esferas da Igreja, pois não poucas vezes, nas dioceses, paróquias e comunidades, a voz do Papa não ressoa, levando a um isolamento infértil que torna os trabalhos pastorais ineficazes.

No que se refere ao trabalho ecumênico e até mesmo o diálogo inter-religioso no Brasil, são poucas as dioceses que atuam de uma forma concreta,

¹⁴⁸ FRANCISCO. Op. Cit. 2020, nº 271.

¹⁴⁹ FRANCISCO. Op. Cit. 2020, nº 282.

¹⁵⁰ MARCOLINO, Reginaldo. SANTOS, Danilo Nobre. *A Fratelli Tutti: A cultura do Encontro e a Educação Integral na perspectiva da Fraternidade Universal*. Revista Contemplação. Ed. Especial. Disponível em: <http://www.fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/296/335>. Acesso em: 10 de fev. 2021. p. 154.

são pouquíssimas paróquias que possuem uma relação fraterna e dialogal com as demais Igrejas cristãs que estão nos seus arredores. Nesse sentido, fica evidente que o Ecumenismo é pouco trabalhado, incentivado e assumido como parte integrante da missão da Igreja.

A questão é a fragilidade humana, a tendência humana constante para o egoísmo, que faz parte daquilo que a tradição cristã chama concupiscência: a inclinação do ser humano a fechar-se na imanência do seu próprio eu, do seu grupo, dos seus interesses mesquinhos [...]. Mas, é possível dominá-la com ajuda de Deus¹⁵¹.

Na história ecumênica construída até os dias de hoje, Francisco assumir um papel importante, não marcado apenas pela teoria de que isso é missão de um Papa, mas sim por convicção, coragem e atitudes que levam a redescobrir que o Ecumenismo bem trabalhado e difundido reverbera em ações não apenas na religião, mas na própria sociedade marcada por polarizações, conflitos e grupos religiosos cada vez mais fanáticos e intolerantes.

Vendo que todo o tipo de intolerância fundamentalista danifica as relações entre pessoas, grupos e povos, comprometamo-nos a viver e ensinar o valor do respeito, o amor capaz de aceitar as várias diferenças, a prioridade da dignidade de todo o ser humano sobre quaisquer ideias, sentimentos, atividades e até pecados que possa ter¹⁵².

O apelo do Papa, na prática, deveria ecoar forte nas pastorais e nos recantos mais longínquos onde a Igreja Católica deve atuar, não com proselitismo, mas com diálogo e respeito para com os outros cristãos e religiões. Para isso é preciso ter sempre, como rota, a consciência de que a uniformidade não é o resultado e nem o objetivo do Ecumenismo ou do diálogo inter-religioso. “Como bispo de Roma, desejo reiterar que para nós, católicos, a finalidade do diálogo é a plena comunhão nas legítimas diversidades, não o rebaixamento homologado, muito menos a absorção”¹⁵³.

¹⁵¹ FRANCISCO. Op. Cit. 2020, nº 166.

¹⁵² FRANCISCO. Op. Cit. 2020, nº 191.

¹⁵³ FRANCISCO. *Unidade não é uniformidade, mas sinfonia*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-06/papa-francisco-delegacao-patriarcado-ecumenico-constantinopla.html>. Acesso em: 17 fev. 2022.

É preciso, para além de todas as dificuldades, incentivar e fazer crescer os organismos ecumênicos no Brasil, para que eles cheguem também às pequenas esferas da Igreja, onde uma ação pastoral que tenha o ecumênico como orientação, não seja proselitista, mas busque também a justiça e a fraternidade entre todos.

Como evangelizadores, nós devemos apresentar aos fiéis de Cristo já não a imagem de homens divididos e separados por litígios que nada edificam, mas sim a imagem de pessoas amadurecidas na fé, capazes de se encontrar para além de tensões que se verifiquem, graças à procura comum, sincera e desinteressada da verdade¹⁵⁴.

É verdade que em muitos ambientes cristãos há pouquíssima abertura para o diálogo, difundindo posições cada vez mais radicais e fundamentalistas. Isso se dá dentro de um campo de inúmeros motivos, também por uma falta de conhecimento da própria doutrina católica sobre o Ecumenismo.

As mídias sociais que hoje poderiam ser utilizadas como meio de propagação de iniciativas, trabalhos e ações ecumênicas também são usadas no sentido oposto, transformando o diálogo em discursos cegos, violentos e sem base acadêmica alguma.

Muitas vezes confunde-se o diálogo com algo muito diferente: uma troca febril de opiniões nas redes sociais, muitas vezes pilotada por uma informação mediática nem sempre fiável. Não passam de monólogos que avançam em paralelo, talvez impondo-se à atenção dos outros pelo seu tom alto e agressivo. Mas os monólogos não empenham a ninguém, a ponto de os seus conteúdos aparecerem, não raro, oportunistas e contraditórios¹⁵⁵.

Não obstante todas as dificuldades que se apresentam para a promoção de um Ecumenismo vivo e atuante, todos os cristãos, a partir da própria oração sacerdotal de Jesus, devem se sentir impelidos a buscarem a Unidade, superando as divisões que continuam sendo o grande escândalo para o mundo.

¹⁵⁴ PAULO VI, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 17 fev. 2022. N° 77.

¹⁵⁵ FRANCISCO. Op. Cit. 2020, nº 200.

Para isso, é preciso tecer redes que cultivem a certeza de que “a unidade é o fim e ao mesmo tempo o começo seguro de toda ação eclesial”¹⁵⁶.

Se o caminho ecumênico é longo e frágil, se muitas vezes aparenta ser uma causa perdida, é preciso lembrar-se do texto do Evangelho de Lucas capítulo 1, versículo 37: “Para Deus nada é impossível”.

¹⁵⁶ ARNS, Paulo Evaristo. Bispo. *Estrelas na noite escura*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 58.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Vós sois todos irmãos” (Cf. Mt 23, 8). É preciso redescobrir a beleza de ser irmãos uns dos outros, de serem companheiros de estrada nesta vida terra rumo à eternidade, mesmo que professem doutrinas religiosas diferentes ou congreguem em Igrejas diferentes, pois a diversidade cristã não faz dos cristãos inimigos uns dos outros, mas irmanados naquele que dirigiu uma prece ao Pai para que “todos fossem um” (Cf. Jo 17, 21).

Ao longo de séculos na história do Cristianismo a dimensão da irmandade fraterna, pautada no Evangelho, foi relegada ao ostracismo em nome da defesa da doutrina, da fé e dos costumes; principalmente diante dos que pensavam diferente.

Embora não se possa julgar condenar o passado com a maturidade e o crescimento de hoje, sabe-se bem que essas posturas no Cristianismo desencadearam ofensivas pesadas, como guerras, conflitos, difamações e até assassinatos.

Não foram poucas as divergências entre os cristãos que provocaram divisões, levando ao nascimento de novas Igrejas, comunidades e formas de viverem a fé cristã. Na pluralidade cristã, surgida das divisões, a fé e a doutrina passaram a ser instrumentos de discórdias e de acusações mútuas entre os cristãos, provocando um enorme abismo entre as Igrejas que perdurou durante séculos e, que ainda hoje, não está totalmente desfeito.

As cicatrizes das divisões, sobretudo daquelas que geraram o Cisma de 1050 e do movimento Protestante, ainda estão presentes e, muitas vezes, vivas na memória das Igrejas. Isso dificulta o trabalho ecumênico, mas não impediram as diversas iniciativas em busca da Unidade. As lembranças existem, mas o desejo de superar as tensões e divisões, ainda existentes, é maior.

Nesse sentido, é bom ressaltar o despertar ecumênico nascido no seio do Protestantismo que foi intitulado como Movimento Ecumênico. Embora a Igreja Católica tenha feito oposição, proibindo até de católicos participarem, o movimento não parou de crescer, gerando muitas reflexões e ações em prol da Unidade Cristã.

Somente com o Concílio Vaticano II, no pontificado de João XXIII, a Igreja Católica não só se abriu ao Ecumenismo, como também começou a trabalhar e

se empenhar na estrada rumo a reconciliação. Como não lembrar que os irmãos não católicos tiveram lugar no Concílio, no qual, embora não pudessem votar, participaram como convidados de honra.

A Assembleia Conciliar abriu um caminho no mundo católico para o diálogo e a convivência que não pode ser desfeito. Nesse sentido, os pontificados posteriores ao Concílio foram marcados por movimentos, encontros e diálogos com líderes de outras Igrejas. Como não lembrar daquele magnífico encontro, em Jerusalém, entre o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras e a consequente anulação das excomunhões mútuas? Grande passo, grande gesto em busca da Unidade Cristã!

Também nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI, viagens, encontros e discursos foram realizados em vista da aproximação entre a Igreja Católica e as outras Igrejas, embora também existam críticas a respeito do governo de João Paulo II e Bento XVI, não se pode negar as tentativas de diálogo e aproximação com as demais Igrejas.

No alvorecer de um novo pontificado, com a eleição de Francisco, renasceu também um forte apelo por tudo aquilo que o Concílio Vaticano II havia despertado e que dormia na sombra do esquecimento, como, a convicção de que, para dialogar com os irmãos cristãos de outras Igrejas, era preciso quebrar a posição centralizadora do catolicismo.

E Francisco, como novo Bispo de Roma, com seus gestos, posturas e discursos, tratou de oferecer para a Igreja uma estrada com um espírito autêntico de renovação e abertura. Com Bergoglio, a Igreja não mais se identificou com a postura autorreferenciada, mas começou a se configurar a partir do diálogo.

Na amizade social, proposta por Francisco, todos os homens e mulheres são chamados a um serviço de solidariedade e fraternidade que faça da casa comum um lugar melhor para os filhos de Deus. Para isso, é urgente que as Igrejas cristãs, no diálogo pela Unidade, trabalhem em conjunto e harmonia.

Todavia, infelizmente não são poucas as forças que tentam não apenas desacreditar o ministério do Papa Francisco, como também jogar para o ostracismo todo trabalho ecumênico. E isso, muitas vezes, envenena o coração dos cristãos.

Quando as Igrejas, esquecendo-se de toda caminhada ecumênica realizada até aqui, voltam a se olhar com desconfiança, como se um fosse tramar contra o outro, fica difícil qualquer trabalho em busca da Unidade.

Os cristãos acreditam no mesmo Deus, e nesse coração Divino, certamente, há “espaço” para todos. Isso não é misturar ou entender que tudo é a mesma coisa. Pelo contrário, o respeito e o diálogo estão na riqueza da diversidade. As doutrinas não são iguais, mas são todos irmãos. Por isso, qualquer atitude fechada ou excludente não cabe e não faz mais parte do espírito católico.

O Ecumenismo não pode ser feito de qualquer forma, pois é preciso um trabalho organizado que promova a Unidade com gestos e palavras acertadas. Por isso, só boa vontade não basta. É preciso seguir as orientações devidas para que o esforço ecumênico produza frutos e não acabe por oferecer um contratestemunho.

Seguindo as orientações e respeitando a caminhada ecumênica, percebe-se e testemunha-se que a busca pela Unidade não se trata de uma perda de identidade ou de uma volta ao seio de uma única e mesma Igreja. Mas sim de um trabalho que cresça a partir do diálogo, do respeito e do que há de comum entre os cristãos. E para isso, qualquer tipo de proselitismo, postura de superioridade e fundamentalismo precisam ser deixados para trás, pois só iriam dificultar e atrapalhar os esforços ecumênicos.

Grandes ainda são os desafios, pois abrir-se e dialogar com o outro nem sempre é uma tarefa fácil. Os cristãos ainda estão divididos, o Corpo de Jesus Cristo continua dilacerado pelas brigas e discórdias. E isso, para o mundo com enormes transformações, continua sendo um escândalo que atrapalha a propagação do Evangelho.

Há muito ainda que se fazer para que o Ecumenismo seja abraçado pelos cristãos, sobretudo os católicos; para que faça parte dos projetos de evangelização e de pastoral eclesial. Isso não deve ser motivo de desânimo, mas de tomada de consciência de que todos são chamados a entender e abraçar o chamado de Jesus para a Unidade.

É por isso que, mais do que nunca, o cristão precisa redescobrir que assumir o Ecumenismo é, antes de tudo, um processo de conversão, como também uma atitude de fé coerente com a própria doutrina e com o Evangelho.

Nessa caminhada, a luz do Papa Francisco e sua herança são forças que incentivam os católicos a olharem para a beleza do Vaticano II e se comprometerem com o espírito de renovação suscitado pelo Espírito Santo no seio da Igreja.

Portanto, para além de toda força contrária ao Ecumenismo, sabe-se que será Deus quem realizará toda obra de Unidade, pois ao Senhor, “nada é impossível” (Cf. Lc 1, 37).

REFERÊNCIAS

ALBERIGO, Giuseppe. **História dos Concílios Ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 2020.

ARNS, Paulo Evaristo. Bispo. **Estrelas na noite escura**. São Paulo: Paulinas, 2006.

BBC Brasil. **Por que 19 sacerdotes e teólogos acusam o Papa Francisco de heresia**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48125473>. Acesso em: 20 dez 2021.

BERKENBROCK. Volney José. **Renovando o sonho ecumênico**. Papa Francisco, Perspectivas e expectativas de um papado. José Maria da Silva (org.). Petrópolis, Rj. Vozes, 2014.

BENTO XVI, Papa. **As razões do nome Bento XVI**. Audiência Geral, quarta-feira, 27 de abril de 2005. Oração e Santidade – Catequeses ao Povo de Deus. Volume I. São Paulo: Molokai, 2018.

_____ **Peregrinação à Terra Santa**. Audiência Geral, quarta-feira, 20 de maio de 2009. Oração e Santidade – Catequeses ao Povo de Deus. Volume III. São Paulo: Molokai, 2018.

_____ **Visita de cortesia ao Grão-Mufti**: Discurso do Papa Bento XVI. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090512_gran-mufti.html. Acesso em: 14 junh 2021.

_____ **Encontro Ecumênico.** Disponível em:
https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090515_incontro-ecumenico.html. Acesso em 16 junh 2021.

_____ **Discurso do Papa Bento XVI por ocasião do encontro ecumênico no palácio episcopal de Colônia.** Disponível em:
https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2005/august/documents/hf_ben-xvi_spe_20050819_ecumenical-meeting.html. Acesso em: 11 Jun 2021.

_____ **Oração para preparação do Encontro de Assis: Peregrinos da verdade, peregrinos da paz.** Audiência Geral, quarta-feira, 26 de outubro de 2011. Oração e Santidade – Catequeses ao Povo de Deus. Volume IV. São Paulo: Molokai, 2018.

_____ **Discurso do Santo Padre durante o encontro com o presidente dos assuntos religiosos da Turquia.** Disponível:
https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2006/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20061128_pres-religious-affairs.html. Acesso em 14 junh 2021.

_____ **Encontro de oração do Santo Padre com o Patriarca Armênio, sua Beatitude Mesrob II Mutafian.** Disponível em:
https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2006/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20061130_patriarch-mesrob-ii.html. Acesso em: 14 junh 2021.

_____ **Declaratio.** Disponível em:
https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130211_declaratio.html. Acesso em 15 junh 2021.

BELLITO. Christopher. M. **História dos 21 Concílios da Igreja: De Niceia ao Vaticano II.** São Paulo: Loyola, 2014.

BÍBLIA SAGRADA. TEB. São Paulo: Loyola, 2020.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Esperança de Futuro Para a Igreja.** In: PASSOS, J. D. et SOARES, Afonso M. L. *Francisco: renasce a esperança.* São Paulo: Paulinas, 2013.

CALVANI, Carlos Eduardo B. **Reflexões de um anglicano sobre o Ecumenismo.** Via Teológica. Vol 2, n 2 Dez 2000. Disponível em: <http://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/56>. Acesso em: 25 jul 2021.

CANTALAMESSA, Raniero. **A Trindade no Oriente e no Ocidente:** Reflexões quaresmais. Disponível em: <http://fabianomartatobias.com.br/segunda-pregação-da-quaresma-frei-raniero-cantalamezza/>. Acesso em 10 out. 2020.

CAPPELLETTI, Lorenzo. **Primado ou hegemonia?** A história de uma separação. Disponível em: https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/dialogo_ecumenico/primado_ou_hegemonia_a_historia_de_uma_separacao.html. Acesso em 11 out. 2020.

CIPRIANI, Gabriele. **Unitatis redintegratio e os conselhos de igrejas.** In: BIZON, José; DRUBI, Rodrigo (orgs.). *A Unidade na Diversidade: coletânea de artigos em comemoração aos 40 anos do decreto Unitatis redintegratio sobre o ecumenismo.* São Paulo: Loyola, 2004.

CODINA, Victor. **“Não Extingas o Espírito” (1Ts 5, 19).** São Paulo: Paulinas, 2010.

_____ **Por que alguns católicos se opõem ao Papa Francisco?**

Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1388590/2019/09/por-que-alguns-catolicos-se-opoem-ao-papa-francisco/>. Acesso em: 20 dez 2021.

CONGAR, Yves. **Ele é o Senhor e dá a vida**. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. **Declaração *Dominus Iesus***.

Sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja.

Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000806_dominus-iesus_po.html. Acesso em 29 maio 2021.

COMPÊNDIO DO VATICANO II: ***Unitatis Redintegratio***. São Paulo: Vozes, 2000.

_____ ***Lumen Gentium***. São Paulo: Vozes, 2000.

DENZINGER, Henrici; HÜNERMANN, Petrus. **Compendio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Loyola, 2015.

DALE, T. Irvin; SCOTT, W. Sunquist. **História do movimento cristão mundial: do cristianismo primitivo a 1453**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____ **História do movimento cristão mundial: O cristianismo moderno de 1454 a 1800**. São Paulo: Paulus, 2015.

Do jornal L'Osservatore Romano, edição em português, n.43 de 23 de outubro de 2014. **Perfil biográfico de Paulo VI**. Disponível em:

http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/biografia/documents/hf_p-vi_spe_20190722_biografia.html. Acesso em: 09 Mar 2021.

FESQUET, H. **O diário do Concílio**. Publicações Europa-América, 1967.

FRANCISCO, papa. **Exortação Apostólica: *Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____ **Exortação Apostólica Pós-Sinodal: *Amoris Laetitia***. São Paulo: Loyola, 2016.

_____ **Discurso aos participantes da plenária do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos**, 10/11/2016. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco_20161110_plenaria-unita-cristiani.html. Acesso em 18 novembro de 2021.

_____ **Carta Encíclica *Laudato Sí***, sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____ **Carta Encíclica *Fratelli Tutti***. São Paulo: Paulinas, 2020.

_____ **Unidade não é uniformidade, mas sinfonia**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-06/papa-francisco-delegacao-patriarcado-ecumenico-constantinopla.html>. Acesso em: 17 fev. 2022.

FRANGIOTTI, Roque. **História das Heresias: (séculos I-VII)**, conflitos ideológicos dentro do cristianismo. São Paulo: Paulus, 1995.

JOÃO PAULO II, Papa. **Biografia de João XXIII**. Disponível em: https://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20000903_john-xxiii_po.html. Acesso em: 09 Mar de 2021.

_____ **Discurso do Santo padre João Paulo II aos participantes no “dia de oração pela paz” em Assis**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2002/january/documents/hf_jp-ii_spe_20020124_discurso-assisi.html. Acesso em 21 maio 2021.

_____ **Encontro do Santo padre com sua Beatitude Teoctisto e com os membros do Santo Sínodo**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/johnpaulii/pt/speeches/1999/may/documents/hf_jp-ii_spe_19990508_romania-patriarc.html. Acesso em: 24 maio 2021.

_____ **Santa missa no dia do perdão do ano santo de 2000: Homilia do Papa João Paulo II**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2000/documents/hf_jp-ii_hom_20000312_pardon.html. Acesso em 26 maio de 2021.

_____ **Carta Encíclica *Ut Unum Sint***: sobre o empenho ecumênico (UUS). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25051995_ut-unum-sint.html. Acesso em 27 maio 2021.

JOÃO XXIII, Papa. ***Gaudet Mater Ecclesia***. Discurso de sua santidade Papa João XXIII na abertura solene do SS. Concílio. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html. Acesso em 15 abr. 2021.

_____ **Discurso del santo padre Juan XXIII a los observadores delegados en el Concilio.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/es/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621013_osservatori-delegati.html. Acesso em: 16 abr. 2021.

LANGA apud GONÇALVES, José Mário. **Uma questão de poder: a repressão aos donatistas na Epistula 173 de Agostinho de Hipona.** Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/750>>. Acesso em: 16 set. 2020.

LEFEBVRE, Mons. Marcel. **Do liberalismo à apostasia: uma tragédia conciliar.** Rio de Janeiro: Permanência, 1991.

KASPER, Walter. **Que todas sejam uma: o chamado à unidade hoje.** São Paulo: Loyola, 2008.

MARCOLINO, Reginaldo. SANTOS, Danilo Nobre. **A Fratelli Tutti: A cultura do Encontro e a Educação Integral na perspectiva da Fraternidade Universal.** Revista Contemplação. Ed. Especial. Disponível em: <http://www.fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/296/335>. Acesso em: 10 de fev. 2021. p. 154.

MARKSCHIES, Christoph. De Meados do século II até o Final do século III. In: KAUFMANN, Thomas; KOTTJE, Raymund; MOELLER, Bernd; WOLF, Hubert. **História Ecumênica da Igreja: Dos primórdios até a Idade Média.** São Paulo: Paulus, Sinodal, Loyola, 2010.

MARTINA, Giacomo. **História da Igreja: De Lutero a nossos dias, I- O período da Reforma.** São Paulo: Loyola, 2014.

MONDONI, Danilo. **O Cristianismo na Antiguidade.** São Paulo: Loyola, 2014.

_____ ***E os cristãos se dividiram. Das reformas ao Vaticano II.*** São Paulo: Loyola, 2015.

O'MALLEY, John W. **Quando os bispos se reúnem: um ensaio que compara Trento, o Vaticano I e o Vaticano II.** 70, 2020.

_____ **O que aconteceu no Vaticano II.** São Paulo: Loyola, 2014.

PASSOS, João Décio; Sanchez, Wagner Lopes. Coord. WOLFF, Elias. **Vaticano II: 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica.** São Paulo: Paulus, 2014.

Perfil biográfico de João Paulo II (1920 – 2005). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/biografia/documents/hf_jp-ii_spe_20190722_biografia.html. Acesso em 20 maio 2021.

PAULO VI, Papa. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 17 fev. 2022.

PIERINI, Franco. **A Idade Antiga 1. Curso de história da Igreja.** São Paulo: Paulus, 2018.

PIO IX, Papa. **Arcano Divinae.** Disponível em:
<http://www.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/litterae-apostolicae-arcano-divinae-8-septembris-1868.html>. Acesso em: 22 Mar 2021.

_____ **Iam Vos Omnes.** Disponível em:
<http://www.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/litterae-apostolicae-iam-vos-omnes-13-septembris-1868.html>. Acesso em: 22 Mar 2021.

PIO XI, Papa. **Mortalium Animos.** Disponível em:
http://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19280106_mortalium-animos.html. Acesso em: 28 Mar 2021.

PONTÍFICO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. **Ut Unum Sint: 40 anos de ecumenismo.** Centro televisivo Vaticano. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=f5NJ6qXyqbg&t=13s>. Acesso em 17 abr. 2021.

REIS, Daniel Aarão, prefácio. MONTENEGRO, Antonio Torres. **Travessias: Padres europeus no Nordeste do Brasil (1950 – 1990).** Recife: Cepe, 2019.

SARTO, Pablo Blanco. **Bento XVI: O Papa Alemão.** Volume I. São Paulo: Molokai, 2019.

_____ **Bento XVI: O Papa Alemão. Volume II.** São Paulo: Molokai, 2019.

SATINELLI, Francesca. **A fraternidade entre as religiões, a grande herança de Assis 1986**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-10/fratelli-tutti-assis-padre-dell-olio-fraternidade.html>. Acesso em 21 maio 2021.

SESBOUÉ, Bernard; BOURGEOIS, Henri; TIHON, Paul. **História dos Dogmas: Os sinais da Salvação: séculos XII – XX**. São Paulo: Loyola, 2013.

SESBOUÉ, Bernard; LADARIA, L. F; GROSSI, V. Lécivain. **História dos Dogmas: O Homem e sua Salvação: séculos V – XVII**. São Paulo: Loyola, 2003.

SOUZA, Ney. **História da Igreja: notas introdutórias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

SOUZA, Ney. DIAS, Tiago Cosmo S. **Por uma reforma do Papado: história, apelos e caminhos à luz do Pontificado do Papa Francisco**. Revista de Cultura Teológica, ano XXIX, nº 98 – Jan – Abr 2021. Disponível em: 52195-Texto do artigo-161071-1-10-20210416.pdf. Acesso em 20 Out 2021.

STADLER, Thiago David. **Arrependimento e Cristianismo em Plínio, o Jovem**. Disponível em: <https://www.academia.edu/11451504/Arrependimento_e_cristianismo_em_Pl%C3%ADnio_o_Jovem>. Acesso em 01 set. 2020.

SUESS, Paulo. **A propósito da Evangelização explícita: A declaração Dominus Iesus revisitada**. Perspectiva Teológica, ano XXXVIII, n 103. Set/Dez 2005. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/381/724>. Acesso em: 19 jul 2021.

VERDETE, Carlos. **História da Igreja Católica: Das origens até ao Cisma do Oriente (1054)**. São Paulo: Paulus, 2009.

ZEZINHO. Padre. **As ofensas contra o Papa atestam ódio e polarização**. Diálogo e fé seguem outro caminho, o de Francisco. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-02/ofensas-papa-francisco-brasil-defesa-odilo-scherer.html>. Acesso em: 20 dez 2021.

WOLFF, Elias. **Vaticano II: 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2014.

_____ ***Unitatis Redintegratio, Dignitatis Humanae, Nostra Aetate:***
Textos e comentários. São Paulo: Paulinas, 2012.

_____ **Igreja em Diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2018,